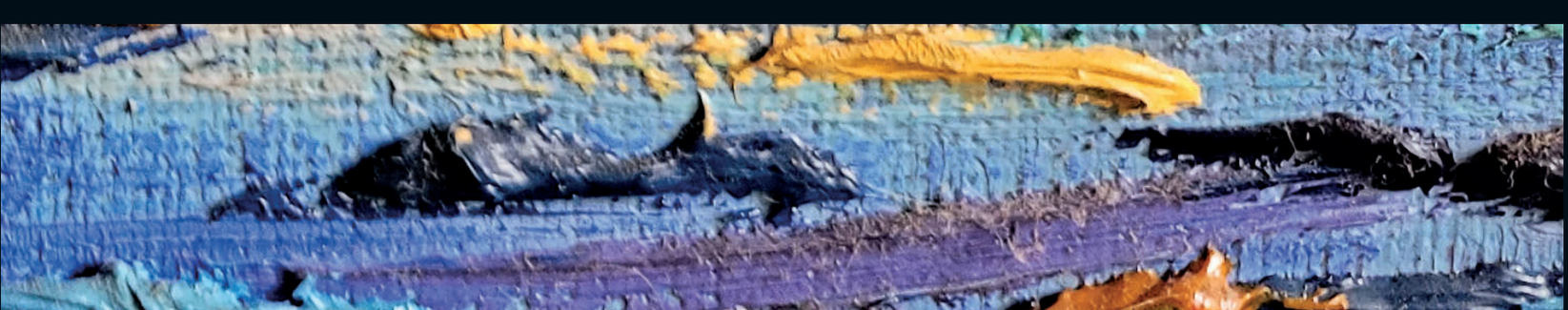
Codevasf 50 Anos

Legado de Desenvolvimento

Codevasf
Legado de Desenvolvimento



Codevasf 50 Anos

Legado de Desenvolvimento

Codevasf

Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba - 2024

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Integração e do Desenvolvimento Regional
Waldez Góes

Diretor-Presidente
Marcelo Andrade Moreira Pinto

Diretor da Área de Revitalização e Desenvolvimento Territorial
José Vivaldo Souza de Mendonça Filho

Diretor da Área de Irrigação e Operações
Luís Napoleão Casado Arnaud Neto

Diretor da Área de Desenvolvimento e Infraestrutura
Henrique de Assis Coutinho Bernardes

Diretor da Área de Governança e Sustentabilidade
Gilliano Fred Nascimento Cutrim

Gerente-Executivo da Área de Estratégia e Finanças
Lucas Felipe de Oliveira

Gerente-Executiva da Área de Administração e Tecnologia
Rosangela Soares Matos

Superintendentes Regionais

Marco Antônio Graça Câmara - 1ª SR (MG)
Harley Xavier Nascimento - 2ª SR (BA)
Edilázio Wanderley de Lima Filho - 3ª SR (PE)
Thomas Jefferson França da Costa - 4ª SR (SE)
João José Ferreira Filho - 5ª SR (AL)
Miled Cussa Filho - 6ª SR (BA)
Marcelo Vaz da Costa e Castro - 7ª SR (PI)
Clóvis Luís Paz Oliveira - 8ª SR (MA)
Abelardo Vaz Filho - 9ª SR (GO)
César Félix Fragoso - 10ª SR (TO)
Hilton Rogério Maia Cardoso - 11ª SR (AP)
Lindberg Natal Barbosa Tinôco - 12ª SR (RN)
Irlen Braga dos Guimarães - 13ª SR (PB)
Marlos Costa de Andrade - 14ª SR (CE)
Gustavo Henrique de Andrade Melo - 15ª SR (PE)
Antônio Romeu Pereira Souto Filho - 16ª SR (MG)

Organização de
Otoniel Fernandes Neto

Codevasf 50 Anos

Legado de Desenvolvimento

Brasília, DF
Codevasf
2024

© 2024 – Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba – Codevasf
© 2024 – Otoniel Fernandes Neto

É permitida a reprodução de dados, informações e ilustrações contidas nesta publicação, desde que citada a fonte. É vedada a comercialização de qualquer conteúdo.

Disponível em: http://www.codevasf.gov.br/principal/publicacoes/publicacoes-atuais

Idealização: Marcelo Andrade Moreira Pinto
Concepção: Izabel Sena
Organização: Otoniel Fernandes Neto
Introdução: Antônio Félix Domingues
Textos Codevasf: Juliana Bichuette com informações da Assessoria de Comunicação da Codevasf
Pesquisa histórica e geográfica: Antônio Félix Domingues
Coordenação editorial e produção: Otoniel Arte Brasil
Pinturas e direção artística: Otoniel Fernandes Neto
Projeto gráfico e arte final: Luiz Augusto Correa de Sá Lordelo da Rocha Maia
Editoração e composição: Luiz Augusto Correa de Sá Lordelo da Rocha Maia
Pesquisa literária e iconográfica: Otoniel Fernandes Neto
Digitalização das pinturas do São Francisco: Cido e Kasuo Okubo
Digitalização das pinturas do Araguaia, Parnaíba e Tocantins: Eduardo Peixoto
Digitalização das pinturas do Itapecuru, Mearim e demais bacias: Elson Fernandes
Assessoria cultural: Helder de Castro Mouzinho e Marilda Bastos
Revisão ortográfica e textual: Antônio Félix Domingues e Juliana Bichuette
Normalização bibliográfica: Nilva Chaves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Codevasf 50 anos : legado de desenvolvimento / Organização de Otoniel Fernandes Neto.
– Brasília, DF : Codevasf, 2024.
256 p. : il. fots. color. p&b, pinturas.

ISBN 978-65-88380-13-0

1. Codevasf. 2. Desenvolvimento regional. 3. História. 4. Geografia. 5. Literatura. 6. Folclore. 7. Pintura.
I. Fernandes Neto, Otoniel. II. Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba.

CDU: 332.146.2

Companhia de Desenvolvimento dos
Vales do São Francisco e do Parnaíba - Codevasf
SGAN 601 - Conjunto I - Ed. Deputado Manoel Novaes
CEP 70830-019 - Brasília – DF
Contato: (61) 2028-4300; cerimonial@codevasf.gov.br

FSC www.fsc.org
MISTO
Papel produzido a partir de fontes responsáveis
FSC® C092808

Pescadora, óleo 90X70 cm

Agradecimentos:

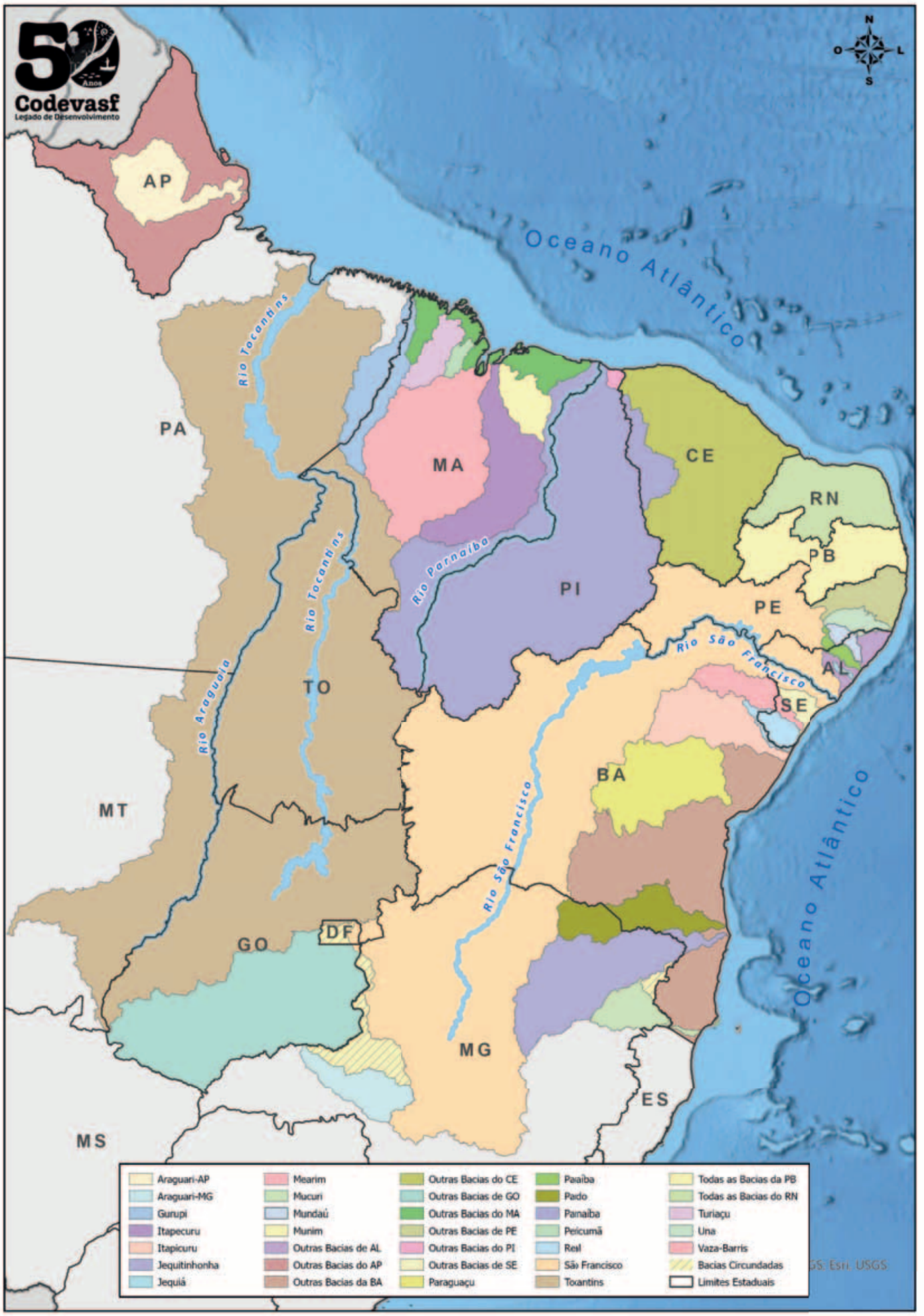
Academia Piauiense de Letras (APL)
Agência Nacional de Águas (ANA)
Academia de Letras e Artes do Nordeste Goiano (Alaneg)
Arquivo Público do Estado do Piauí (APPI)
Biblioteca Geraldo Rocha (BGR), da Codevasf
Biblioteca Isaac Kerstenetzky, do IBGE
Casa de Cultura Euclides da Cunha
Casa de Oswaldo Cruz (COC) – Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)
Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf)
Empresa de Turismo do Piauí (PIEMTUR)
Emutur Pirapora
Farol da Foz
Faunart Filmes & Produções Artísticas
Fundação Assis Chateaubriand (FAC)
Fundação Cultural do Piauí (Fundac)
Fundação Dr. Raul Bacellar
Fundação Grintur
Fundação Museu do Homem Americano (Fumdham)
Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai)
Fundação Rio Parnaíba (Furpa)
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)
Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB)
Ministério da Cultura (MinC)
Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional (MIDR)
Museu das Bandeiras (Muban)
Museu Histórico e Artístico do Maranhão (MHAM)
Museu do Piauí – Casa Odilon Nunes
Universidade Estadual do Tocantins (Unitins)
Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf)
Vertente Eventos

Adelinho Brasil, Alexandre Curado, Aline Camargo, Aline Lopes de Lacerda, Aline Sampaio, Anderson Rabelo, André Luiz Gomes Koehne, Athadeu Ferreira da Silva, Bianca Rezende, Caio Barbosa Ribeiro, Cássio Moreira, Daniela Garcês Viana Lopes, Débora Milena Niedzeilski Ferreira, Demétrios Rocha, Edna Sousa Santos, Eduardo Motta, Erondina Moura Sena, Guilherme Almeida Gonçalves de Oliveira, Felisberto Garrido, Fernando Pires, Flávio Cabral, Frederico Celente, Gerson Cestari, Gustavo Grassi, Helder Mouzinho, Henrique Guelber, Hermes Novais Neto, Hugo Sampaio, Ione Carvalho Araújo, Izabel Sena, Jaciara de Aguiar Alves, João Rogério de Lima Azevedo Júnior, Jocenilton Santos, José Alves de Siqueira Filho, José Santos, José Luís Oliveira, Julimar Fernandes, Kauem Simões, Keyla Mascarenhas, Lucas Felipe de Oliveira, Luciana Lau, Luiz Roberto da Rocha Maia, Luiz Flávio Cappio, Marcel Assunção, Marcelo Peixoto, Márcio Araújo, Maria Clara Almeida, Maria da Conceição da Silva, Maria do Socorro Cavalcante Maranhão, Mariângela Diniz, Marinalva Barros, Marisa Cordeiro Roque, Marta Morosini, Nathacha Regazzini, Nilva Chaves, Ocelo Rocha, Patrícia Rabelo de Amorim, Raul Cavalcante Maranhão, Regis Cavalcante Maranhão, Ricardo Lisboa, Robério Góes, Robson Eleutério, Roney Arnout, Ruth Cavalcante Maranhão, Sandra de Carlo, Thiago Brandão, Vivaldo Mendonça.

Cena ribeirinha, Zinclar/CBHSF - Divulgação/Codevasf

"Nada é mais importante no estudo do homem
do que as suas relações com a água..."

Gilberto Freyre



Bacias Hidrográficas da Codevasf, AG/GAF/UGG - Codevasf

SUMÁRIO

Apresentação 13

Galeria de Presidentes 16

Quadro atual da Diretoria 19

Superintendentes Regionais 20

Linha do Tempo 23

Introdução 29

A Codevasf e o seu Legado de Desenvolvimento 59

Bacia do São Francisco Ilustrada 95

Bacia do Parnaíba Ilustrada 133

Bacia do Tocantins Ilustrada 159

Bacia do Araguaia Ilustrada 187

Bacias do Itapecuru e Mearim Ilustradas 211

Outras Bacias Ilustradas 233

Referências 249

Canoeiros ao Luar, Rio São Francisco, óleo 70X100 cm

Velho Chico
Otoniel 99

Benção das águas, Clara Produções - Divulgação/MIDR

Apresentação

50 Anos de História, Legado de Desenvolvimento

Caros leitores,

Quando escolhemos essa frase, “Legado de Desenvolvimento”, para representar esse marco temporal da passagem dos 50 anos da Codevasf, o fizemos com a autoridade dos resultados e entregas da Companhia, que nasceu em 1974, dinamizando uma agenda que sempre se orientou por criar oportunidades, viabilizar investimentos, planejar e executar as pautas de regiões que foram transformadas por sua existência.

Essa história foi construída por mulheres e homens comprometidos com as causas coletivas e dedicados aos estudos técnicos, coleta de dados, análises e aplicação dos conhecimentos acumulados em benefício da sociedade e do planeta. Esses benefícios estão representados nas oportunidades geradas com produção de alimentos, infraestrutura, condições dignas de vida nas cidades, logística, água nas torneiras, esgotamento sanitário, destinação correta de resíduos urbanos, organização comunitária, governança territorial, recuperação ambiental e atualização permanente das necessidades, fortalecendo a nossa missão institucional.

Continuaremos dedicados a melhorar cada vez mais, não só internamente, mas, também, no que conseguimos levar a todos os municípios em que hoje atuamos, pois sabemos que o destino da Codevasf é servir ao povo brasileiro, formar equipes capazes de executar essa nobre missão e construir os próximos 50 anos de legado, olhando felizes para o passado e dedicados a construir o futuro!

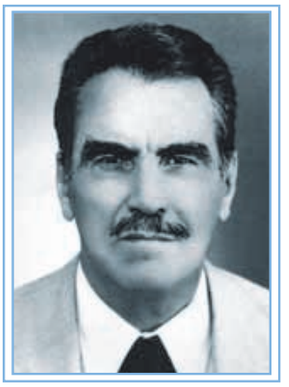
Marcelo Andrade Moreira Pinto

Mulheres no campo - Divulgação/Codevasf

Canoeiros, Zinclar/CBHSF - Divulgação/Codevasf

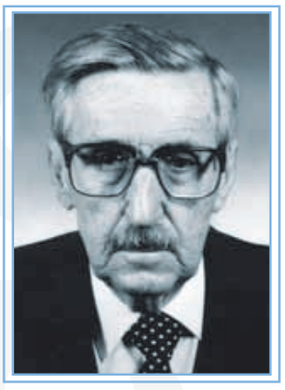
Galeria de Presidentes

Paulo Peltier de Queiroz
CVSF - 1949 a 1954



Aristóbulo Codevilla Rocha
CVSF - 1954 a 1955

Assis Scaffa
CVSF - 1956 a 1960



Dalmo Guimarães Pontual
CVSF - 1961

Delsuc Moscoso de Oliveira
CVSF - 1961 a 1962

Renato Rodemburg
CVSF - 1962 a 1963

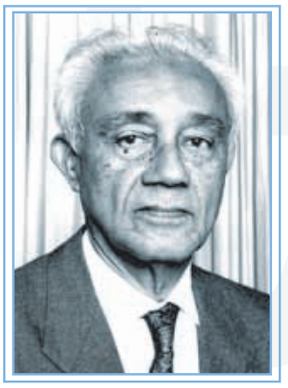
João Gomes Sobrinho
CVSF - 1963 a 1967

Humberto Duarte Rangel
Suvale - 1967 a 1968

Carlos Cristiano Cotrim Soares
Suvale - 1968 a 1969

Wilson Santa Cruz Caldas
Suvale - 1969 a 1974

Nilo Peçanha Siqueira
Codevasf - 1974 a 1979

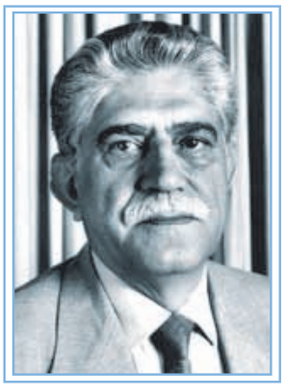


Erasmo José de Almeida
Codevasf - 1979 a 1985

Eliseu Roberto de Andrade Alves
Codevasf - 1985 a 1990

Antonio José Simões
Codevasf - 1990

Erasmo José de Almeida
Codevasf - 1990 a 1991



Airson Bezerra Lócio
Codevasf - 1991 a 2003

Márcio Araújo de Lacerda
Codevasf - 2003

Francisco Guedes Alcoforado Filho
Codevasf - 2003 a 2004

Luiz Carlos Everton de Farias
Codevasf - 2004 a 2007

Orlando Cezar da Costa Castro
Codevasf - 2007 a 2011

Guilherme A. Gonçalves de Oliveira
Codevasf - 2012

Elmo Vaz Bastos de Matos
Codevasf - 2012 a 2015

Felipe Mendes de Oliveira
Codevasf - 2015 a 2016

José Alexandre da Costa Machado
Codevasf - 2016

Kênia Régia Anasenko Marcelino
Codevasf - 2016 a 2017

Antonio Avelino Rocha de Neiva
Codevasf - 2017 a 2019

Marco Aurélio Ayres Diniz
Codevasf - 2019

Sérgio Luiz de Souza Costa
Codevasf - 2019

Marcelo Andrade Moreira Pinto
Codevasf - Atual Presidente

Quadro Atual

Diretor-Presidente

Marcelo Andrade Moreira Pinto

Diretor da Área de Revitalização e Desenvolvimento Territorial

José Vivaldo Souza de Mendonça Filho

Diretor da Área de Irrigação e Operações

Luís Napoleão Casado Arnaud Neto

Diretor da Área de Desenvolvimento e Infraestrutura

Henrique de Assis Coutinho Bernardes

Diretor da Área de Governança e Sustentabilidade

Gil Cutrim

Gerente-Executivo da Área de Estratégia e Finanças

Lucas Felipe de Oliveira

Gerente-Executiva da Área de Administração e Tecnologia

Rosangela Soares Matos

Superintendentes Regionais

Marco Antônio
Graça Câmara
1ª SR (MG)

Harley Xavier
NascImento
2ª SR (BA)

Edilázio Wande-
ley de Lima Filho
3ª SR (PE)

Thomas Jefferson
França da Costa
4ª SR (SE)

João José Fer-
reira Filho
5ª SR (AL)

Miled Cussa Filho
6ª SR (BA)

Marcelo Vaz da Cos-
ta e Castro
7ª SR (PI)

Clóvis Luís Paz
Oliveira
8ª SR (MA)

Abelardo Vaz Filho
9ª SR (GO)

César Félix Fragoso
10ª SR (TO)

Hilton Rógerio
Maia Cardoso
11ª SR (AP)

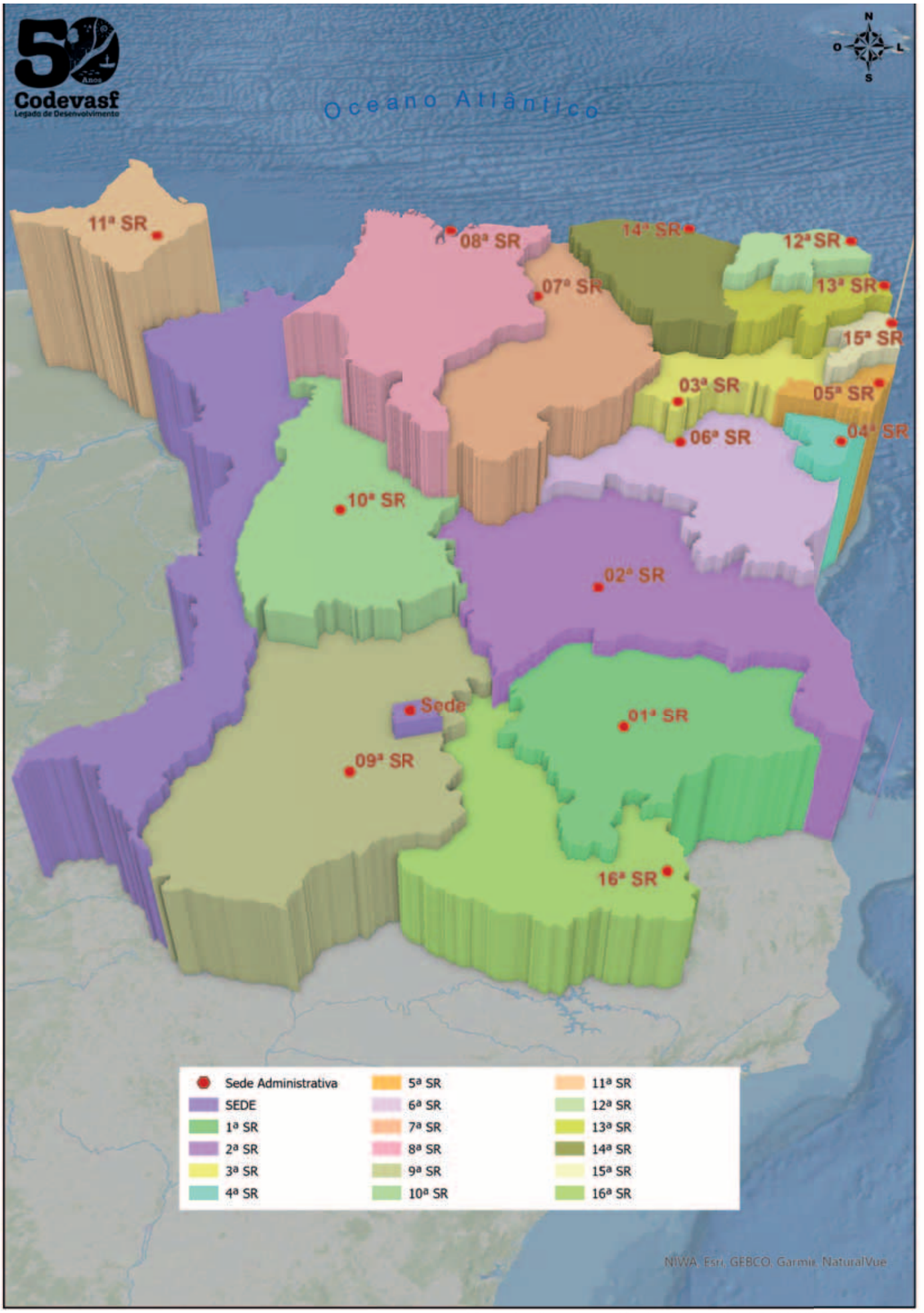
Lindberg Natal
Barbosa Tinôco
12ª SR (RN)

Irlen Braga dos
Guimarães
13ª SR (PB)

Marlos Costa de
Andrade
14ª SR (CE)

Gustavo Henrique
de Andrade Melo
15ª SR (PE)

Antônio Romeu
Pereira Souto Filho
16ª SR (MG)



Mapa das Superintendências Regionais, AG/GAF/UGG - Codevasf

O RIO SÃO FRANCISCO

No sertão brasileiro,
Corre um rio magistral,
Velho Chico, o rei das águas,
Oh que rio sensacional!
Da nascente à sua foz,
É um símbolo fenomenal.

Em Minas Gerais é gerado,
E vai o Brasil a cruzar
E percorre a Bahia,
Chegando a Pernambuco.
Passando por Sergipe
E em Alagoas encerra o percurso.

Seus afluentes são muitos,
Alguns irei citar: Rio das Velhas,
Jequitaí, Paraopeba e Carinhanha
Todos juntos levam vida,
Prosperidade e fartura.
O Velho Chico é lenda e cultura.

Na cidade de Juazeiro,
Sua fama é constante.
Do outro lado Petrolina,
Velho Chico é esperança reconfortante.
E para os povos ribeirinhos,
É um bondoso gigante.

São Francisco, rio querido,
Que a história imortalizou,
Com carrancas, barcos e seus pescadores,
Muitas vidas ele gerou.
E nas festas e romarias,
O seu nome eternizou.

Hoje o Velho Chico pede ajuda,
Sua água está a minguar,
Desmatamento, assoreamento e poluição,
Fazem ele agonizar.
Necessita de apoio,
E a Codevasf veio lhe ajudar.

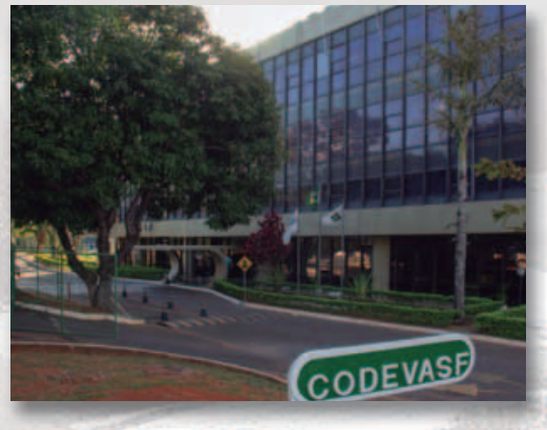
São Francisco rio amado,
És provedor do Sertão,
Alimente nosso povo
Irrigando nosso chão.
Para que o verde se renove,
E floresça o coração.

Délio Luiz Feitosa

Linha do Tempo

Sobre a Codevasf

A Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf) é uma empresa pública de direito privado, de capital social pertencente integralmente à União e vinculada atualmente ao Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional (MIDR).



Nosso propósito é construir caminhos de oportunidades, integrando regiões e transformando vidas de forma planejada e sustentável. Nossa missão é promover o desenvolvimento regional de forma integrada e equilibrada nas bacias hidrográficas, contribuindo para a redução das desigualdades. Nossa visão é ser referência na execução de políticas públicas para o progresso regional. Atuamos nas seguintes linhas de negócio: segurança hídrica, agricultura irrigada e economia sustentável. O Pisf está inserido nessa atuação.

LINHA DO TEMPO

1948

15 de dezembro de 1948
Sancionada a Lei nº 541, que criou a Comissão do Vale do São Francisco (CVSF).

* Deputado Manoel Novaes - criador da CVSF

*

1952

Criação da Colônia Agropecuária do Vale do Paracatu, hoje Unidade de Bovinocultura de Brasilândia de Minas (MG), 1ª UBZ.

* Centro agropecuário
** Vista panorâmica da fazenda de Brasilândia

* **

1961

Inauguração da Barragem de Três Marias (MG), no Alto São Francisco.

* Inspeção técnica do Presidente Juscelino Kubitschek

*

1967

Criação da Superintendência do Vale do São Francisco (Suvale), pelo Decreto-Lei nº 292, em substituição à CVSF.

*

1968

*Ministro do Interior Rangel Reis e 1º Presidente da Codevasf, Nilo Peçanha.

Início do funcionamento do Perímetro Irrigado Bebedouro, localizado no município de Petrolina (PE), no Submédio São Francisco.

1973

Início do funcionamento do Perímetro Ceraíma, localizado no município de Guanambi (BA), no Médio São Francisco.

Ministro do Interior Rangel Reis e 1º Presidente da Codevasf, Nilo Peçanha

1974

Criação da Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (Codevasf), instituída pela Lei nº 6.088, como empresa pública vinculada ao Ministério do Interior, tendo como área de atuação o Vale do São Francisco, com sede e foro no Distrito Federal (DF). Início do funcionamento do Perímetro Mandacaru, localizado no município de Juazeiro (BA), no Submédio São Francisco.

1976

Início do funcionamento do Perímetro Propriá, localizado nos municípios de Cedro de São João, Propriá e Telha (SE), no Baixo São Francisco, e criação dos Escritórios de Representação de Belo Horizonte (MG), Recife (PE) e Salvador (BA).

1978

A Codevasf assume a implantação do Perímetro de Irrigação Gorutuba, localizado no município de Nova Porteirinha (MG), no Médio São Francisco. Início do funcionamento do Projeto Betume, localizado nos municípios de Neópolis, Ilha das Flores e Pacatuba (SE), no Baixo São Francisco. Início do funcionamento do Perímetro Lagoa Grande, localizado no município de Janaúba (MG), no Médio São Francisco. Início do funcionamento do Perímetro Itiúba, localizado no município de Porto Real do Colégio (AL), no Baixo São Francisco.

1979

Início do funcionamento do Perímetro Pirapora, localizado no município de Pirapora (MG), no Alto São Francisco.

1980

Início do funcionamento do Perímetro Tourão, localizado no município de Juazeiro (BA), no Submédio São Francisco.
Início das atividades do Centro Integrado de Recursos Pesqueiros e Aquicultura de Três Marias (MG) - 1ª CIT.
Início do funcionamento do Perímetro Curaçá, localizado no município de Juazeiro (BA), no Submédio São Francisco.

1981

Início do funcionamento do Perímetro Maniçoba, localizado no município de Juazeiro (BA), no Submédio São Francisco.

1982

Início do funcionamento do Perímetro Cotinguiba/Pindoba, localizado nos municípios de Japoatã, Neópolis e Propriá (SE), no Baixo São Francisco.

1983

Criação da 5ª Superintendência Regional da Codevasf, em Penedo (AL). Criada pela Resolução 0300, 07/07/1983.

Projeto de Irrigação Itiúba, no município de Porto Real do Colégio (AL)

1984

Inauguração do Perímetro de Irrigação Senador Nilo Coelho, localizado nos municípios de Casa Nova (BA) e Petrolina (PE), no Submédio São Francisco.
Início do funcionamento do Projeto Boacica, localizado nos municípios de Igreja Nova e Penedo (AL), no Baixo São Francisco.

1991

Criação da 6ª Superintendência Regional da Codevasf, em Juazeiro (BA). Transferência da Sede da 2ª Diretoria Regional da Codevasf da cidade de Salvador para a cidade de Bom Jesus da Lapa (BA).

Projeto de Irrigação Salitre.

1993

Criação do Projeto Amanhã, que visa, entre outros objetivos, a capacitação de jovens rurais dos Vales do São Francisco e do Parnaíba.

1996

Início do funcionamento do Perímetro Mirorós, localizado nos municípios de Gentio do Ouro e Ibipeba (BA), no Médio São Francisco.

2000

A Codevasf teve sua área de atuação ampliada para a Bacia Hidrográfica do Rio Parnaíba, por força da Lei nº 9.954, alterando a razão social da empresa para Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba.

2001

Criação da 7ª Superintendência Regional da Codevasf em Teresina (PI) - Deliberação nº 004.

Apicultura na 7ª SR.

2003

Criação do Programa de Revitalização da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco.

Ecossistema - corpo d'água preservado.

2007

A Codevasf atua levando água à população rural de povoados e vilarejos, por meio de Sistemas Simplificados de Abastecimento de Água, captada numa fonte hídrica perene (rios, poços artesianos ou profundos), e a moradores dispersos ou isolados, leva água de chuvas coletada dos telhados das casas por calhas e tubos, armazenada em cisternas. Barreiros e barragens subterrâneas também armazenam água de chuvas para dessedentação animal.

2010

Ampliação da área de atuação da Codevasf para os Vales dos Rios Itapecuru e Mearim, no estado do Maranhão, por meio da Lei nº 12.196. Início do funcionamento do Perímetro Salitre, localizado no município de Juazeiro (BA), no Submédio São Francisco.

2012

Criação da 8ª Superintendência Regional da Codevasf, em São Luís (MA).

Inauguração do Projeto de Colônia do Gurguéia, hoje denominado Projeto de Irrigação Dr. Hildo Diniz (PI).

2014

A Codevasf passa a ser operadora oficial do sistema de gestão do Projeto de Integração do Rio São Francisco com Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional (Pisf).

Estação de bombeamento típica

2020

Criação das novas Superintendências Regionais, por meio de Deliberação do Consad nº 15, de 25 de maio de 2020:

- 9ª SR - Palmas (TO)
- 10ª SR - Goiânia (GO)

Lei nº 14.053/2020:

A Codevasf passou a atuar em 3.113.903,78 km², perfazendo 36,59% do Território Brasileiro, com 2.675 municípios, nos estados de Alagoas, Amapá, Bahia, Ceará, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe, Tocantins, além do Distrito Federal.

2021

Criação das novas Superintendências Regionais, por meio de Deliberação do Consad nº 23, de 26 de abril de 2021:

- 11ª SR - Macapá (AP)
- 12ª SR - Natal (RN)

2022

Criação das novas Superintendências Regionais, por meio de Deliberação do Consad nº 19, de 30 de maio de 2022:

- 13ª SR - João Pessoa (PB)
- 14ª SR - Fortaleza (CE)

Concessão do Projeto de Irrigação do Baixio de Irecê, primeiro projeto do gênero a ser levado a leilão no país.

2023

Criação das novas Superintendências Regionais, por meio de Deliberação do Consad nº 35, de 7 de junho de 2023:

- 15ª SR - Recife (PE)
- 16ª SR - Belo Horizonte (MG)

2024

Leilão do Projeto Hidroagrícola Jequitaí (MG), na B3, em São Paulo.

A Codevasf completa 50 anos de existência.

Com meio século de história, a Companhia segue comprometida com sua missão de promover desenvolvimento regional de forma integrada e sustentável e contribuir para a redução de desigualdades.

Irrigação por aspersor, década de 70 - Arquivo / Codevasf

INTRODUÇÃO

Os anos pós-Segunda Guerra trouxeram ao Brasil um ar de vontade desenvolvimentista, de renovação. Estávamos do lado vencedor, nos aliamos ao projeto de mundo que triunfou, no qual a democracia era um valor associado à vitória e ao futuro. Muitos anelos do "gigante adormecido" começaram a ser sonhados novamente, sonhos que, realizados, nos colocariam em outro patamar civilizatório.

Quando olhávamos os últimos 50 anos, nos deparávamos com um Brasil de contradições: rico nas Regiões Sul e Sudeste, devido, por exemplo, às exportações do café, e mais vulnerável na região Nordeste, ante às exportações do algodão, permeadas por dificuldades de logística, situação agravada pelas secas – basta mencionar a grande seca de 1915, retratada pela pena de Rachel de Queiroz, a primeira Mulher Imortal da Academia – e pelos torpedeamentos dos navios na Primeira Guerra, que afetaram todas as exportações brasileiras. Somemos a isso as dificuldades das áreas quase vazias nas imensidões esquecidas do Centro-Oeste, então voltado apenas à pecuária nos ermos, e o extrativismo incipiente no Norte, onde já declinava a época dourada da borracha, que produziu muita riqueza para tão poucos. Diante desse panorama de deficiências, fazia-se necessário integrar o Brasil, irrigar as terras, rasgar grandes estradas, expandir os trilhos, construir pontes, consolidar a navegação interior, produzir e transmitir eletricidade, iniciar a produção de aço e de petróleo, instalar indústrias. Também entre esses sonhos estava o da diminuição da pobreza, da ampliação da educação, da resolução das grandes secas que geravam legiões de retirantes que, sem nada, vagavam suas desesperanças para outras regiões do país continente, de grandes potencialidades deitadas em "berço esplêndido". Pulsava em nós a inquietude, o frescor de todo o início de uma nova era que sentíamos começando.

Em 1946, nova Constituição foi votada, particularizando uma região do país que se comprometia a mudar-lhe os destinos. A Bacia do São Francisco, o chamado "Rio da Integração Nacional", recebeu a devida atenção, especialmente nos apelos de um brilhante Parlamentar nordestino, cujo nome a Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf) se orgulha de ter utilizado para batizar o seu Edifício Sede, em Brasília. Manoel Novaes e outros Constituintes de 1946 estabeleceram um prazo de vinte anos para que o Governo federal executasse um plano para o aproveitamento das potencialidades econômicas e para defesa dos efeitos das secas. Em 1948, por intermédio da Lei n° 541, de 15 de dezembro de 1948, foi criada a Comissão do Vale do São Francisco (CVSF), inspirada no sucesso de uma intervenção do Governo dos EUA que, em plena depressão econômica gerada pela quebra da Bolsa de Nova Iorque, em 1929, criou a *Tennessee Valley Authority* (TVA), entidade que, num prazo de quinze anos, mudou completamente a situação econômica e social da Bacia do Rio Tennessee, com alcance nos estados do Tennessee, Alabama, Mississipi, Kentucky, Carolina do Sul e Carolina do Norte, abrangendo uma área de 105 mil km^2.

Por inspiração do sucesso da TVA, já em 1945 havia sido criada a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf), para o fim específico e pontual da construção de uma hidrelétrica na Cachoeira de Paulo Afonso. A TVA foi uma das joias do plano *New Deal,* do Presidente norte-americano Franklin Roosevelt. Jogado ao chão pela referida crise de 1929, o governo dos EUA reinventou sua política econômica, deixou no acostamento os caros princípios liberais que sempre nortearam sua economia e reabriu os livros do Barão John Maynard Keynes, economista britânico que preconizava a intervenção dos governos para garantir o pleno emprego e o crescimento econômico. O *New Deal* permitiu o renascimento da forte economia dos EUA e teve Roosevelt como o único presidente a conquistar quatro mandatos, com suas bases respeitadas pelos 20 anos que sucederam a sua era, independentemente dos partidos que se seguiram no comando da Casa Branca.

Nesse contexto, a CVSF nascia com a responsabilidade de cuidar de uma área seis vezes maior que a da Bacia do Tennessee e seria a primeira vez que o Governo brasileiro criava para a região uma estrutura de planeja-

mento e execução de projetos relacionados à indústria, agricultura, mineração, transportes e energia, abrangendo uma área de 7,47% do território nacional.

O Rio São Francisco, desde tempos imemoriais, é um patrimônio da nossa geografia e da nossa cultura. Após os trabalhos da CVSF, em 1948-1967, e da Superintendência do Vale do São Francisco (Suvale), em 1967-1974, decidiu, o Governo central, pela criação da então Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco, criada com sua área inicial de atuação justamente no Vale do São Francisco, alcançando parte das áreas dos estados de Pernambuco, Alagoas, Bahia, Minas Gerais, Sergipe e Goiás, com sede e foro no Distrito Federal. A Codevasf nasceu com a missão de transformar em oportunidade as potencialidades de uma área inicial de 636.073,10 km², abrangendo um total de 508 municípios e cobrindo, reitere-se, 7,47% do território nacional. Essas capacidades imensas estavam nas águas do próprio São Francisco, na grande quantidade de solos férteis, nas montanhas espalhadas por toda a área, que guardavam em seu interior diversos minerais importantes para a agricultura, indústria e energia. A principal riqueza, todavia, era o homem que habitava a bacia, seres humanos resilientes, acostumados com a dureza da vida nordestina, a labuta em meio às secas, aqueles a quem Euclides da Cunha distinguiu com a máxima "O sertanejo é, antes de tudo, um forte". A Codevasf recebia, dessa forma, a incumbência de trabalhar com o povo neste vasto território que discriminaremos a seguir.

Rio São Francisco

Nosso "Velho Chico" é o mais importante rio genuinamente brasileiro, com 2.863 km de comprimento, uma bacia hidrográfica de 636.000 km² e a presença dos biomas da Mata Atlântica, do Cerrado e da Caatinga, banhando, em três regiões geográficas, seis estados e o Distrito Federal, e abrigando uma população de mais de 15 milhões de habitantes, em 508 municípios. Nasce no Sudeste, região venturosa do país, e vai socorrer em águas, como rio peregrino, a Região Nordeste. É uma síntese da diversidade biológica, da riqueza geológica e da desigualdade social do Brasil. O São Francisco tem sua nascente histórica no alto do Parque Nacional da Serra da Canastra, em altitudes próximas de 1.600 m, onde pequenos veios d'água são protegidos por uma frondosa mata de galeria que se destaca em meio às campinas do Chapadão de Zagaia, no município de São Roque de Minas, em Minas Gerais. Poucos quilômetros depois, despenha-se na soberba Cachoeira da Casca d´Anta, com 162,8 m de altura, que, no início dos novecentos, causou pasmo no sábio naturalista francês, que assinalara um salto de 200 m de alto. Saint-Hilaire talvez não tenha percorrido os 98,12 km até chegar à confluência com o Rio Samburá. Hoje em dia, está comprovado que a sua verdadeira nascente geográfica está no Samburá. Comprovação essa graças aos estudos criteriosos do georreferenciamento da Codevasf, realizados no início deste século, que permitiram a localização das nascentes no município vizinho de Medeiros, onde o Rio Samburá nasce na Serra d´Água e percorre 147,3 km até chegar na confluência com o braço histórico do São Francisco, no Cânion de São Leão. Por esse fato, de no ponto de encontro o braço do Samburá ser maior que o braço do rio histórico, ficou determinado que a Nascente do Samburá é a própria e verdadeira Nascente do São Francisco. Curiosidades técnicas à parte, vale mesmo parafrasear novamente o autor d'*Os Sertões*, ao asseverar que o São Francisco "deixa as regiões alpestres, alcandoradas e chega por fim às paragens pouco apetecidas, amaninhadas pelas secas". Existem, na grande bacia, diversos parques nacionais e estaduais que protegem as áreas mais interessantes e vulneráveis desse inestimável patrimônio ambiental. Um desses é justamente o Parque Nacional da Serra da Canastra, berço do São Francisco. Ainda em Minas, o Parque Nacional do Vale do Peruaçu e, depois, na trijunção BA/GO/MG, o Parque Nacional Grande Sertão Veredas. Ademais, na Bahia, as reservas biológicas da Lagoa de Itaparica e o Raso da Catarina, entre outras, até a foz, em Alagoas e Sergipe.

Os principais afluentes do Rio São Francisco são, pela margem direita, o Pará, Paraopeba, das Velhas, Jequitaí, Verde Grande e Salitre e, pela margem esquerda, Abaeté, Paracatu, Urucuia, Pandeiros, Carinhanha,

Colheita da uva, Clara Produções - Divulgação/MIDR

Corrente e o Grande. Além desses importantes tributários, vale ressaltar alguns menores, de muita relevância histórica, como o Ipanema, em Alagoas, nas terras do Zumbi dos Palmares; o Pajeú, em Pernambuco, dos acordes do Rei do Baião; o Paramirim, na Bahia, que verte da Chapada Diamantina, onde circulou a lenda das minas de ouro e prata do Muribeca; também na Bahia, o pequeno Icatu, que nasce da Serra dos Olhos d'Água, salpintando de veredas verdes as caatingas e as dunas da pitoresca região dos Brejos da Barra; o Angico, em Sergipe, quase sempre seco, onde foi emboscado Lampião e seu grupo. São muitos, portanto, os outros pequenos afluentes do "Chico" que, com todas essas contribuições hídricas, tem a vazão média na foz de 2.980 m^3/s.

O Vale, ou a Bacia, do Rio São Francisco é uma das doze regiões hidrográficas do Brasil e se compõe de quatro regiões fisiográficas, a saber: Alto, Médio, Submédio e Baixo.

O Alto São Francisco é o trecho que vai das nascentes até Pirapora, em Minas Gerais. Tem uma frequência maior de chuvas, com média de 1.372 mm, com maior volume entre outubro e abril, e é a área que mais produz água para a bacia, com clima predominante tropical úmido e temperado de altitude. A área urbana mais populosa desse trecho é a Região Metropolitana de Belo Horizonte, que fica entre os afluentes Paraopeba e das Velhas.

O Médio São Francisco é o trecho que vai de Pirapora, em Minas Gerais, onde tem início a navegação de maior porte do rio, até Remanso, na Bahia. Tem precipitação média de 1.052 mm e o clima predominante é tropical semiárido e subúmido seco. Os maiores núcleos populacionais são Pirapora, Montes Claros e Paracatu, todos municípios mineiros, Formosa (antiga Formosa dos Couros), em Goiás, e Bom Jesus da Lapa e Guanambi, na Bahia.

O Submédio São Francisco é o trecho pertencente à Bahia e a Pernambuco, indo de Remanso à cidade de Paulo Afonso. A precipitação anual média na área é de 693 mm e o clima predominante é semiárido e árido. Os maiores núcleos populacionais são Juazeiro, na Bahia, e Petrolina, em Pernambuco.

O Baixo São Francisco é o trecho que vai de Paulo Afonso até a foz, entre Alagoas e Sergipe. Sua precipitação média é de 957 mm e o clima predominante é subúmido. Os maiores núcleos populacionais são Propriá, em Sergipe, e Penedo, em Alagoas.

Na Bacia do São Francisco ocorre grande diversidade física e biológica, o que dá mais riqueza potencial à área. Há uma grande variação de altitudes, desde os 1.600 m na região das nascentes até próximo de zero na área da foz. Concomitante à altitude, temos a variação da latitude, que vai desde os 20ºS até os 8º30´S, na parte mais setentrional da bacia. Esse conjunto de condições, mais as variações de umidade e de solos, permitem uma grande diversidade biológica e favorecem diversos tipos de exploração econômica. A exemplo, temos o trabalho da Codevasf, em conjunto com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), que vem transformando a Bacia do São Francisco em produtora não apenas de frutas tropicais, mas, também, de frutas temperadas, como adiante veremos em detalhes.

O clima, como dito, apresenta uma variabilidade associada à transição do úmido para o árido, com temperaturas médias anuais oscilando entre 18 e 27 ºC, baixo índice de nebulosidade e grande incidência de radiação solar. A pluviosidade apresenta média anual de 1.036 mm e, como mencionado anteriormente, os mais altos valores de precipitação, cerca de 1.400 mm, ocorrem nas nascentes do rio, enquanto os mais baixos, com cerca de 350 mm, ocorrem entre Sento Sé e Paulo Afonso, na Bahia. O trimestre mais chuvoso é compreendido entre novembro e janeiro, contribuindo com aproximadamente 60% da precipitação anual, enquanto o mais seco é de junho a agosto, quando a evapotranspiração da bacia varia de 1.000 a 1.550 mm ao ano. À montante de Xingó, no Alto, Médio e Submédio, o trimestre mais chuvoso é de novembro a janeiro, contribuindo com 53% da precipitação anual, enquanto o período mais seco é de junho a agosto. Existe, porém, uma diferença marcante na ocorrência do período

Pescador do São Francisco, Zinclar/CBHSF - Divulgação/Codevasf

chuvoso no Baixo São Francisco, que se estende de maio a setembro.

Ainda em relação ao clima, cabe destacar uma área relevante, que extrapola o âmbito da bacia, que é o Semiárido, território vulnerável e sujeito a períodos críticos de prolongadas estiagens. As secas da região foram responsáveis pelos êxodos de parte de sua população, hoje em escala menor, devido às mitigações desses efeitos severos. O Polígono das Secas tem parte de seu território na Bacia do São Francisco e é reconhecido pela legislação como sujeito a períodos críticos de longas estiagens, com várias zonas geográficas e diferentes índices de aridez. Situa-se majoritariamente na Região Nordeste, estendendo-se até o norte de Minas Gerais. A Bacia do São Francisco possui 58% da área do Polígono, além de 270 de seus municípios ali inscritos.

Considerando a história do Rio São Francisco, consta que, no dia 4 de outubro de 1501, navegava, pela recém-descoberta costa brasileira, o geógrafo florentino Américo Vespúcio, o mais importante navegador na Esquadra comandada por Gaspar de Lemos, a serviço do Rei de Portugal, D. Manuel I, o Venturoso. A missão dessa Esquadra era mapear os acidentes da costa da Terra de Vera Cruz, fazer medições geodésicas e astronômicas, mas, principalmente, fazer um levantamento das áreas de pau-brasil. Nesse dia, de São Francisco de Assis, ao se deparar com a foz de um grande rio, Vespúcio chamou-o "Rio de São Francisco". Na carta geográfica chamada *Planisfério Cantino*, feita por geógrafos portugueses em 1502, já encontramos, no primeiro desenho feito da costa brasileira, a localização do Rio São Francisco.

Pelos registros até essa data, aquele rio era conhecido apenas pelos índios. A foz era território dos Caetés, que o chamavam de *Opará*, "rio-mar". A lenda consigna ainda ter o grande rio nascido das lágrimas da índia Irati, derramadas pela saudade de seu amado. Daí para frente há um grande conjunto de registros que contam um pouco das andanças dos homens pelo São Francisco, que foi aos poucos ganhando de seus ribeirinhos o carinhoso apelido de "Velho Chico". Já em 1545, Duarte Coelho Pereira, donatário da Capitania de Pernambuco, penetrou 40 km no rio e iniciou o povoado da Rocheira de Penedo, na margem esquerda, terras das Alagoas. Cerca de um século depois, os holandeses invadiram a região da foz do São Francisco, dominaram Penedo e ali ficaram por dez anos até serem expulsos.

Em 1553, o Rei de Portugal, D. João III, ordenou ao então Governador-Geral Tomé

Vaqueiro encourado, óleo 80X150 cm

de Souza que explorasse as nascentes do São Francisco, pois já se tinha notícia das grandes descobertas de ouro no território determinado para os espanhóis, que estava para além da Linha de Tordesilhas. A tarefa coube ao espanhol Francisco Bruza Espinoza, que entrou pelo Rio Jequitinhonha e identificou áreas aptas à criação de gado e salinas fundamentais para a pecuária, fatores que consolidaram a ocupação posterior para a realização dessa atividade na vasta região, que quatro séculos mais tarde seria o imaginário do grande escritor Guimarães Rosa. A volta de Espinoza até o mar foi feita pelo Vale do Rio Pardo – Minas Gerais e Bahia. Muitas expedições foram relatadas a partir desse período, que foram ocupando o território e estabelecendo a pecuária extensiva, que sustentou a chamada "civilização do couro", criando um outro apelido para o São Francisco, o "Rio dos Currais". Eram os tempos da vida dura das "sociedades rudes e libérrimas" (E. da Cunha) dos sertões imensos. E, como também escreveu Guimarães Rosa, "Sertão. Sabe o senhor: o sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar. Viver é muito perigoso...".

Durante 200 anos, entre 1750 e 1950, existia uma modalidade de navegação operada pelos remeiros do São Francisco que consistia em um sistema de transporte com barcaças de até 30 toneladas, conhecidas como barcas de frete. Essas barcaças, movidas por braços humanos, utilizando remos e varões, sendo decoradas com suas carrancas na proa, moviam-se principalmente desde a região de Juazeiro até a de Januária, iam, com frequência menor, até a Barra do Rio das Velhas, em Pirapora, a 20 km dali, e, mais raramente, ainda adentravam os Rios Paracatu (MG), Grande e Corrente (BA).

Os remeiros eram personagens emblemáticas, que ostentavam um grande calo no peito devido aos pontaços das varas que lhes feriam o peitoral próximo à clavícula e entoavam muitas cantigas para atenuar as duras penas do trabalho diuturno. Tinham dois protetores, Bom Jesus da Lapa e a Carranca. Essa, quando utilizada, tinha o nome de figura de barca, figura de proa ou leão de barca, e trazia a força contra os maus espíritos, como a "Mãe d´água" e o "Nego d´água". As carrancas impressionaram Drummond, em 1970, com muita nostalgia, quando o poeta visitou uma exposição com seis peças do mestre Guarany em uma agência bancária no Rio de Janeiro. Comovido, ele escreveu *Águas e Mágoas do São Francisco*. Segundo o professor Paulo Pardal, as carrancas só foram utilizadas nas proas a partir de 1880. O remo era usado para descer o rio e as varas, varejão ou zinga, para subi-lo.

Por mais de 200 anos se estabeleceu um forte comércio em que era trazido o sal da região de Juazeiro e levado de volta couro de boi, açúcar, rapadura, fumo, farinha, carne seca, borracha de maniçoba e mangabeira e aguardente. Esporadicamente, as barcaças poderiam trazer materiais vindos de lugares mais distantes, como a Europa, esses levados até Juazeiro e de lá embarcados até os donos das Sesmarias, no vasto sertão.

Há séculos existem os vazanteiros do São Francisco. Os vazanteiros, beradeiros ou barranqueiros são os habitantes que se espalham por diversas regiões do rio e trabalham nas áreas inundáveis, como as margens e ilhas, trazem consigo raízes indígenas e negras e recebem bastante influência da vida ribeirinha. Sua ação depende muito das oscilações de nível do rio. Dedicam-se à pesca e, quando o rio está na vazante, diminuindo seu nível, vivem das lagoas e plantam culturas como o arroz, que antes da próxima cheia já terá sido colhido. Poucas comunidades dependem tanto do "Velho Chico" ou têm essa sensação de pertencimento como os vazanteiros.

Na primeira metade do século XIX, naturalistas respeitáveis fizeram importantes missões nas quais centenas de novas espécies da fauna e flora foram catalogadas, tendo também sido realizadas pesquisas de minerais. De 1816 a 1820, a tarefa foi desempenhada pelos alemães Spix e Martius, que das terras bávaras aportaram no Brasil acompanhando a Princesa Leopoldina, Arquiduquesa da Áustria, que veio para se casar com o Imperador D. Pedro I. Na sua exploração pelo interior do Brasil, Spix e Martius cruzaram diversas vezes o rio. Em 1819, chegou o já citado botânico francês Auguste de Saint-Hilaire que, na sua longa viagem até *Goyaz*, percor-

reu as cabeceiras do São Francisco. Cerca de 20 anos após essas duas expedições científicas, em 1838, foi a vez do botânico, médico e zoólogo escocês George Gardner fazer extensa viagem pelo rio.

O trabalho mais denso e cuidadoso feito para o conhecimento do São Francisco foi desenvolvido pelo engenheiro alemão Henrique Guilherme Fernando Halfeld que, como capitão, lutara contra Napoleão Bonaparte na célebre Batalha de Waterloo, em 1815. Ele chegou ao Brasil em 1825 e foi contratado para o Imperial Corpo de Estrangeiros, indo desenvolver suas atividades no estado de Minas Gerais, onde, inclusive, fundou a cidade de Juiz de Fora. De 1852 a 1854, percorreu o rio fazendo levantamentos detalhados que foram publicados em 1860, em três volumes, sendo o primeiro com relatório descritivo légua por légua, o segundo com o perfil longitudinal de todo o rio e, o último, com cartas topográficas contendo detalhes dos canais mais adequados para a navegação. Os originais dessa obra estão guardados com muito zelo na Biblioteca da Codevasf.

Merece destaque a viagem feita por D. Pedro II, em 1859, quando entrou pela foz e seguiu até as Cachoeiras de Paulo Afonso, viagem cujos registros diários são muito interessantes e contam inclusive com os desenhos feitos pelo próprio Imperador. Os informes são importantes e falam das dificuldades, potencialidades e necessidades das localidades, com os toques de realidade e despojamento com que Sua Majestade fazia sua viagem ao Nordeste do Brasil, pouco conhecido até então.

Em 1862, Emmanuel Liais, astrônomo e matemático francês, realizou, a pedido do nosso Imperador, viagem de levantamentos pelos Rios São Francisco e das Velhas, colimando, principalmente, o desenvolvimento da navegação. Um lustro depois, Sir Richard Francis Burton, com credenciais de grande intelectual e de maior explorador do mundo, também fez sua incursão pelo São Francisco e publicou a obra *Viagem de Canoa de Sabará ao Oceano Atlântico*, impressionante crônica da jornada iniciada onde é hoje a região metropolitana de Belo Horizonte, com dados sobre a geografia, a cultura e a economia dos trechos visitados. Burton estava na maturidade da sua invejável vida de explorador e funcionário qualificado do governo inglês. Ele leu atentamente os trabalhos do alemão Halfeld e, com seu olhar arguto, registrou outras nuances do grande rio.

Relevante trabalho foi feito pelo engenheiro Theodoro Sampaio, em 1879, ao acompanhar a Comissão Hidráulica, junto de outros funcionários do governo imperial. O caprichoso diário de viagem de Theodoro, filho da escravizada Domingas Paixão, contendo anotações minuciosas sobre as gentes e as paisagens, com as medições hidráulicas e os acidentes geográficos, além de desenhos e mapas feitos às margens do rio, constitui-se num dos mais qualificados acervos já feitos sobre o São Francisco.

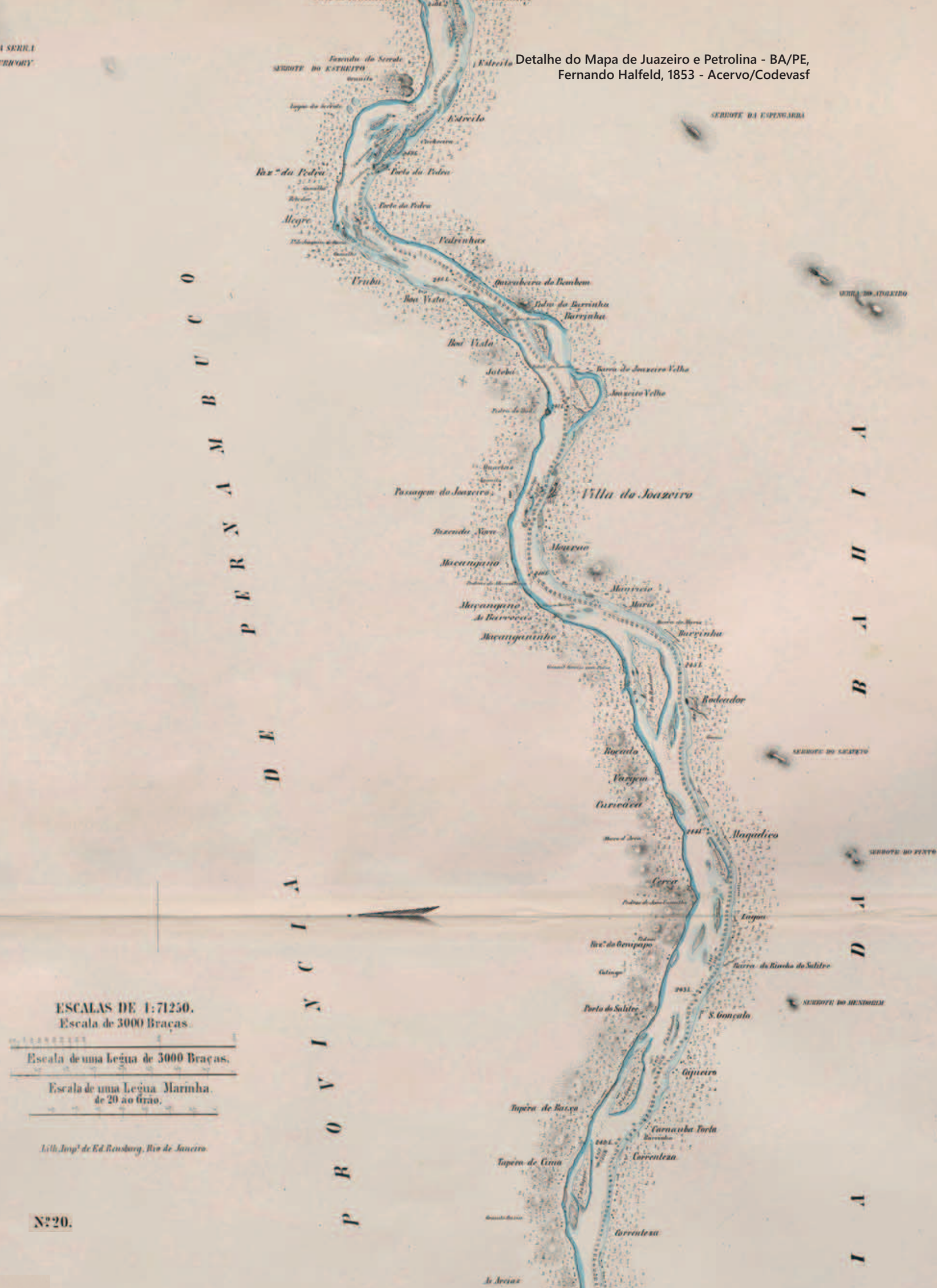
Essas várias obras, como as de Halfeld, Burton e Sampaio, são utilizadas até hoje para comparações das grandes mudanças ocorridas na bacia nos últimos 150 anos.

O final do século XIX trouxe intervenções como a navegação em barcos maiores, movidos a vapor. Inicialmente, eram pequenos navios, como o Saldanha Marinho, o primeiro deles a navegar, que passou a percorrer trechos no Rio das Velhas e no Médio São Francisco a partir de 1871. Os vapores foram crescendo de tamanho e ganharam o apelido de "gaiolas". Dos anos 1920 até 1960, eram dezenas deles operando no transporte de cargas e pessoas. Firmou-se, nessa época, o "Velho Chico", como o "Rio da Integração Nacional", entre as tantas denominações que ele recebeu: "O grande caminho da civilização", João Ribeiro; "O marrueiro do Sertão", Mário de Andrade; "Veia arterial do Brasil", Jorge Amado; "O rio que somos nós", Dom Luiz Cappio.

A importância do Rio São Francisco para a integração econômica da vasta região que compreendia também as lindes do velho estado de Goiás, daí se integrando à Bacia do Tocantins, separada pelo Espigão Mestre, é indiscutível. A navegação em seu leito é possível por mais de 1.500 km em dois trechos, a saber, de Pirapora a Juazeiro, com 1.312 km, e de Piranhas, em Alagoas, até a foz, com 208 km.

Vapor Presidente Dantas “tomando lenha”, 1911 - Acervo Fiocruz

PRESIDENTE DANTAS
OMANDO LENHA.
24 13X18 N. 22



Detalhe do Mapa de Juazeiro e Petrolina - BA/PE,
Fernando Halfeld, 1853 - Acervo/Codevasf

Como relatado anteriormente, por intermédio das barcas de frete, traziam-se cargas de Juazeiro até Pirapora e vice-versa. Por aquele tempo, produtos importados ou mais industrializados também eram levadas em carros de boi e lombos de burros desde Salvador até Juazeiro, e vice-versa, para trazer à capital baiana os produtos que vinham do fundo do sertão. Essa situação tem ampliada sua importância logística quando em 1859 é inaugurada parte da ferrovia da Estrada de Ferro da Bahia ao São Francisco (EFBSF), com destino final em Juazeiro, diminuindo consideravelmente a distância e o tempo do transbordo das cargas, e em 1871, quando o primeiro vapor, o Saldanha Marinho, começou a navegar pelas águas do São Francisco.

Em 1910, era a vez da ferrovia chegar em Pirapora, vinda de Corinto, também em Minas Gerais, obra da Estrada de Ferro Central do Brasil (EFCB), que saía do Rio de Janeiro, então capital da República. A EFCB tinha, inclusive, a pretensão de se expandir dali até o Rio Tocantins, fazendo jus ao nome Central do Brasil, cuja Ponte Mal. Hermes, de Pirapora, representou, para muitos dos isolados no oeste, a "ponte dos nossos anelos", sonhos que não se cumpriram à época. Toda essa logística sertaneja, portanto, usava o rio como eixo, mas se completava com as tropas de carga. Era um suporte operacional da "civilização do couro", que se perdurou nos sertões até o século XX.

Passados mais de 500 anos da descoberta feita por Américo Vespúcio, devemos muito a esse rio. A sociedade brasileira ganhou maturidade para compreender a grande importância do nosso "Velho Chico" e, por conseguinte, dos nossos outros caudais, atualmente nas áreas de atuação da Codevasf, principalmente no que tange à colocação, em primeira linha, dos trabalhos de recuperação ambiental, resgate social e desenvolvimento econômico, fundamentais para que todos eles sigam os seus destinos de grandes rios.

A Codevasf tem participado ativamente do processo de revitalização ambiental iniciado há 20 anos na Bacia do São Francisco e tem liderado esse processo nos últimos dez anos, com grande vulto de investimentos.

Quando da fundação da Codevasf, o São Francisco e seus afluentes compunham uma grande área com potencialidade de contribuir para a arrancada do desenvolvimento agropecuário nos próximos 50 anos por meio do uso da irrigação. Mais importante, porém, que a transformação na paisagem econômica, que era esperada com a atuação da nova Empresa, estava a melhoria de vida das pessoas sertanejas culturalmente vinculadas à terra

Aspersão das águas abençoadas, José Luís Oliveira - Divulgação/Codevasf

franciscana por séculos e que, com poucas oportunidades, construíam sua imagem de seres resistentes e esperançosos. Essa oportunidade viria com a chegada de escolas, com a criação de empregos formais, com a possibilidade das redes comerciais que se estabeleceriam.

O art. 4º do registro de nascimento da Codevasf – Lei nº 6.088, de 16 de julho de 1974 – não deixa dúvidas quanto à vocação da Entidade quando, desde o seu texto originário, consignou que ela "tem por finalidade o aproveitamento, para fins agrícolas, agropecuários e agroindustriais, dos recursos de água e solo do Vale do São Francisco, diretamente ou por intermédio de entidades públicas e privadas, promovendo o desenvolvimento integrado de áreas prioritárias e a implantação de distritos agroindustriais e agropecuários, podendo, para esse efeito, coordenar ou executar, diretamente ou mediante contratação, obras de infraestrutura, particularmente de captação de águas para fins de irrigação, de construção de canais primários ou secundários, e também obras de saneamento básico, eletrificação e transportes, conforme Plano Diretor em articulação com os órgãos federais competentes". Os 50 anos de atividades da Codevasf não deixam dúvidas quanto a esse mandato, pois as atribuições vêm sendo cumpridas exemplarmente, sendo certo que muitos desafios ainda virão.

Uma das atividades econômicas mais importantes da bacia na atualidade é a produção agropecuária, que se processa, em grande parte, por intermédio da irrigação, havendo quatro polos da iniciativa privada que operam por pivô central, a saber, o Polo de Paracatu, Entre Ribeiros – com 79,9 mil ha –, o Polo de Unaí – com 72,7 mil ha –, o Polo de São Desidério – com 56,5 mil ha – e Polo de Barreiras – com 48,2 mil ha –, totalizando uma área irrigada em pivô central de 257,3 mil ha. Nas áreas administradas pela Codevasf, a área irrigada é de pouco mais de 116 mil ha. Os projetos de irrigação sob gestão da Companhia na Bacia do São Francisco estão localizados nos Polos de Perímetros Públicos de Irrigação do Norte de Minas Gerais; de Bom Jesus da Lapa, Barreiras e Irecê, na Bahia; de Juazeiro e Petrolina, na Bahia e Pernambuco; da Borda do Lago de Itaparica, na Bahia e Pernambuco; do Baixo São Francisco, em Alagoas e Sergipe.

Existem, ainda, milhares de outras atividades pela bacia, desde projetos com variadas modalidades de irrigação, como aspersão convencional, microaspersão e gotejamento, como, também, pequenos e médios irrigantes que se estabeleceram às margens de rios perenes ou pós-barragens feitas pela Codevasf. Importante ressaltar que não apenas na Bacia do São Francisco, mas também em diversas outras, nos últimos 20 anos, desde a ação do Programa Luz para Todos, pequenos agricultores instalaram poços com captação de água para irrigações e dessedentação de animais.

Outra atividade econômica estratégica na bacia é a geração de energia elétrica, podendo ser destacada a Usina de Três Marias, operada pela Companhia Energética de Minas Gerais (CEMIG), com potência de 396.000

Navegando para as dunas, José Luís Oliveira - Divulgação/Codevasf

kW, e as atividades da Chesf, que mantém um complexo de nove usinas: Sobradinho, com 1.050.300 kW; Luiz Gonzaga (antiga Itaparica), com 1.476.600 kW; Complexo Paulo Afonso (Paulo Afonso I, II, III e IV e Apolonio Sales/Moxotó), com 4.279.600 kW; Pedra, com 23.000 kW; e Xingó, com 3.162.000 kW.

Rio Parnaíba

Quando completou um quarto de século, a Codevasf recebeu nova incumbência, acrescentada à área de sua responsabilidade a Bacia do Rio Parnaíba. O ato foi consubstanciado, primeiramente, pela Lei n° 9.954, de 6 de janeiro de 2000, que incrementou a abrangência da atuação da Empresa para alcançar a área de drenagem composta pelo rio principal e seus afluentes, nas terras do Piauí e do Maranhão, e, posteriormente, pela Lei n° 12.040, de 1º de outubro de 2009, que incorporou à área original aquela da drenagem do Rio Poti, em terras do Ceará.

O Rio Parnaíba, também conhecido como o "Velho Monge", é o maior rio genuinamente nordestino e teve seu nome dado pelo bandeirante paulista Domingos Jorge Velho, em homenagem à sua terra natal, a Vila de Santana do Parnaíba, às margens do Rio Tietê, nas cercanias da capital paulista. Os nomes mais comuns do rio eram "Abiunham" ou "Abiunhão", durante o século XVI, e "Paraoaçu" ou "Paraguaçu", até 1662, quando o bandeirante paulista o chama de Parnaíba. Tem sua nascente no Riacho Água Quente, na Chapada das Mangabeiras, nos divisores dos estados do Tocantins, Piauí e Maranhão, e forma uma bacia hidrográfica de 344.112 km^2, que abrange os estados do Piauí, Maranhão e Ceará, sendo uma das 12 regiões hidrográficas do Brasil. O rio, que percorre 1.485 km até chegar ao mar, tem na sua foz o único delta das Américas, formando cinco braços: Igaraçu, Canárias, Cajú, Carrapato ou Melancia, e Tutóia.

Na época da chegada dos portugueses, aproximadamente 150 nações indígenas habitavam a área da bacia hidrográfica compreendida hoje pelo Piauí e, cerca de 40 dessas, ocupavam as margens do rio, das quais podemos destacar, como as mais importantes, os Acroá, na parte alta, os Gueguê e Timbira, na porção média, e os Tremembé na região da foz, tribos que, por essa época, eram todas seminômades e se locomoviam pelo rio em suas pirogas.

A apropriação para a Coroa Portuguesa e a ocupação do território compreendido pelo Vale do Parnaíba foram feitas às custas da dizimação das populações originárias. Esse extermínio foi registrado em estudo publicado pelo professor João Gabriel Baptista, denominado *A Via Crucis do Parnaíba*, uma verdadeira linha do tempo desde a chegada dos portugueses até os momentos atuais. Esse tipo de ocupação foi criando em diversos lugares a "civilização do couro" e foi ganhando importância com o declínio do ciclo do açúcar. Era a pecuária superextensiva, com a implantação dos currais pelos sertões do Piauí, Maranhão e Ceará, presentes na paisagem por vários séculos, tornando então o couro do gado o produto mais importante do sertão dessa época.

Tal "civilização do couro", presenciada no Nordeste brasileiro e em particular na Bacia do Parnaíba, teve início depois de 1660. A ocupação foi feita do interior para o litoral, num modelo de exploração colonial dos sertões, a partir de São Paulo e da Bahia, por influência de famílias importantes, como os Garcia D'Ávila. Os grandes rebanhos espalhados pelos sertões e manejados com pouca frequência por intermédio dos "rodeios" eram, pelo uso do sal, atraídos aos currais, onde se abatiam as reses mais eradas, aproveitando-se a carne, que era salgada e enviada aos engenhos de açúcar ou aos confins do Brasil para alimentar a mão de obra das minas. O curtume supriria, com a matéria prima, as redes de artesanato que confeccionavam arreios, selas e outras tralhas para os animais, além dos catres, jiraus, camas e uma variedade de vestimentas, entre as mais famosas, o gibão e o chapéu. Enfim, uma quantidade de usos na ausência da infinidade de materiais atuais. Toda uma estética relacionada ao couro foi dominante no Piauí do século XVII até o XX, gravando firmemente na cultura seu modo de vida por meio da comida, da música, da dança, da indumentária. Por essa época, era o material mais resistente.

Nativas na varanda e o Parnaíba, óleo 80X100cm

A chamada "civilização do couro" ou "ciclo do gado" também aconteceu nas outras regiões do Brasil, mas com diferentes conotações de comando, guardando de similaridade entre si, no entanto, a ocupação dos territórios e o nascimento dos latifúndios, uma vez que, ao contrário da exploração do pau-brasil, era uma ocupação permanente, como aquela feita pelos engenhos de açúcar.

As anotações a seguir, extraídas da publicação *A Via Crucis do Parnaíba*, relatam alguns fatos históricos interessantes sobre o rio:

1519 – No atlas *Terra Brasilis*, Miller localiza o rio e lhe dá o nome de "Famaguel Copus";
1550 – Descaliers chama-o de "Abiunham" em seu *Mapa das Américas*;
1561 – Bartolomeu Velho, o bandeirante, chamou-o de "Abiunhão";
1571 – Nicolau de Resende, o náufrago, ficou 16 anos na companhia dos Tremembé e subiu parte do rio em canoas;
1587 – Soares de Sousa, em seu *Tratado Descritivo do Brasil*, chama o rio de "Grande dos Tapuias";
1614 – Campos Moreno chama o rio de "Pará";
1626 – Maciel Parente chama o rio de "Paraoaçu";
1633 – Felipe III, em suas *Cartas Régias*, chama o rio de "Paraoaçu";
1650 – Padre Antonio Vieira atravessa o Piauí pelo litoral e chama o rio de "Paraguaçu";
1661 – Início da chegada de colonos da Bahia e de bandeirantes de São Paulo;
1662 – Domingos Jorge Velho, bandeirante paulista, dá-lhe o nome de "Parnaíba";
1712 – Revolta geral dos índios em várias partes do rio. O mestiço Mandu Ladino lidera mais de 20 tribos contra os brancos e a luta se estende até 1716, quando Mandu domina o Médio e Baixo Parnaíba e é morto ao atravessar o Delta;
1723 – Os Tremembé são aldeados na Ilha do Cajueiro, no Delta;
1821 – Foi criada a Província do Piauí;
1827 – A barra principal do rio é fortificada para combater piratas argelinos;
1852 – A capital do Piauí deixa de ser Oeiras e passa a ser Teresina, em homenagem à Imperatriz Teresa Cristina. A nova cidade é localizada às margens do Parnaíba, próxima à foz do afluente Poti.

O Rio Parnaíba sempre teve seus navegantes desde que o *Homo sapiens* por ali chegou, há mais de 30 mil anos, segundo os estudos feitos na Serra da Capivara pela Arqueóloga Niède Guidon. As diversas etnias indígenas que habitavam suas margens se moviam pelo rio nas primitivas pirogas e, à medida que a região foi sendo colonizada, surgiram os vareiros, homens que, assim como os remeiros do São Francisco, se locomoviam por grandes distâncias, transportando cargas e movendo, com a força dos braços, as barcaças, com o uso de remos e varas, essas de seis a sete metros, com as quais, tocando-se o fundo do rio, se empurrava o barco para frente. Os vareiros, que segundo Humberto de Campos eram também chamados de "porcos d`água" – no São Francisco eram chamados de "pés de puba", pois as águas lhes apodreciam os pés –, levavam às vezes até um mês numa viagem, de onde transportavam, da região da foz, o sal e os produtos industrializados para o conforto precário das imensidões do sertão. Na volta, a carga era o couro, os sacos de algodão, a cera de carnaúba, entre outros produtos. Em média, precisava-se de oito homens, quatro de cada lado da barca, e era um trabalho extenuante.

Existe sobre o Rio Parnaíba um imenso fabulário que definitivamente o incorpora ao folclore brasileiro, como, por exemplo, a lenda do "Cabeça de Cuia", posta em música pelo maestro Pedro Silva e convertida num belo poema de João Ferry. Outra lenda sobre o rio, "A Mão Cabeluda", foi reconstituída por Vitor Gonçalves Neto, em artigo para o extinto Diário de Notícias, do Rio de Janeiro, em 3 de setembro de 1953. O Parnaíba foi cantado por muitos poetas, entre eles o célebre Da Costa e Silva, que o batizou de "Velho Monge" no seu soneto *Saudade*, elei-

Farinhando - Divulgação/Codevasf

to o melhor poema do século XX, no estado do Piauí, numa enquete realizada pela Academia Piauiense de Letras (APL). Da Costa e Silva também é o autor do Hino do Piauí.

Rios Itapecuru e Mearim

No ano de 2010, por intermédio da Lei nº 12.196, de 14 de janeiro de 2010, a Codevasf teve acrescida à sua área de atuação as bacias hidrográficas dos Rios Itapecuru e Mearim, no estado do Maranhão.

O Rio Itapecuru nasce na interseção dos municípios de Mirador, Grajaú e São Raimundo das Mangabeiras, na encosta setentrional das Serras da Crueira, Alpercatas e Itapecuru, em altitudes ao redor de 500 m, e percorre 1.050 km, até sua foz, na Baía de São José, a leste da Ilha de São Luís, no Oceano Atlântico. Seu nome deriva de língua indígena e significa "Caminho da Pedra Grande". O rio e sua bacia, de 52.972 km², situados no centro-leste do Maranhão, são caracterizados fisicamente em três trechos: Alto, Médio e Baixo.

No Alto, que vai da nascente até a cidade de Colinas, há a predominância dos chapadões. A partir daí, o rio corre inicialmente de oeste para leste até as proximidades de Mirador, quando faz uma inflexão no sentido norte.

No Médio, desde Colinas até Caxias, há ocorrência de ondulações no relevo e formações de morros testemunhos e de colinas de topo plano, com predomínio de pecuária extensiva.

No Baixo, que vai de Caxias até a foz, o relevo é suavemente ondulado, ocorrendo também as formações de testemunhos, onde predomina o extrativismo do babaçu. A bacia tem responsabilidade pelo abastecimento da capital São Luís e das suas cidades ribeirinhas, entre elas Caxias, Codó, Colinas, Mirador, Timbiras, Rosário, apenas para citar algumas. Vale ressaltar que em Caxias nasceram dois vultos da literatura nacional, Coelho Neto e Gonçalves Dias, é deste a famosa *Canção do Exílio*, que evoca as profundas saudades das palmeiras de babaçu, tão pródigas nas margens do Itapecuru, onde canta o sabiá em coro com outros passarinhos.

O Itapecuru recebe como afluentes principais os Rios Alpercatas, Corrente, Pericumã, Santo Amaro, Itapecuruzinho, Peritoró, Tapuia, Pirapemas, Gameleira e Codozinho. A partir de Colinas, o rio segue até sua foz, na direção norte-nordeste, por intermédio de dois braços denominados Tocha (principal) e Mojó (secundário). Sua bacia, além de fornecer água para metade da

Cachoeiras do Mearim, Eduardo Motta - Divulgação/Codevasf

população do estado, tem grande potencial econômico por dispor de três condições climáticas diferentes: a mais seca nas partes altas ao sul da bacia, com precipitações médias de 1.300 mm distribuídas de outubro a abril; na parte mediana, o clima subúmido, com precipitações médias de 1.500 mm de novembro a maio; o clima úmido, verificado na parte mais baixa e na região da foz, com precipitações médias ao redor de 1.800 mm. Fato importante a ser apontado é que nos últimos anos a bacia vem perdendo volumes expressivos de água.

O Mearim, *mbiá-r-y*, na língua Tupi, pode significar "o rio da gente navegar". É um rio maranhense que nasce entre 400 a 500 m de altitude na confluência da Serra da Menina, Serra das Crueiras e Serra Negra, entre os municípios de Formosa da Serra Negra, Fortaleza dos Nogueiras e São Pedro dos Crentes. Tem um comprimento de 930 km, sua bacia ocupa uma área de 99.058 km², cerca de 29,84% da área do estado do Maranhão, e sua foz está localizada na Baía de São Marcos, entre a capital São Luís e Alcântara, num grande estuário onde também desembocam os Rios Grajaús e Pindaré. O rio está divido também em três trechos: Alto, Médio e Baixo.

O Alto Mearim compreende o trecho da nascente até a barra do Rio das Flores. O Médio localiza-se entre a barra do Rio das Flores e o Seco das Almas. O Baixo compreende o trecho entre o Seco das Almas e a foz, na Baía de São Marcos.

O processo de ocupação do Rio Mearim passou inicialmente pela criação de colônias indígenas nas suas margens, com a finalidade de produzir alimentos. Uma dessas colônias era Leopoldina, que ficava próxima de onde hoje é Bacabal. Com a ocorrência da grande seca de 1877-1879, acorreu ao Mearim grande quantidade de flagelados vindos do Ceará, substituindo a força de trabalho antes pretendida com os indígenas. Entre as principais cidades do Mearim podemos destacar Formosa da Serra Negra, Grajaú, Barra do Corda, Esperantinópolis, Pedreiras, Trizidela do Vale, São Luís Gonzaga, Bacabal, Vitória do Mearim e, por fim, Arari – onde se observa o fenômeno da pororoca. A pororoca do Mearim se forma no trecho baixo do rio, verdadeiras ondas que são surfadas por quilômetros pelos apreciadores. Existe, inclusive, uma temporada definida, que atrai muitos turistas para contemplar o fenômeno. Nos arrabaldes de Pedreiras, às margens do Mearim, nasceu o cantor e compositor João do Vale, autor de grandes clássicos da MPB, como *Carcará*, *Pisa na Fulô, Pipira*, entre outras.

Rios Tocantins e Araguaia

No ano de 2017, a Codevasf recebeu a gigantesca incumbência de ter adicionadas aos seus auspícios, pela Lei nº 13.481, de 18 de setembro de 2017, e pela Lei n° 13.507, de 17 de novembro de 2017, incorporando-as às de sua atuação, as áreas das bacias hidrográficas dos Rios Paraíba, na Paraíba, Mundaú e Jequiá, em Alagoas, Tocantins-Araguaia, abrangendo Goiás, Tocantins, Mato Grosso, Maranhão, Pará e o Distrito Federal e, ainda, dos Rios Munin, Gurupi, Turiaçu e Pericumã, no Maranhão. Entre essas, apenas a do Tocantins-Araguaia significou a adição de uma área um pouco maior que o tamanho de dois países europeus somados, Alemanha e França.

Com efeito, a Bacia do Tocantins-Araguaia, localizada no coração do Brasil, é a maior bacia hidrográfica exclusivamente brasileira e se constitui na segunda maior do país, com 967.059 km², ocupando 11% do nosso território. Quando se faz referência à bacia conjunta, usa-se colocar primeiro o Rio Tocantins, pois o processo de ocupação após a chegada dos portugueses foi de Leste para Oeste e, portanto, o primeiro a ser identificado foi o Tocantins. Prevaleceu, por motivos históricos, que o Tocantins é o rio principal, sendo o Araguaia o seu grande afluente, embora haja contestações geográficas que o reivindicam como o principal. Então, os afluentes mais importantes são, pela margem direita: Bagagem, Tocantinzinho, Paranã, do Sono e Balsas e, pela margem esquerda, Araguaia, Santa Tereza e Itacaiúnas.

O Rio Tocantins nasce em Goiás, a 1.100 m de altitude, na Serra Dourada, entre

Ouro Verde de Goiás e Petrolina de Goiás, e recebe esse nome após a junção do Rio das Almas com o Rio Maranhão, encontro esse que hoje é encoberto pelo Lago Serra da Mesa. O Tocantins também recebe águas de altitudes acima de 1.600 m, especialmente da Chapada dos Veadeiros, área já preservada por Juscelino Kubitschek desde 1959, quando fundou o então Parque das Nascentes do Tocantins. A partir do Lago Serra da Mesa, o grande rio percorre 2.416 km até sua foz, na Baía do Guajará, nas proximidades de Belém e da Ilha do Marajó. Sua vazão média na foz é de 13.600 m^3/s. Seu nome deriva da língua tupi, *tukan tin*, bico de tucano, e teve, desde sempre, inúmeras nações indígenas em sua extensa e diversificada bacia. No vale seu afluente Paranã, situa-se o grande território quilombola dos Kalungas, que se estende desde o estado de Goiás até o do Tocantins, limítrofe de regiões turísticas relevantes do Vale do Tocantins, como a Chapada dos Veadeiros e o Jalapão, essas já consagradas. Além das Serras Gerais, que recentemente vêm despontando nos cenários impressionantes da região. Depois disso temos a Chapada das Mesas, na margem maranhense.

O Rio Tocantins foi descoberto em 1610 pelos franceses que por essa época andavam pela região do Maranhão e que, em 1612, se estabeleceram formalmente na costa do estado, fundando São Luís, no território chamado França Equinocial, projeto colonial que durou até 1615. Já o processo de ocupação colonial português ocorreu a partir do século XVIII, com a descoberta do ouro em Goiás, fato que impulsionou a formação de núcleos populacionais na Bacia do Araguaia, como Vila Boa e Pirenópolis, no centro-sul goiano, além de outros ao norte, na Bacia do Tocantins, na região do atual estado de Tocantins, ligando o sertão da Bahia com Arraias, São Félix, Cavalcante, Natividade e Porto Nacional. Chegava gente de vários lugares, como de São Paulo e da Bahia, e, também, muitos de Portugal. A influência de São Paulo nas minas pode ser sentida na antiga capital da província de Goiás, Vila Boa, atual Cidade de Goiás, fundada em 1726, pelo Anhanguera filho.

Há, até hoje, as marcas culturais dessa ocupação se manifestando no rico folclore da região como, por exemplo, na cidade de Arraias, fundada em 1740, que mantém em seu calendário turístico e cultural a festa do "Entrudo", um tipo de carnaval originado em Portugal. O detalhe é que a festa em Portugal foi se transformando, enquanto a de Arraias permanece como era originariamente, há 300 anos. Esse pitoresco folclore se mantém nos sertões do Tocantins, como acontecia nos séculos passados, também por meio de diversas outras festas e atividades religiosas, como a Festa do Divino, em Monte do Carmo, Natividade, Silvanópolis, entre outras, além das Cavalhadas, de Taguatinga, que encenam a luta entre os mouros e os cristãos, tradição da Idade Média.

A atividade aurífera, iniciada, como dito, no século XVIII, foi se esgotando nos oitocentos e perdendo a importância. O que deu continuidade à permanência de ocupação no território foi a pecuária superextensiva, que também representou uma "civilização do couro" na região durante muito tempo, em seu vale, mesclada com atividades extrativistas e com uma agricultura rústica e incipiente de mandioca, milho e arroz.

Apenas alguns naturalistas do início do século XIX se atreveram a percorrer os sertões bárbaros do Tocantins. Por volta de 1820, o geólogo e botânico austríaco Emanuel Pohl navegou pelo rio até a Vila de Carolina, no Maranhão, e fez alguns esboços das paisagens ribeirinhas. Poucos anos depois, já em Viena, contratou o aquarelista Thomas Ender para pintar aquelas paisagens onde se destacam as pinturas da já referida Chapada das Mesas, obras que ficaram guardadas na Academia de Belas Artes de Viena por mais de 100 anos e só foram reveladas ao Brasil a partir de 1950.

Depois da construção de Brasília, o Vale do Tocantins-Araguaia iniciou um processo de desenvolvimento que até então não tinha em conta as suas imensidões, esquecidas no tempo e no espaço. Atualmente, toda a bacia tem uma importância fundamental para o país, principalmente nas áreas de mineração, energia elétrica, agricultura irrigada e logística. O Projeto Carajás é a maior área de mineração de ferro no mundo e tem peso

Coco babaçu, Eduardo Motta - Divulgação/Codevasf

Quebradeira de coco, óleo 60X80cm

considerável na balança comercial brasileira, havendo, ainda, outras grandes mineradoras que atuam na área, produzindo níquel, fosfato, nióbio, amianto e ouro.

A Bacia do Tocantins tem uma capacidade de geração elétrica de 13.140.000 kW, operando com as seguintes usinas hidrelétricas: Serra da Mesa, Cana Brava, São Salvador, Peixe-Angical, Lajeado, Estreito e Tucuruí I e II, sendo que essas últimas geram 8.370.000 kW.

Do ponto de vista da agricultura, boa parte da bacia está inserida no MATOPIBA, acrônimo que nomeia uma área de 730.000 km² na interseção do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, sendo que a participação territorial de cada estado se dá com 38% no Tocantins, 33% no Maranhão, 18% na Bahia e 11% no Piauí, área em que, há quase 40 anos, vem sendo implantado um polo de agricultura, com uso de irrigação. Devido à topografia favorável e ao baixo preço das terras, essa tem sido uma área que ano a ano recebe novos investimentos. Esse polo, segundo a Embrapa, tem uma área plantada responsável pelo crescimento da região, nos últimos dez anos, em taxas superiores à média nacional, ainda que algumas ocupações não tenham seguido os manuais adequados para proteção ambiental, provocando erosões e assoreamentos, com perdas substanciais da vegetação natural às margens de pequenos rios e lagos. Algumas cidades, inclusive, têm sofrido com inundações repentinas. A região tem suporte econômico para um grande projeto de revitalização ambiental, com adequação de estradas rurais, recomposição florestal com a destinação de resíduos sólidos, além de outras medidas. Toda a complexidade que envolve desenvolvimento e preservação já está nos estudos precursores do "Plano Nascentes Tocantins-Araguaia", para que a Codevasf possa atuar e consolidar a sua recente expansão nesse grande vale.

O Rio Araguaia, que na origem da língua Tupi é "arara vermelha", era chamado pelos Carajás de *Ber-ô-can*, que significa "rio das araras", aves essas símbolo inocente do rio, que ainda povoam em escala reduzida as suas margens. O Araguaia é considerado por alguns autores o mais belo rio do Brasil, como bem o adjetivaram Couto de Magalhães e Cora Coralina. Já nos primórdios das primeiras Entradas e Bandeiras do Ciclo Paraupava, no século XVI, ele era assinalado como o braço formoso do Amazonas, em substituição ao Tocantins, outra reinvindicação histórica que engrossa a polêmica do rio principal.

O Araguaia é um rio de planície em boa parte da sua extensão. Sua nascente se dá nos altiplanos da Serra dos Caiapós, nas fronteiras de Mato Grosso, município de Alto Taquari, e Goiás, município de Mineiros, a 850 m de altitude. Percorre cerca 2.100 km até desembocar no Rio Tocantins. Sua vazão média na foz é de 6.100 m³/s e sua bacia hidrográfica tem por principais afluentes, à margem direita, o Caiapó, o Vermelho, o Crixás-Açu e o Claro e, à margem esquerda, o das Garças, das Mortes, o Cristalino e o Tapirapé. O Rio Araguaia é dividido em três trechos: o Alto, o Médio e o Baixo.

O Alto Araguaia vai das cabeceiras até a cidade de Araguaiana, em Mato Grosso, e Registro, em Goiás, com cerca de 450 km de extensão e desnível de 570 m.

O Médio Araguaia vai de Araguaiana até Conceição do Araguaia, no Pará, com cerca de 950 km de extensão e desnível de 185 m.

Já o Baixo Araguaia, que vai de Conceição do Araguaia até a foz no Rio Tocantins, tem cerca de 700 km de extensão e 11 m de desnível.

Uma notável característica que o diferencia de outros grandes rios é que, a partir do trecho médio, acontecem dilatadas variações em sua largura na época das cheias comparadas àquelas da época mais seca e, então, dois fenômenos marcantes são observados: o rio das cheias multiplica algumas vezes sua largura média, virando, sua extensão alagável, uma imensidão de áreas úmidas na savana tropical, esparramando-se por suas margens planas, e, ao longo de alguns meses, vai voltando para o seu leito médio e deixando nas suas margens uma infinidade de lagoas que são desconectadas do rio na sua época mais seca, a partir de junho. Essas lagoas e "bocas francas" são verdadeiros vi-

veiros da vida no rio, são macrohabitats cuja importância vai muito além das suas margens. Por essa época o rio vai se modificando e suas margens se transformam em extensas praias que, desde tempos imemoriais, serviam aos diversos quelônios para fazer a deposição de seus ovos. As praias do Araguaia são, há décadas, atrativas opções de turismo para o grande Brasil mediterrâneo, verdadeiras cidades temporárias são montadas nessas praias de areias alvas e para lá acorrem levas de turistas a compensar as distâncias até o mar. As dez principais praias do Araguaia são as do Rio das Mortes, de São José dos Bandeirantes, da Arara, do Escapole, do Foguete, de Caseara, da Gaivota, do Aruanã, da Ponta e do Quarto Crescente. A temporada ocorre principalmente em julho e leva mais de um milhão de pessoas à região.

Componente importante da fisiografia do Rio Araguaia é a Ilha do Bananal, maior ilha fluvial do mundo, formada pelo entrelaçamento do Rio Javaés com o Araguaia em uma imensa planície, com uma área de 19.162 km^2, composta, atualmente, do Parque Nacional do Araguaia e de diversas terras indígenas das etnias Carajá, Javaé, Tapirapé, Tuxá, além da etnia Ava-Canoeiro ou Cara-Preta.

A natureza fisiográfica do Rio Araguaia possibilitou a manutenção da sua liberdade natural de rio, que bomba nos meses chuvosos e diminui seu caudal nos meses secos, isso pela dificuldade de se implantar usinas hidrelétricas produtivas em seu leito.

Economicamente, o primeiro desejo da população araguaiana foi o estabelecimento da navegação, desejo esse que foi realizado pelo esforço e obstinação incomuns do General Couto de Magalhães, que presidiu as províncias do Goiás, do Mato Grosso e do Pará entre as décadas de 60 e 70 do século XIX. Santa Leopoldina, hoje Aruanã, levantada em 1856 como presídio, serviu de apoio para a navegação a vapor do Araguaia, implantada por Couto de Magalhães, que obteve do governo imperial permissão para adquirir um navio de guerra a vapor de médio porte e iniciar o projeto. Assim sendo, mandou desmontá-lo nas margens do Rio Paraguai e o transportou, desartículadas as peças, cascos, caldeiras, oficina e apetrechos, por cima de 14 carretas de boi, cada uma com 10 juntas "empariadas", numa boiada total de 280 cabeças de gado, que levaram nos lombos toda a carga por 600 km de distância, numa inconcebível travessia, até chegar à margem esquerda do Araguaia. Como não existia estrada no percurso, o General mandou fazer a própria estrada, uma rústica picada, para que pudesse passar o exótico comboio pelo divisor de águas entre os dois grandes rios. A embarcação pertencia à Companhia de Navegação do Alto Paraguai, paralisada em razão da Guerra.

O vapor de guerra tinha o nome de "Antônio João" e, após a remontagem, tomou o nome de "Araguaia". A sua remontagem foi feita em Itacaiú, na margem mato-grossense, um ermo que fica 35 km acima de Leopoldina, atual Aruanã, em Goiás. Posteriormente, foram obtidos mais dois vapores pelo idealizador da navegação e a flotilha se compôs de três pequenos navios: Araguaia, Colombo e Mineiro, todos com as respectivas e diferentes façanhas para chegarem até o Porto de Leopoldina.

A inauguração da navegação do Araguaia se deu então aos 28 de maio de 1868, com a presença de grande número de pessoas das províncias de Goiás e Mato Grosso, autoridades e homens de negócios do Porto de Leopoldina e arredores.

Passados 30 anos, e também após a morte do General Couto de Magalhães, veio o declínio, que se iniciou com o fim do Império e a suspensão das subvenções. Em 1900, os navios foram colocados à venda pelo governo federal, já velhos e imprestáveis. Não apareceram interessados na licitação e as embarcações apodreceram no Porto de Leopoldina. Era o fim melancólico daquilo que representara um esforço gigantesco e promissor, mas que o futuro não confirmou. Agora as caldeiras estão colocadas como monumentos tristonhos na praça principal de Aruanã, a Praça Couto de Magalhães.

Enquanto o Rio Tocantins sofreu diversas intervenções com as barragens e

lagos para as sete grandes usinas hidrelétricas, o Araguaia tem sido poupado no seu curso, apesar das recomposições que o país precisa realizar quanto aos estragos que foram feitos em suas margens, principalmente os desmatamentos extremos, para uma melhoria contínua de seus indicadores de qualidade ambiental e para que ele continue sendo o majestoso Araguaia, o *Ber-ô--can* que encanta a todas as etnias desde tempos imemoriais.

Rios Paraguaçu, Jequitinhonha, Mucuri e Araguari

No ano de 2018, a Codevasf recebeu, por intermédio da Lei nº 13.702, de 6 de agosto de 2018, aumento da sua área de atuação com a incorporação das bacias hidrográficas dos Rios Real, na Bahia e em Sergipe; Una, Itapicuru e Paraguaçu, na Bahia. No ano de 2020, recebeu, pela Lei nº 14.053, de 8 de setembro de 2020, mais um conjunto de bacias, como a do Jequitinhonha e do Araguari, em Minas Gerais, a do Mucuri, na Bahia, e a do homônimo Araguari, no Amapá, que, adicionadas às anteriores, totalizaram uma abrangência de 2.688 municípios, com uma vasta área correspondente a 37% do território brasileiro.

Água para múltiplos usos – Projeto de Integração do Rio São Francisco com Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional (Pisf)

Para reforçar o sentimento nacional de que o Rio São Francisco é o mais generoso rio brasileiro, foi formalizado, depois de longas discussões, o Projeto de Integração do Rio São Francisco com Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional (Pisf).

A famosa Transposição do São Francisco, maior obra de infraestrutura hídrica do país, tem como objetivo levar água a 12 milhões de habitantes, em 390 municípios, nos estados de Pernambuco, Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte. A obra é um projeto que leva à geração de emprego e promove a inclusão social. O empreendimento vai proporcionar oferta de água para consumo humano, atividades agrícolas, pecuárias e industriais.

Os canais do Pisf têm extensão de 477 km, organizados em dois eixos principais de transferência de água: Norte e Leste. A obra engloba a construção de quatro túneis, 14 aquedutos, nove estações de bombeamento e 27 reservatórios. As infraestruturas do Projeto integram, por meio de canais, estações de bombeamento e adução, a Bacia do São Francisco às Bacias dos Rios Jaguaribe, Piranhas-Açu e Apodi, abrangendo os estados do Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba. Também inclui a infraestrutura hídrica por ramais associados que envolvem canais, túneis, aquedutos, estações de bombeamento, linhas de recalque, estruturas de deságue, barramentos, estruturas de controle e derivação.

A outorga da Agência Nacional de Águas (ANA), emitida em 2005, prevê que podem ser bombeados até 26,4m³/s das águas do São Francisco a qualquer tempo e 127m³/s quando o reservatório de Sobradinho, na Bahia, – o maior da bacia – estiver em condições favoráveis de armazenamento. A vazão de 26,4m³/s corresponde à previsão para o ano de 2025, tanto para o consumo humano quanto para o consumo animal na região. Essa decisão consolidou a ideia de que o Pisf não acabaria com o "Velho Chico", pois limitava a retirada de águas às condições de integralidade da bacia.

Desde 14 de março de 2014, a Codevasf é a operadora oficial do Pisf, com a missão de exercer as funções necessárias à operacionalização e à manutenção dos eixos principais do sistema. Enquanto operadora, a Companhia tem como atribuição a elaboração do Plano de Gestão Anual (PGA), instrumento específico de ajuste contratual com as operadoras estaduais. O documento contém as condições e padrões operacionais para o período, as vazões contratadas, as tarifas praticadas, os mecanismos de pagamentos e garantias, a sistemática de alocação das vazões excedentes, não contratadas, e as demais metas a serem cumpridas, com os respectivos incentivos e as possíveis aplicações de penalidades.

A Codevasf, portanto, desempenha seu trabalho de modo a ter, em cinco décadas, a sua área de responsabilidade inicial multiplicada por 4,5 vezes. Extraídas de seu

grande volume de serviços, além do Pisf, várias atuações chamam a atenção, como suas interações no campo ambiental e social.

Quando falamos em avaliação de impacto social, por exemplo, é importante destacar que o Lucro Social apurado pelo Balanço Social da Codevasf em 2021 foi de R$ 5,13 bilhões, resultado do incremento da agricultura irrigada, da revitalização das bacias hidrográficas, da estruturação de cidades e da inclusão produtiva. Isso significa que, a cada real aplicado pela Companhia, R$ 4,79 retornam à sociedade brasileira. Somente em 2021 as ações da Codevasf foram responsáveis por 286.698 empregos, entre diretos, indiretos e induzidos.

As barragens de usos múltiplos permitem que as populações coletem e armazenem água em período de abundância para que sejam utilizadas em épocas de seca, formando verdadeiros estoques de água, indispensáveis ao estabelecimento e ao sustento de cidades e de áreas agrícolas, para a irrigação, dessedentação animal, piscicultura, produção de alimentos, recreação, navegação, controle de sedimentação e controle de cheias. Esse é o exemplo de uma das barragens feitas pela Codevasf, a do Bico da Pedra, em Janaúba (MG), que teve sua construção concluída em 1978, tendo por principais objetivos possibilitar a produção agrícola na região, por meio do fornecimento de água aos Projetos Públicos de Irrigação Gorutuba e Lagoa Grande, e, também, às cidades de Nova Porteirinha e Janaúba, e perenizar o Rio Gorutuba, que era intermitente. Hoje a Barragem se presta também à aquicultura e ao lazer. Fruto de diversas

Beneficiamento das castanhas - Divulgação/Codevasf

barragens e do fornecimento de água às populações, temos que "O abastecimento humano triplicou em pouco mais de 20 anos para a população atendida com água, cujas fontes hídricas são as barragens da Codevasf", segundo os dados do Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS), 2000-2021.

A Companhia, como uma proprietária rural, com centenas de imóveis atualmente em sete unidades da Federação, tem a obrigação de manter o Cadastro Ambiental Rural (CAR) de suas áreas atualizado. Nesses imóveis existem remanescentes de vegetação nativa que cumprem as funções ecológicas previstas no Código Florestal, estando cadastradas como Áreas de Proteção Permanente (APP), Reservas Legais e excedentes de vegetação nativa (áreas de vegetação nativa que excedem o percentual mínimo exigido de reserva legal e não estão em APP). Esses espaços sob a égide da Codevasf estão em diferentes estados, inseridos nos biomas Cerrado, Caatinga e Mata Atlântica, e correspondem a uma área total de 157.217 ha.

Nos seus 50 anos a Codevasf faz jus à crença nela depositada de que poderia contribuir para o desenvolvimento de grande área do país. Nos últimos 30 anos, o Nordeste experimentou crescimento de sua infraestrutura de armazenamento e adução de água bruta. As secas já não representam a tragédia das grandes levas de retirantes. Recursos do Banco Mundial supriram o Pro-Água, que foi modificando a paisagem do Semiárido. O Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional (MIDR), por intermédio da Codevasf, do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS) e de vários estados nordestinos investiu pesadamente em infraestrutura, enquanto a ANA e instituições estaduais melhoraram significativamente a gestão.

Foram deixadas marcas de desenvolvimento, geração de emprego e renda, preservação do meio ambiente e construção de obras estruturantes que produziram efeitos muito positivos nas áreas econômica, social e ambiental, além de ações e programas que beneficiam milhões de brasileiros onde a Codevasf atua.

Maçãs do Vale - Divulgação/Codevasf

A Codevasf e o seu Legado de Desenvolvimento

O Rio São Francisco, como é cediço, foi base para a criação da Codevasf, em 1974, antes precedida, consoante já destacado, pela CVSF (1948-1967) e pela Suvale (1967-1974).

A sua área de atuação inicial foi o próprio Vale do São Francisco, abrangendo os estados de Pernambuco, Alagoas, Bahia, Minas Gerais, Sergipe e Goiás, com sede e foro no Distrito Federal. No decorrer dos seus 50 anos de existência, a Empresa foi expandindo o território sob seus auspícios, passando de uma área inicial de 636.073,10 km², com o total de 504 municípios, correspondentes a 7,47% do território nacional, para, a partir de 2020, alcançar uma área de 3.113.903,78 km², em 2.675 municípios, correspondentes a 36,59% do território nacional. Nesse tempo, houve, no ano 2000, a mudança da sua razão social, que passou a ser Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba.

Hoje, portanto, atua nas áreas das bacias hidrográficas dos Rios São Francisco, Parnaíba, Itapecuru, Mearim, Vaza-Barris, Paraíba, Mundaú, Jequiá, Tocantins, Munim, Gurupi, Turiaçu, Pericumã, Una, Real, Itapicuru, Paraguaçu, Araguari (AP), Araguari (MG), Jequitinhonha, Mucuri e Pardo, além das demais bacias dos estados de Alagoas, do Amapá, da Bahia, do Ceará, de Goiás, do Maranhão, da Paraíba, de Pernambuco, do Piauí, do Rio Grande do Norte e de Sergipe. A par da expansão na área territorial, a Empresa consolidou a sua atuação socioeconômica e ambiental e vem trabalhando para ser uma referência na execução de políticas públicas para o desenvolvimento regional, não só cumprindo com excelência as atribuições para as quais foi idealizada, mas se superando cada vez mais no exercício do seu mister.

Atualmente, suas linhas de negócio estão jungidas à segurança hídrica, agricultura irrigada e economia sustentável. Com as novas áreas incorporadas e as atividades que vêm sendo desenvolvidas, a atuação da Codevasf tem o potencial de beneficiar um total de 89,5 milhões de habitantes (IBGE, 2019), contribuindo para a diminuição de desigualdades regionais, seja no fomento de Arranjos Produtivos Locais (APL), criados para fixar os cidadãos na região das bacias hidrográficas e dar oportunidade de sustento para as suas famílias, seja na construção de estações de tratamento de água e esgoto e doação de cisternas, para aumentar a qualidade de vida dos brasileiros que moram nessas áreas, seja na recuperação de nascentes, no repovoamento dos rios com espécies nativas, na pavimentação de estradas vicinais, entre muitas outras ações – a meta é sempre promover o desenvolvimento regional de forma integrada e sustentável, contribuindo para a redução das desigualdades.

Para tanto, a agricultura irrigada foi o ponto de partida para o desenvolvimento do Vale do São Francisco, seguindo como exemplo para as outras áreas de expansão da Codevasf. Isso porque a irrigação é uma prática agrícola que utiliza um conjunto de equipamentos e técnicas para viabilizar os cultivos nos locais de insegurança hídrica e, portanto, é indispensável para o aumento da produção a partir da garantia da umidade adequada ao desenvolvimento das plantas, suprindo a falta, a insuficiência ou a má distribuição das chuvas e assegurando a oferta de alimentos durante todo o ano. Além disso, a irrigação foi um dos fatores que possibilitou a diversificação de culturas na região, por meio do cultivo de espécies que não são típicas do Semiárido, incrementando a atividade econômica e a geração de renda.

Releva destacar que as ações da Codevasf estão sempre alinhando sustentabilidade e modernização. Verificam-se, por exemplo, a instalação de equipamentos de motobomba flutuante e o desassoreamento de canais de aproximação, ao lado da preocupação com as boas práticas de manejo de água e solos, com incentivo à adoção de métodos mais eficientes de irrigação. Os produtores recebem, ainda, acompanhamento técnico e informações para a conscientização de boas práticas agrícolas, que além de aumentarem a produtividade, trazem benefícios para gerações futuras, com a preservação do meio ambiente.

É indiscutível que o caminho para o desenvolvimento da Bacia do São Francisco

Água da vida, José Luís Oliveira - Divulgação/Codevasf

passou pela agricultura irrigada, que é responsável pela produção de alimentos, criação de empregos e aumento da renda local, a partir de atividades relacionadas à ocupação das terras, à operação, manutenção e recuperação da infraestrutura de uso comum e apoio à produção e comercialização, investindo-se na capacitação de produtores, diversificação de culturas e inovações tecnológicas.

Nesse contexto, muitas são as linhas de atuação da Codevasf, adiante descritas.

Segurança hídrica

Um dos escopos da atuação da Empresa é a busca por segurança hídrica em cenários onde a escassez de água agrava a desigualdade socioeconômica, tornando-se crucial a presença do Estado para garantir água. A fim de planejar e implementar as políticas públicas relacionadas à segurança hídrica, a Companhia considera, principalmente, a Política Nacional de Recursos Hídricos (PNRH), a Política Nacional de Irrigação (PNI) e o Plano Nacional de Segurança Hídrica (PNSH). Assim, na direção da melhoria das condições de vida da população e a fim de assegurar o fornecimento, a Codevasf executa ações de gestão, operação, manutenção e implantação de empreendimentos que visam à oferta de água para uso múltiplo, de forma integrada com políticas públicas de desenvolvimento regional, socioeconômico e ambiental do país, garantindo e ampliando a oferta hídrica de boa qualidade.

Entre as ações relacionadas à segurança hídrica, se destacam a operação do Pisf e a operação e implantação de infraestruturas hídricas e de estruturas localizadas.

O acesso à água por meio da implementação e gestão de grandes infraestruturas hídricas em regiões necessitadas desse recurso vital é executado pela Empresa diretamente ou em apoio às diversas fases de implementação dos sistemas locais de integração hídrica, o que inclui planejamento, estudos, projetos, execução e gestão, com a participação de diversos entes do setor público e da população.

O abastecimento de água com estruturas localizadas para minimizar os efeitos das secas periódicas, que ainda castigam muitos municípios no Brasil, passa pelos sistemas que são implementados pela Codevasf. Essas estruturas fornecem água para o consumo humano e contribuem para a redução de ocorrências de doenças causadas por águas não tratadas. Comunidades rurais mais isoladas já contam com sistemas de captação, tratamento, armazenamento, adução e/ou distribuição de água.

As principais estruturas para garantia hídrica são as cisternas, as aguadas e barreiros, as pequenas barragens para sistemas simplificados de abastecimento e os poços artesianos ou profundos. Com a implantação das cisternas, a Codevasf oferece armazenamento por meio de um processo simples de instalação. O abastecimento do reservatório ocorre durante os períodos chuvosos, com um sistema de calhas e tubos quase sempre instalados nos beirais das residências e em pequenas edificações. As aguadas e barreiros armazenam água da chuva para abastecer rebanhos de pequenos proprietários e famílias que vivem dispersas no Semiárido. O resultado desse trabalho pode ser visto em municípios onde antes moradores tinham que se deslocar até uma fonte hídrica, necessitando, muitas vezes, percorrer longas distâncias para obtenção de água.

Os Sistemas Integrados de Abastecimento de Água (SIAA) se dividem em canais hidráulicos, adutoras tubulares, barragens e diques. Os principais canais de usos múltiplos em fase de projeto são o Canal do Sertão Baiano, o Canal do Sertão Pernambucano, o Canal do Xingó, na Bahia e no Sergipe, e o Sistema de Integração Hídrica da Bacia do Rio Verde, na Bahia. Os principais sistemas adutores integrados concluídos, em obras ou em fase de projeto são a Adutora do Feijão e o Sistema Adutor de Guanambi – Adutora do Algodão, na Bahia, e o Sistema Adutor Campo Alegre de Lourdes e o Sistema Integrado de Abastecimento de Água de Bom Jesus da Lapa, Riacho de Santana e Igaporã – Adutora da Fé, também em território baiano, o Sistema Adutor do Seridó e o Sistema Adutor do Agreste – Potiguar, no Rio Grande do Norte.

Já os principais sistemas de barragens e diques concluídos, em obras ou em fase de projeto são o Sistema Alto São Francisco (SASF), a Barragem Bico da Pedra e a Barragem Jequitaí, em Minas Gerais, a Barragem Mirorós e o Sistema Estreito – Cova da Mandioca, na Bahia, a Barragem de Tinguis e a Barragem de Atalaia, no Piauí, os Diques da Baixada Maranhense, além da Barragem Urucuia, esta em Minas Gerais.

O trabalho realizado pela Empresa já superou metas significativas em segurança hídrica, tais como 120 mil ha de áreas irrigáveis projetadas e/ou construídas, 4,8 mil km de canais projetados e/ou construídos, além da implantação de adutoras. Todas essas obras beneficiam diretamente mais de um milhão de pessoas em diversas localidades onde há forte escassez de água.

Cuidados com a natureza

A par de garantir a segurança hídrica, que reflete diretamente na qualidade de vida da população, a Codevasf realiza ações de revitalização que objetivam recuperar, preservar e conservar os recursos naturais das bacias hidrográficas. As práticas promovem a implantação e difusão de técnicas de conservação do solo, da água e da biodiversidade que possibilitam continuidade e melhoria da produção agropecuária com menor impacto ambiental e segurança hídrica das áreas rurais, urbanas e industriais.

Para ter água de boa qualidade, são implantados sistemas de esgotamento sanitário, de abastecimento de água, de tratamento de resíduos sólidos e de controle de processos erosivos. Já para a melhoria na quantidade da água nas épocas mais secas do ano, a Codevasf realiza práticas conservacionistas de recuperação hidroambiental, essencialmente voltadas ao estabelecimento do manejo adequado de solo e água nas propriedades rurais, bem como à conservação e preservação de outros recursos naturais.

Essas condutas objetivam reduzir a erosão e recuperar a capacidade de drenagem, a fim de aumentar o processo de armazenamento da água nos solos e nas rochas para alimentar as nascentes e os poços ao longo do ano.

Entre as principais ações executadas estão a redução do escoamento superficial e do carreamento de sedimentos para o leito dos rios, o favorecimento da regeneração natural em áreas de preservação permanente e outras áreas ambientalmente frágeis, a melhoria da qualidade da água, a conservação do solo, a estabilização de margens de corpos hídricos, a promoção da recarga de aquíferos, da perenização de corpos hídricos e da economia sustentável, além do controle de processos erosivos, a recuperação de nascentes, a preservação da ictiofauna e o desenvolvimento de pesquisas e de recuperação de áreas degradadas.

Nesse contexto da preservação e recuperação, a Codevasf utiliza diferentes métodos de intervenção, como a construção de barraginhas – bacias de captação e infiltração de água das chuvas –, terraceamento em nível, contenção e estabilização de voçorocas, margens e encostas, florestamento e reflorestamento, proteção de nascentes, matas de galerias e matas ciliares, além da readequação de estradas vicinais em áreas sensíveis. Essas estruturas operam para reduzir a erosão do solo, reter grande parte dos sedimentos antes que cheguem aos rios e nascentes, contribuir para a manutenção da umidade do solo e aumentar a oferta e qualidade da água. Além disso, a Companhia atua no apoio à implantação de viveiros de mudas nativas e no desenvolvimento de tecnologias de recuperação ambiental e preservação de mananciais.

No trajeto para boas práticas, a Codevasf promove e incentiva debates, palestras, seminários e diversas outras iniciativas de formação e disseminação do conhecimento ambiental. Com efeito, além de criar mecanismos para a terra ser produtiva, é essencial que a própria população tenha consciência de que água é vital para milhões de brasileiros no presente e no futuro e por essa razão é que são realizadas essas diversas ações pelas quais são divulgados conceitos de educação ambiental.

As ações desenvolvidas já possibilitaram a proteção de mais de 1.400 nascentes, a construção de cerca de 3,1 mil km de terraços e de 62 mil bacias de captação de enxurradas, bem como a readequação ambiental de 424 km de estradas rurais.

Esgotamento sanitário

Uma das vias para a saúde dos rios e bem-estar da população é a eliminação do despejo de esgoto diretamente em seu leito, razão pela qual as obras de esgotamento sanitário são tratadas como prioritárias pela Codevasf dentro do Programa de Revitalização das Bacias Hidrográficas.

Os Sistemas de Esgotamento Sanitário (SES) recuperam e conservam as bacias por meio do tratamento do esgoto. Isso impacta nas condições sanitárias locais, com a melhoria da qualidade de vida da população e a conservação dos recursos naturais. Hoje, os sistemas possuem a capacidade de coletar, tratar e devolver ao meio ambiente uma água de melhor qualidade. Os SES implantados pela Companhia englobam coleta, tratamento e disposição ambientalmente adequada de efluentes sanitários, por meio de redes coletoras, ligações domiciliares, estações elevatórias de esgoto, linhas de recalque, interceptores, estações de tratamento de esgoto e emissários.

Essas ações beneficiam diretamente as populações que vivem em áreas sem saneamento básico de municípios que pertencem às bacias inseridas na área de atuação da Codevasf, com prioridade para as localidades situadas às margens dos rios.

Polos de Irrigação e Projetos Públicos de Irrigação (PPI)

Conforme anteriormente já destacado, o caminho para o desenvolvimento

Poço com placa solar - Divulgação/Codevasf

Projetos Públicos de Irrigação, AG/GAF/UGG - Codevasf

Colheita da banana, Cássio Moreira - Divulgação/Codevasf

e manutenção das populações nos Vale da Codevasf passa pela agricultura irrigada. Assim, como medida estratégica à realização desse desiderato, a Companhia elencou áreas prioritárias para atuação, organizadas em Polos de Irrigação. Essas localidades possuem mão de obra especializada e amplas possibilidades de desenvolvimento comercial, com as respectivas logísticas e a comercialização de produtos.

Atualmente, são sete Polos de Irrigação, quais sejam, Baixo São Francisco, Barreiras, Formoso-Correntina, Guanambi, Irecê, Norte de Minas e Petrolina-Juazeiro. O Baixo São Francisco é destaque na produção de arroz. Já os Polos de Petrolina-Juazeiro, Formoso-Correntina e Norte de Minas Gerais têm favorecido o aumento das exportações e da geração de ganhos por meio da oferta de produtos de excelência e de alto valor comercial. O de Petrolina-Juazeiro, por exemplo, exporta uva de mesa e manga para diferentes países.

Cada um dos sete Polos de Irrigação agrupa Projetos Públicos de Irrigação (PPI). Um PPI é um sistema planejado para o fornecimento de água, composto por estruturas e equipamentos de captação, adução, armazenamento, distribuição e aplicação de água, promovendo renda, gerando emprego, incrementando a economia local e, por conseguinte, melhorando as condições de vida da população

Os PPI se localizam nos estados de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas. Além desses, a Companhia atua em outros projetos, como o do Sistema Itaparica, implantado pela Chesf na década de 1990 para compensar famílias que residiam na área onde se formou o lago da Usina Hidrelétrica de Luiz Gonzaga, em Pernambuco.

Atualmente, são 29 projetos sob gestão da Codevasf. Assim, em razão dos resultados positivos na Bacia do São Francisco, a experiência tem sido ampliada para as outras bacias da Companhia, sendo extenso o rol em produção. Em Minas Gerais, Gorutuba Jaíba - Etapa I, Lagoa Grande e Pirapora. Na Bahia, Baixio de Irecê, Barreiras Norte, Ceraíma, Curaçá, Estreito, Formoso, Mandacaru, Maniçoba, Nupeba, Mirorós, Piloto Formoso, Riacho Grande, Salitre - Etapa I, São Desidério/Barreiras Sul e Tourão. Em Pernambuco, Bebedouro, Pontal Sul, Senador Nilo Coelho. Em Alagoas, Boacica, Itiúba, Marituba. Em Sergipe, Betume, Cotiguiba-Pindoba, Jacaré-Curituba, Propriá. Além do Sistema Itaparica, também na Bahia, Glória, Jusante Pedra Branca, Rodelas e, também, o mesmo Sistema Itaparica em Pernambuco, Apolônio Sales, Barreiras (Bloco I e Bloco II), Brígida, Fulgêncio, Icó-Mandantes, Manga de Baixo.

O Projeto Formoso, na Bahia, é um dos maiores produtores de banana do país. O Projeto de Irrigação Baixio de Irecê, nos municípios de Xique-Xique e Itaguaçu da Bahia, inclui atividades de agricultura irrigada e de sequeiro como uma via para o desenvolvimento da região. É dividido em nove etapas. Foram concedidas e estão com as obras concluídas, já em fase de ocupação, as etapas 1 e 2. Essas correspondem a uma área total de 21,9 mil ha, sendo 17,6 mil ha irrigáveis. As etapas 3 a 9 foram concedidas à iniciativa privada e correspondem a 50 mil ha, sendo 31,5 mil irrigáveis e 19 mil não irrigáveis. A concessão beneficiará cerca de 250 mil pessoas, com o pleno aproveitamento da área e com a produção de cultivos diversos, como grãos, frutas e produtos hortícolas. O potencial de geração de emprego com a concessão é de 180 mil empregos diretos e indiretos. Está prevista a exploração agrícola de frutas (manga, goiaba, pinha, melão) nos lotes de pequenos produtores e de grãos (soja, milho, sorgo, feijão) e, também, de frutas nos lotes de médios e grandes produtores.

O Projeto de Irrigação Pontal, localizado no município de Petrolina, em Pernambuco, totaliza cerca de 8 mil ha irrigados. As obras da Área Sul foram concluídas, tendo sido iniciada a ocupação de 3,5 mil ha irrigados, entre lotes empresariais e familiares. A Área Norte, quando implantada, totalizará 4 mil ha irrigados, também de lotes empresariais e familiares. O Projeto de Irrigação Salitre está situado na região de Juazeiro, na Bahia, e é subdividido em cinco etapas, com apro-

ximadamente 80 km de canais já construídos. A etapa 1 está implantada e já em operação, com mais de 4 mil ha em produção. As ações relacionadas às demais etapas se encontram em andamento.

O Projeto Hidroagrícola Jequitaí consiste num conjunto de duas barragens sequenciais com capacidade de armazenar água e abastecer 18 municípios mineiros. Após concluída, a obra beneficiará aproximadamente 500 mil pessoas. O empreendimento terá a capacidade de irrigar cerca de 35 mil ha, potencializar a irrigação pública e privada e gerar cerca de 100 mil empregos. Os barramentos serão construídos no Rio Jequitaí, sendo Jequitaí I responsável por armazenar água e regularizar as vazões, gerar energia elétrica e, ainda, por induzir o desenvolvimento de outras atividades na região, tais como lazer, turismo, produção agrícola e piscicultura.

O Projeto do Canal do Sertão Baiano está localizado no Norte da Bahia, nas áreas dos municípios das bacias hidrográficas Salitre, Tourão-Poções, Itapicuru, Jacuípe e Vaza-Barris, com tomada de água no Canal do Salitre e distribuição por 297 km de canais. O sistema é totalmente gravitário e não necessita de bombeamento após captação, o que reduz os custos operacionais. Por esse motivo, o Projeto tem alta capacidade de gestão privada por meio de concessão ou Parceria Público-Privada (PPP). Além de levar água para um milhão de pessoas, será um caminho para o desenvolvimento social e econômico da região, com capacidade de gerar 45 mil empregos.

É papel da Codevasf implantar e auxiliar na gestão desses projetos. Entre as diversas ações que executa, destaca-se, por exemplo, o monitoramento das infraestruturas, como o trabalho realizado no Centro de Controle e Automação instalado no PPI Nilo Coelho. Nesse centro é possível monitorar, em tempo real, toda a infraestrutura de uso comum, no que se refere ao bombeamento, à distribuição de água e aos níveis dos reservatórios, tudo para uma maior eficiência na utilização da água.

As realizações pioneiras e os trabalhos consistentes da Codevasf, aliados à atuação de outras instituições públicas e privadas, resultaram, ainda, em infraestrutura de energia e transporte das cidades vizinhas aos PPI implantados pela Companhia. A Codevasf tem realizado diversas ações para facilitar o acesso aos PPI e o escoamento da produção. Além disso, executa obras como o calçamento e a pavimentação de vias, a implementação e a manutenção de estradas vicinais, a construção de pontes e de passagens molhadas, a urbanização e o paisagismo de espaços públicos, a aquisição de equipamentos para serviços públicos, além do planejamento e do mapeamento urbano e rural.

Os trabalhos são efetuados diretamente pela Companhia ou por meio de convênios com estados e municípios, integrando regiões e transformando vidas.

Modelagem inovadora para implantação de projetos de irrigação

Com o objetivo de ampliar a área irrigável em seus projetos, mesmo em face das restrições orçamentárias da União, a Codevasf foi pioneira na estruturação de perímetros irrigados para a concessão ao setor privado. O Projeto do Baixio de Irecê (BA) foi o piloto destas concessões, nas quais o parceiro privado fica responsável, além do pagamento de outorga à União, pela conclusão de obras de implantação da infraestrutura de irrigação de uso comum, pela ocupação das terras com destinação à produção agrícola e pela operação e manutenção da infraestrutura do projeto.

O Leilão do Baixio de Irecê (BA) foi o primeiro realizado de um Perímetro Público de Irrigação no Brasil e abriu portas para outras concessões, tais como o Projeto Hidroagrícola de Jequitaí (MG), cujo leilão ocorreu em 2024, na B3 (Brasil, Bolsa e Balcão), em São Paulo. Além desses, a Codevasf já tem outros projetos de concessão encaminhados, dos quais podemos citar o Projeto do Iuiu (BA), Projeto Jaíba (MG), Projeto Pontal (PE) e Santa Brígida (BA).

Presidente Marcelo Andrade Moreira Pinto no Leilão na B3 (SP) - Divulgação/Codevasf

LEILÃO
Projeto Hidroagrícola
Jequitaí - MG
50 Anos
Codevasf
Legado de Desenvolvimento
[B]3
PPI
CODEVASF
MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO E DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL
GOVERNO FEDERAL
BRASIL

Inclusão produtiva

No trajeto rumo às melhorias econômicas e sociais está o apoio aos APL. Eles são importantes para o desenvolvimento econômico e social do país e, por essa razão, a Codevasf tem identificado linhas de ações que visam à exploração das potencialidades e vocações regionais, à organização dos processos produtivos e de comercialização e à valorização do capital humano e da governança local para promover o desenvolvimento regional em benefício das populações das suas bacias hidrográficas. Desde 2004, a Companhia atua na estruturação de algumas atividades produtivas, como mecanização agrícola, ovinocaprinocultura, apicultura, fruticultura, aquicultura e pesca, economia criativa, mandiocultura e irrigação localizada.

A Empresa apoia a estruturação dos APL por meio de mobilização e orientação aos produtores, que são estimulados a atuar de forma associativa para o melhor desenvolvimento das atividades produtivas e gestão do seu negócio. Após a identificação dos pontos frágeis da cadeia produtiva, a Codevasf atua para seu fortalecimento, seja na produção, com a doação de equipamentos e insumos, seja na melhoria da qualidade do produto, com a construção de unidades de produção de beneficiamento e o oferecimento de capacitações necessárias ao êxito das atividades. Além disso, possibilita a participação dos produtores em eventos de comercialização e divulgação dos produtos, além de intercâmbio e transferência de tecnologias. As capacitações objetivam inserir o público jovem nessas atividades produtivas como forma de garantir a continuidade dos projetos e a geração de renda e emprego. O apoio às ações ocorre de forma continuada e possibilita a sustentabilidade dos empreendimentos.

A partir de 2012, a Codevasf, em parceria com a Secretaria de Desenvolvimento (SDR) do MIDR passou a ser uma das principais executoras das Rotas de Integração Nacional. Cuida-se de metodologia que trata do desenvolvimento econômico das regiões mais desiguais a partir de eixos logísticos, incorporando cooperação, tecnologia, acesso ao mercado e educação das populações situadas ao redor desses eixos, visando à estruturação e dinamização dessas áreas, considerando as potencialidades latentes e os gargalos atuais do sistema produtivo, a partir de um olhar apurado sobre as especificidades socioeconômicas e culturais de cada território.

As ações de inclusão produtiva promovem o desenvolvimento local e possibilitam que os beneficiários produzam alimentos para o consumo de suas famílias e comercializem o excedente, proporcionando o aumento da renda e geração de postos de trabalho. A metodologia de execução das ações envolve mobilização, cadastro, seleção e capacitação dos produtores.

Como já salientado anteriormente, outra importante ação de apoio à produção e melhoria na qualidade de vida local é a aquisição e doação de máquinas, implementos, veículos, equipamentos e materiais pela Codevasf e pelos entes parceiros – estados, municípios, consórcios de municípios, entidades sem fins lucrativos e associações de produtores.

Entre os recursos adquiridos e disponibilizados para o incremento da produção se destacam conjuntos de irrigação para uso familiar, tratores e implementos agrícolas, dispositivos destinados à produção e processamento de mel, equipamentos para atividades de criação de peixes em viveiros, tanques-rede, além de produtos para a pesca artesanal, maquinários para o processamento de mandioca e de frutas, máquinas de costura, dispositivos para pecuária leiteira, equipamentos para produção e processamento de açaí. Além disso, há investimentos em caminhões e caminhonetes que auxiliam no apoio e na logística para a realização do transporte de cargas e de pessoas nas mais diversas atividades vinculadas à construção, manutenção de infraestruturas e escoamento e comercialização de produção. A Codevasf também provê equipamentos pesados para auxiliar serviços públicos. As máquinas pesadas da linha amarela – retroescavadeira, pá-carregadeira, motoniveladora,

escavadeira hidráulica, rolo compactador e trator de esteiras – são extremamente versáteis e potentes, mostrando-se apropriadas para utilização na construção e manutenção de estradas, terraplenagem, escavações, nivelamento de terrenos, espalhamento de materiais diversos, limpeza de área, corte de taludes, construção de terraços, curvas de nível, entre outras ações. Esse maquinário é utilizado tanto para serviço em áreas urbanas como em áreas rurais e contribui para o desenvolvimento socioeconômico dos municípios, trazendo benefícios ao produtor.

Fruticultura

A fruticultura irrigada já possui uma trajetória de sucesso especialmente no Vale do São Francisco. Além de alavancar a economia local, atraiu novos investimentos e gerou lucro para os municípios que investiram na atividade. A escassez de chuva, a temperatura elevada e a baixa umidade relativa do ar são fatores que permitem a produção de frutas com melhor aparência, qualidade e sabor. Além disso, os diferentes processos de indução floral permitem a produção durante todo o ano e a programação das colheitas. Essas características reunidas mudaram a realidade de muitos pequenos produtores da região, que passaram a ter a fruticultura como principal fonte de renda e evoluíram da agricultura de subsistência para a empresarial. Tudo isso se traduziu em uma significativa melhoria de vida da população e tornou o Vale do São Francisco conhecido internacionalmente pela qualidade das suas frutas.

A fruticultura é a atividade mais expressiva dos PPI, com destaque para as culturas de uva, manga, banana, goiaba e acerola. Além do apoio à produção nos projetos de irrigação, a Codevasf fomenta a atividade por meio de ações como fornecimento de sistemas de irrigação e equipamentos para estruturação de unidades de beneficiamento de frutas e de entrepostos, além de capacitação de produtores, com foco no incremento da produção e na melhoria dos frutos. O resultado pode ser avaliado pelo aumento na área plantada, diminuição de custos e melhoria da qualidade do produto, com novas tecnologias e disseminação de conhecimentos.

Seja com a produção de caju nos Vales do Parnaíba e São Francisco – a cajucultura dos estados do Piauí e Alagoas conquistou a certificação para o Comércio Justo ou *Fair Trade*, modalidade de comercialização que leva em conta requisitos como responsabilidade social, sustentabilidade e competitividade dos pequenos e médios produtores, o que possibilita a venda da castanha para o exterior –, seja com o açaí – há o incentivo da Codevasf à produção nos estados do Pará e Amapá, por meio da doação de materiais e equipamentos para a produção, beneficiamento e comercialização da polpa –, seja com as frutas dos Biomas do Cerrado e da Caatinga – a empresa tem destinado apoio significativo ao extrativismo sustentável nessas áreas, atividades de suma importância para a economia e o meio ambiente. A Codevasf contribui para a continuidade e expansão da fruticultura nas diversas regiões do Brasil.

O resultado dessa produção visa atender tanto o mercado nacional quanto o internacional. A Companhia, atenta a essa grande oportunidade, tem promovido, junto ao MIDR, governos estaduais e outros órgãos públicos, a estruturação dessa atividade produtiva como uma excelente alternativa de inclusão econômica e social. A Rota da Fruticultura está inserida dentro do Programa Rotas de Integração Nacional do MIDR, com o objetivo de estimular a produção de frutas de qualidade em áreas específicas do Brasil, aumentando a competitividade dos produtores rurais com investimentos em infraestrutura, tecnologia e capacitação.

A fruticultura tem se tornado, portanto, uma excelente atividade de geração de renda, apresentando características que favorecem a fixação do agricultor no campo. O resultado é evidenciado pelos dados de produção dos PPI, que produziram, em 2022, por exemplo, mais de 4,03 milhões de toneladas de itens agrícolas e alcançaram um Valor Bruto de Produção (VBP) de R$ 4,57 bilhões, em uma área cultivada de 116.647 ha, com aproximadamente 330 mil empregos gerados.

Estivador do açaí, óleo 80X60cm

a) Novas culturas, uma inovação no Semiárido

Merece destaque o fato de que o Vale do São Francisco na região semiárida da Bahia com Pernambuco tem se mostrado uma rota eficaz para produzir culturas típicas de clima temperado. A produção dessa região já é conhecida no mercado internacional pela produção de uvas e, agora, percorre um novo trajeto com diferentes espécies que foram testadas e adaptadas, como maçã, pera, caqui e cacau.

A Codevasf, em parceria com a Embrapa, implantou unidades demonstrativas para introduzir e avaliar o desempenho agronômico de espécies frutíferas de clima temperado e subtropical. Avaliou, também, a qualidade dos produtos obtidos a partir desses cultivos, nos Projetos de Irrigação da região do Médio São Francisco. Nessas unidades demonstrativas são realizadas diversas atividades técnicas como tratamentos fitossanitários, manejo de solo e plantas, preparação para indução da brotação, aplicação de produtos químicos para derrubada das folhas.

Das culturas pesquisadas, destaca-se a pera, que apresenta forte apelo comercial devido aos grandes volumes importados. De acordo com os testes realizados, a região tem potencial para produzir mais de 60 toneladas da fruta por hectare ao ano. A maçã é outra cultura de clima temperado testada na região. No Vale do São Francisco já foram obtidas até 42 toneladas por hectare, com frutos de excelente qualidade e calibre comercial. O caqui, produzido tradicionalmente nas Regiões Sudeste e Sul, é mais uma opção que tem se revelado promissora. Nas avaliações realizadas, foi constatada a possibilidade de se produzir a fruta em qualquer mês do ano, sendo mais vantajoso entre agosto e janeiro, já que não existe oferta no mercado nacional nesse período. Os resultados de pesquisa obtidos com o caqui têm demonstrado potencial de produção de até 8 toneladas por hectare, no quarto ano de cultivo, com a possibilidade de produção de duas safras por ano na mesma fruteira.

Até pouco tempo atrás, era inimaginável o cultivo dessas espécies em pleno sertão nordestino, o que hoje é uma realidade. O apoio da Codevasf é decisivo para assegurar a continuidade e a expansão dessas culturas nas áreas elencadas.

b) Açaicultura

Como mencionado anteriormente, a Codevasf tem também apoiado a cadeia do açaí no Pará e no Amapá. Os principais estados produtores se encontram na Região Norte, sendo o Pará o maior deles, seguido do Amazonas, Amapá e Maranhão, este no Nordeste. Rondônia, Roraima e Tocantins também têm uma produção significativa desse fruto tão apreciado, contribuindo para o abastecimento do mercado interno e externo.

O açaí ganhou popularidade nas últimas décadas devido aos seus benefícios nutricionais e antioxidantes. A fruta é matéria-prima essencial para a produção de diversos subprodutos que têm conquistado um alto valor comercial. São fabricados polpa processada, sorvete, geleia e doce, além de corantes naturais para alimentos e bebidas energéticas. O fruto é também aproveitado na indústria farmacêutica e cosmética, como ingrediente em medicamentos e produtos de beleza. Essa ampla gama de utilização mostra a versatilidade e a demanda crescente pelo fruto, cuja maior parte é obtida pelo extrativismo, atividade típica da população ribeirinha. Esse setor apresenta um grande potencial para geração de ocupação e renda, pois envolve desde pequenos extrativistas e produtores, até batedores e indústrias processadoras, com baixa necessidade de capital. Além disso, a produção de açaí é uma atividade ambientalmente sustentável, uma vez que o manejo adequado das áreas de várzea permite conciliar a exploração econômica com a preservação do Bioma Amazônico.

Despolpadoras, máquinas de branqueamento, tanques de lavagem, mesas de catação e peneiramento de açaí, caixas plásticas e Equipamento de Proteção Individual (EPI), entre outros insumos, permitem um processamento mais eficiente e higiênico da

fruta, garantindo a qualidade e a segurança do produto final. O apoio por meio da doação desses equipamentos é um caminho para que os produtores possam otimizar suas operações e atender à crescente demanda. Com essa iniciativa, busca-se uma via para fortalecer a produção e o beneficiamento do fruto, além de se promover o desenvolvimento socioeconômico e a conservação ambiental das regiões onde a atividade é realizada.

Aquicultura e Pesca

A aquicultura e a pesca têm sido um ponto estratégico, com impacto positivo na economia local, na via que leva negócios, alimentos e crescimento econômico para as regiões das bacias da Codevasf, que estão entre as mais promissoras regiões produtoras de pescado do mundo.

A criação de peixes em viveiros escavados em terra já ocupa milhares de hectares e o cultivo intensivo é responsável pelo vertiginoso aumento da produção de pescados. Os grandes reservatórios e açudes construídos nos Vales dos Rios São Francisco, Parnaíba, Itapecuru, Mearim e Tocantins-Araguaia, com cerca de 1,6 milhões de hectares inundados, se destacam na aquicultura em tanques-rede, com expressivos níveis de produção, e atraem cada vez mais empreendedores para essas regiões.

É evidente o elevado nível da produção de pescado alcançado no Vale do São Francisco, constatado em recente pesquisa realizada pelo IBGE, em 3.644 municípios. Glória, na Bahia, Morada Nova de Minas, em Minas Gerais, e Petrolândia, em Pernambuco, estão entre os maiores produtores de tilápia do país, o que demonstra a importância da aquicultura com a geração de milhares de empregos. Destacam-se outros grandes polos de produção de pescado, como o reservatório de Três Marias, em Minas Gerais, a região de Barreiras, no oeste da Bahia, os reservatórios de Itaparica (atual Luiz Gonzaga), Moxotó e Xingó, na Bahia e Pernambuco, a região do Baixo São Francisco, em Sergipe e Alagoas, além da região dos Cocais e Planície Litorânea do Parnaíba, no Piauí, e os Cocais e Cerrado do Maranhão.

Aquicultura, Hugo Sampaio - Divulgação/Codevasf

A Companhia tem desempenhado papel decisivo no desenvolvimento dessa atividade, com implantação de projetos-piloto, transferência de tecnologias, fornecimento de tanques-rede, ração e alevinos selecionados para os primeiros ciclos de produção e capacitação de produtores.

A Codevasf apoia, ainda, a pesca artesanal. No litoral do Piauí, a Associação de Marisqueiras e Filetadeiras de Luís Correia recebeu um prédio com equipamentos e utensílios para o processamento de mariscos, além de um veículo para o transporte da produção.

Dessa forma, a atividade aquícola se consolida como relevante alternativa de trabalho e contribui para manter a população na região.

Peixamento

O desenvolvimento sustentável, diretriz da Codevasf, passa pela preservação das espécies de peixes, já que a atividade é importante fonte de renda para diversos ribeirinhos e produtores.

As ações de peixamentos – soltura de peixes – realizadas pela Companhia têm como objetivo recuperar a ictiofauna nativa, favorecendo a preservação da biodiversidade aquática e a pesca artesanal, que emprega mais de 45 mil pescadores profissionais.

Como é cediço, diversas intervenções e alterações comprometem as condições de reprodução e de desenvolvimento dos peixes nos ambientes naturais. Barramentos de rios, desmatamento ciliar, poluição, pesca predatória, uso indiscriminado de agrotóxicos e garimpo geram impactos que provocam acentuada redução do tamanho dos peixes capturados.

O aumento na distância de viagem entre o local de embarque dos pescadores e as zonas de pesca e o desaparecimento de várias espécies provocam prejuízos aos profissionais que vivem da pesca artesanal. Na Bacia do São Francisco, por exemplo, foram identificadas mais de 150 espécies endêmicas. Boa parte delas vem apresentando baixas produções comerciais e algumas, como o pirá, a matrinxã e o pacamã, se encontram ameaçadas de extinção em várias regiões. Para minimizar esses impactos, são realizadas pesquisas e desenvolvidas tecnologias de aquicultura pelos Centros Integrados de Aquicultura e Recursos Pesqueiros da Codevasf, situados nos estados de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas. Com capacidade de produção anual de 25 milhões de alevinos de espécies nativas de importância econômica e ecológica, dentre as quais curimatã, surubim, pacamã, dourado, piau, matrinxã e pirá, os peixamentos de rios e grandes reservatórios realizados há vários anos apresentam grandes resultados, como a volta da diversidade da ictiofauna.

Apicultura

Outra atividade relevante no percurso que leva ao desenvolvimento regional é a apicultura. Dados da Confederação Brasileira de Apicultura (CBA) colocam o país como um grande produtor mundial e um dos maiores exportadores de produtos derivados do mel. Esse sucesso está ligado à utilização de abelhas africanizadas, resistentes a doenças e perfeitamente adaptadas ao clima. O fato de não exigir um alto investimento inicial faz da apicultura uma excelente alternativa para produtores rurais e causa impactos positivos, tanto sociais, quanto econômicos, com inserção produtiva e geração de emprego, trabalho e renda para famílias das regiões da Codevasf.

Em parceria com o MIDR, a Companhia fornece aos produtores colmeias e materiais necessários à produção de mel, pólen, cera de abelha, geleia real e própolis. Para o êxito da implantação desses kits, são mobilizadas comunidades e identificadas as necessidades do indivíduo e das associações e a vocação produtiva regional. Também são realizados acompanhamento e capacitação do público beneficiado. Além disso, a Empresa constrói entrepostos e unidades de beneficiamento de mel que possibilitam a organização e a estruturação da atividade, além da comercialização de produtos de qualidade para o mercado consumidor.

Apicultura - Divulgação/Codevasf

O aumento da produção inclui o mel na alimentação das famílias rurais, com a possibilidade de comercialização do excedente e consequente geração de renda e qualidade de vida no campo. O apoio à apicultura busca, ainda, conscientizar o produtor sobre a importância da preservação e recuperação da vegetação nativa. A cadeia produtiva da apicultura, por todas as potencialidades que apresenta, foi inserida nas Rotas de Integração Nacional, a denominada Rota do Mel.

Ovinocaprinocultura

A atividade produtiva de ovinos e caprinos é uma forma de trabalho que permite a fixação de famílias no Semiárido brasileiro e a convivência com as condições locais de vegetação e clima da região, considerada a maior produtora do país. A Codevasf, em parceria com o MIDR, tem intensificado seu apoio à estruturação dessa atividade, inserindo os criadores na Rota do Cordeiro, principalmente nos estados da Bahia, de Pernambuco e do Piauí.

O trabalho realizado pela Companhia inclui implantação de áreas de produção de forragem, aquisição de maquinário e de animais reprodutores, construção de centros de manejo reprodutivo e de unidades de transferência de tecnologia, além da aquisição de equipamentos para abatedouros e para as unidades de beneficiamento de carne e leite.

Em 2015, a Empresa implantou, em parceria com a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), o Centro de Manejo e Reprodução de Ovinos e Caprinos na Estação de Agricultura Irrigada no município de Parnamirim, em Pernambuco, pertencente à UFRPE, e foi responsável pelo estabelecimento da estrutura física e aquisição de reprodutores e de kits para inseminação artificial. A UFRPE, de seu turno, está responsável pela manutenção dos animais, o que inclui guarda, manejo nutricional, sanitário e reprodutivo, além de controle e intervenções nos rebanhos que se utilizam dos reprodutores. Os resultados obtidos são bastante expressivos, com significativas melhorias socioeconômicas de ovinocaprinocultores integrantes do Projeto.

Outra ação de destaque junto ao setor é o Projeto de Desenvolvimento Sustentável da Palma Forrageira (Repalma) que, com a intenção de amenizar o problema da escassez de forragem, visa à implantação de unidades de multiplicação de raquetes e de unidades de produção de palma, de forma a garantir a reserva e a segurança alimen-

Projeto Amanhã, José Luís Oliveira - Divulgação/Codevasf

tar animal, principalmente para o enfrentamento de períodos críticos de seca.

Os recursos também têm sido destinados à mobilização e à capacitação de produtores, à participação em feiras de comercialização de animais e produtos, bem como à implantação de centros de artesanato e artigos de couro. Tudo isso contribui para que os produtores tenham resultados expressivos e as regiões se desenvolvam economicamente.

Economia criativa

O artesanato, o talento regional e as habilidades manuais das grandes regiões dos Vales da Codevasf têm se consolidado como expressivas fontes de renda, prestigiando a máxima de que nem só de pão vivem as gentes ribeirinhas. Muito mais que irrigar e levar água às bacias hidrográficas em que atua, a Empresa tem traçado novos rumos para incremento da economia e inclusão social. Um desses caminhos envolve o apoio à economia criativa, que surge como forma de manter vivas as culturas e tradições locais. Dessa forma, uma das iniciativas da Codevasf para incentivar o pequeno produtor é a realização do Feirão de Artesanato e Produtos Regionais do Baixo São Francisco, que acontece em Aracaju, Sergipe. A feira é uma oportunidade para a venda de artesanato e a troca de informações entre artesãos que têm na atividade uma importante fonte de renda. Além de promover anualmente o evento, a Companhia incentiva a participação de artesãos em outros eventos e feiras, buscando aproximá-los do seu público e viabilizando a realização de contatos para disponibilização de produtos no mercado consumidor.

A produção artesanal apoiada pela Empresa utiliza materiais como palha, coco, barro, bordado, madeira, pedra, couro, entre outros. Nos últimos anos, têm se destacado os produtos feitos com couro da tilápia. Sandálias, colares, chaveiros, bolsas e brincos feitos com esse material demonstram que, do peixe, nada se perde.

A Codevasf também promove capacitações em inclusão digital, agroindústrias, corte e costura, que objetivam mostrar tanto a importância do trabalho criativo e sua contribuição para a economia do país, como, também, a relevância das tecnologias no rol das indústrias criativas.

Projeto Amanhã

A missão do Projeto Amanhã é promover ações que possibilitem o desenvolvimento social e econômico regional sustentável, o exercício da cidadania e o comprometimento com a preservação ambiental, resultando na melhoria da qualidade de vida da população. Desde que foi instituído pela Codevasf, em 1993, tem ajudado jovens na busca por melhores oportunidades de emprego e renda por meio de capacitações em diversas áreas. Ao longo desses 30 anos, já capacitou mais de 34 mil pessoas, na faixa etária de 14 a 26 anos, principalmente filhos de pequenos produtores rurais em regiões atendidas pela Empresa.

O Projeto faz parte das estratégias para a inclusão produtiva. São ofertados, principalmente, cursos de capacitação em várias áreas, como apicultura, ovinocaprinocultura, piscicultura, fruticultura, avicultura, artesanato e turismo sustentável, além de outras atividades complementares, como palestras interativas, dias de campo, *workshops,* campanhas, seminários, bem como atividades relativas à economia sustentável, criativa e solidária. As ações são gratuitas, compatíveis com as necessidades e os anseios dos jovens e colimam a ampliação do conhecimento, o desenvolvimento de habilidades e a qualificação profissional para que eles possam atuar com autonomia e competência em empreendimentos agropecuários, de economia criativa e solidária. Além disso, contribuem para minimizar o êxodo rural, fomentando a sucessão campo.

Por meio de telecentros, o Projeto Amanhã também promove a inclusão digital. São espaços fixos ou itinerantes destinados aos jovens, voltados para a inclusão digital e social e para a troca e o compartilhamento de informações dos usuários. Para a implantação desses espaços, a Codevasf faz a do-

ação de recursos audiovisuais que já foram utilizados pela Empresa, contribuindo, assim, com o fomento de boas práticas ESG (ambientais, sociais e de governança).

As ações do Projeto levam em consideração, principalmente, as demandas e as características do mercado, as vocações produtivas locais e regionais e buscam sempre valorizar e respeitar a cultura e as tradições. Os cursos oferecidos têm uma abordagem focada no ensino mais prático, ou seja, "aprender fazendo", o que facilita e oportuniza aos jovens levarem para as suas famílias o conhecimento adquirido.

Para desenvolver as suas inúmeras ações, o Projeto Amanhã conta com recursos oriundos da Lei Orçamentária Anual (LOA) e de parcerias entre a Codevasf e instituições públicas e privadas, em nível local, nacional e internacional. Como reconhecimento pela sua contribuição social, o Projeto já recebeu diversos prêmios e certificações. Entre as premiações, destaca-se o Prêmio Mobilização, de valorização do compromisso social das organizações, concedido pelo Comitê de Entidades Públicas no Combate à Fome e pela Vida (COEP), a Certificação do Selo Social DF – Ciclo 2022, iniciativa que reconhece empresas, entidades sociais e órgãos públicos que promovem desenvolvimento social e impactos positivos nas comunidades onde atuam e que faz interface com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas (ODS/ONU), além do Selo Empresa Parceira da Juventude do DF, da Secretaria de Estado da Família e Juventude (SEFJ), do Governo do Distrito Federal (GDF).

A Codevasf, portanto, por intermédio do Projeto Amanhã, tem promovido avanços nas estratégias de responsabilidade social ao alinhar suas ações às propostas e metas dos programas do Governo federal, com jovens rurais capacitados e com autonomia e competência para trabalharem em empreendimentos agropecuários e agroindustriais.

Projeto Amanhã - Divulgação/Codevasf

Superintendências Regionais

1ª Superintendência Regional (1ª SR)

A 1ª SR foi criada em Minas Gerais, no ano de 1976, sob a denominação de 1ª Diretoria Regional. Nesse mesmo ano, o Projeto Piloto de Irrigação de Mocambinho foi implantado numa área de 680 ha, dentro de uma gleba de 5.000 ha. Hoje é a Área "D" do Projeto Jaíba. Atualmente, abrange 172 municípios mineiros, com vários Perímetros de Irrigação, como Pirapora, Gorutuba, Lagoa Grande e, entre outros, o Jaíba, que é o maior em áreas contínuas da América Latina. O Projeto Jequitaí será implantado por meio de parceria entre o poder público e a iniciativa privada e a concessão será formalizada pela Codevasf, que recebeu suporte da Secretaria Especial do Programa de Parcerias de Investimentos (PPI) da Casa Civil e do MIDR. O Leilão foi realizado em março deste ano de 2024, na B3 (Brasil, Bolsa e Balcão), em São Paulo, e a previsão é de que haja o investimento de cerca de R$ 1,5 bilhão no empreendimento nos próximos anos. Outro destaque é a Barragem do Bico da Pedra, que serve de fonte para a irrigação dos Perímetros Gorutuba e Lagoa Grande. Já foram implantadas, pela 1ª SR, 54 Estações de Esgotamento Sanitário em vários municípios mineiros, além de mais de 27 mil cisternas do Programa Água para Todos.

2ª Superintendência Regional (2ª SR)

A 2ª Diretoria Regional da Codevasf, em Bom Jesus da Lapa (BA), foi inaugurada em 1975 e, em 1991, se tornou a 2ª SR. Entre os principais destaques da sua atuação estão a implantação do Projeto Formoso, inaugurado em 1989, que transformou o município de Bom Jesus da Lapa no maior produtor de banana do Brasil, além da inauguração e leilão, em 2018, de concessão do Projeto de Irrigação do Baixio de Irecê, o maior PPI da América Latina, com 42 km de canal e 48 mil ha de área irrigada total prevista, alcançando lance vencedor no valor de R$ 83 milhões, no ano de 2022. A 2ª SR conta com 10 Perímetros Irrigados, como o Projeto Ceraíma, Projeto Mirorós e o Projeto Nupeba/Riacho Grande, entre outros, além de obras significativas, como a Adutora do Algodão e a Adutora da Fé, essa em finalização.

3ª Superintendência Regional (3ª SR)

A 3ª SR foi criada em 1976. É referência na implementação de PPI no Brasil, entre os quais se destaca o Projeto de Irrigação de Bebedouro, pioneiro na região, iniciado na década de 1960, entrando em operação em 1968. Em 1984, foi implantado o Projeto de Irrigação Senador Nilo Coelho, com 1.387 lotes familiares e 285 lotes empresariais. Em 1997, houve a expansão desse Projeto, a denominada Área Maria Tereza e, atualmente, o PNC totaliza uma área irrigada de 23 mil ha, gerando 120 mil empregos diretos e indiretos e uma receita bruta de produção de R$ 2,64 bilhões em 2023. Está em implantação, ainda, o Projeto de Irrigação Pontal, com 7,8 mil ha irrigáveis, já havendo produção em quase metade dessa área. Os PPI têm 34.780 ha de área irrigáveis e geraram receita bruta de produção de R$ 3,01 bilhões em 2023. A 3ª SR Petrolina tem atuado ativamente no desenvolvimento regional, garantindo e fortalecendo a segurança hídrica por meio da implantação e destinação de reservatórios de água, perfuração de poços tubulares e implantação de sistemas de abastecimento de água em comunidades rurais. Também atua na revitalização da Bacia do São Francisco e seus afluentes, implementando SES e ações que fortalecem o saneamento rural das comunidades. Há, ainda, o apoio à estruturação de APL nas atividades de aquicultura, apicultura e ovinocaprinocultura, operacionalizando o Centro Integrado de Recursos Pesqueiros e Aquicultura do Bebedouro, focado na produção de alevinos de espécies de peixes de importância econômica, promovendo a piscicultura comercial e ecológica e visando à recomposição da ictiofauna.

4ª Superintendência Regional (4ª SR)

A 4ª SR foi instalada oficialmente em 1975, com sede em Aracaju (SE). Entre 1976 e 1982, finalizou a implantação de três projetos de irrigação no Baixo São Francisco Sergipano, quais sejam, Propriá, Cotingui-

ba/Pindoba e Betume, e, em 2014, concluiu a instalação de mais um, o Jacaré-Curituba. Juntos, os quatro projetos beneficiam cerca de 2,3 mil produtores, com produção superior a 50 mil toneladas de itens agrícolas por ano e geração de milhares de empregos no interior de Sergipe.

5ª Superintendência Regional (5ª SR)

A 5ª SR foi criada em 1983. Abrange todo o estado de Alagoas, com 102 municípios. Entre as atuações de relevância, destacam-se (i) a licitação e execução das obras de abastecimento de água nos municípios de Pariconha e Delmiro Gouveia, onde mais de 70% da zona rural está sendo atendida. O de Pariconha é o maior sistema de abastecimento de água para atendimento de áreas rurais a partir do Canal do Sertão Alagoano já executado; (ii) a licitação dos estudos de viabilidade para construção de um Perímetro Irrigado na área de influência do Canal do Sertão Alagoano, com análise de 40 mil ha passíveis de irrigação; (iii) a realização do maior Programa de Mecanização do Campo já efetivado em Alagoas, direcionado a associações de produtores, quilombolas e assentados, culminando na doação de 118 tratores, com os respectivos implementos agrícolas, como subsoladores, grades aradoras e niveladoras, sulcadores, semeadoras-adubadoras, entre outros.

6ª Superintendência Regional (6ª SR)

Criada em 1991, entre as principais ações da 6ª SR, destacam-se (i) a pavimentação (intertravado, TSD, CBUQ, TSS), com R$ 562,64 milhões investidos nos últimos cinco anos, entre contratos e convênios; (ii) a doação de máquinas, equipamentos e utensílios (2024-2024) para APL, entre máquinas e veículos pesados, tratores agrícolas e implementos, veículos utilitários, reservatórios, tubos, kits de irrigação, entre outros, totalizando, nos últimos cinco anos, R$ 313,62 milhões de investimentos; (iii) a implementação de sistemas de abastecimento de água nos municípios de Paulo Afonso e Casa Nova e das Adutoras de Campo Alegre de Lourdes e Junco, em Juazeiro, e Curral Velho, em Campo Formoso, totalizando R$ 142,96 milhões de investimentos; (iv) a implantação de SES nos municípios de Abaré, Campo Formoso, Chorrochó, Glória, Jeremoabo, Macururé, Mirangaba, Morro do Chapéu, Ourolândia, Pilão Arcado, Rodelas, Santa Brígida, Umburanas e Várzea Nova, com aproximadamente R$ 146 milhões investidos; (v) a perfuração e a instalação de poços, sendo R$ 79,25 milhões executados nos últimos cinco anos, em 194 municípios, e mais R$ 54,55 milhões em execução em 2024, em 69 municípios; (vi) a construção de pátios de múltiplos usos, sendo 21 sem cobertura e 16 com cobertura; (vii) o acompanhamento da produção dos Perímetros Irrigados, com área cultivada de quase 37 mil ha e aproximadamente 92 mil empregos gerados entre diretos, indiretos e induzidos; (viii) o acompanhamento da elaboração do Projeto CSB, com mais de R$ 6 bilhões de investimentos em 44 municípios, beneficiando cerca de 1,2 milhões de habitantes.

7ª Superintendência Regional (7ª SR)

Criada em 2001, atualmente a 7ª SR é um dos principais órgãos de desenvolvimento do estado do Piauí, referência na execução de obras de infraestrutura hídrica e na geração de renda junto às comunidades rurais, destacando-se como um dos principais agentes de mobilização ambiental e de desenvolvimento sustentável na Bacia do Parnaíba, sendo membro eleito do Comitê da Bacia, recém-instalado, e grande colaboradora das ações de revitalização. Com atuação em todo o Vale do Parnaíba no Maranhão e no Piauí, a 7ª SR, desde o ano 2000, já protagonizou obras de mais de 1.000 km de asfalto, perfurou e instalou cerca de 2,5 mil poços tubulares e, também, já recuperou e pavimentou aproximadamente 3.000 km de estradas vicinais e ruas em pequenas comunidades. Construiu dezenas de Casas de Mel, forneceu mais de 20 mil colmeias e implantou dezenas de projetos de piscicultura em tanques-rede, com cerca de duas mil gaiolas para os beneficiados, além de inúmeros projetos produtivos nas áreas de ovinocaprinocultura, bovinocultura, mandiocultura e cajucultura, essa incluindo o processamento da castanha e do pseudofruto do caju. Forneceu, ainda, equipamentos agrícolas para milhares de famílias e implantou o

Barragem de Luiz Gonzaga - BA/PE, óleo 70X100cm
Velho
Chico - OTONIEL 99

projeto de irrigação Marrecas/Jenipapo, especialmente para a produção de frutas. Promoveu o saneamento básico com o esgotamento sanitário em municípios com menos de 50 mil habitantes, diminuindo a carga de poluentes despejados no Vale do Parnaíba. Foram também executados projetos ambientais, como o controle de processos erosivos em Santa Filomena e Gilbués e o controle no avanço das dunas na região do Delta por meio da reposição da vegetação nativa. Na linha dos estudos e levantamentos, em 2020, disponibilizou à sociedade o Diagnóstico da Situação dos Recursos Hídricos da Bacia Hidrográfica do Parnaíba, importante base de dados para a realização de projetos de recuperação da bacia e planejamento de intervenções mitigatórias a curto e médio prazos.

8ª Superintendência Regional (8ª SR)

A 8ª SR foi criada em 2012, sediada em São Luís (MA) e abrange todos os 217 municípios do estado. Durante pouco mais de uma década, realizou investimentos de aproximadamente R$ 1,6 bilhão de recursos federais por meio de contratos, convênios e doações, o que tem melhorado a vida das populações locais, beneficiando aproximadamente 7 milhões de habitantes, em uma área geográfica de cerca de 332 mil km^2, compreendendo um total de 12 bacias hidrográficas maranhenses. Entre as diversas ações, foram implantados sistemas simplificados de abastecimento de água, cujos investimentos, de 2012 até 2022, alcançaram aproximadamente R$ 170 milhões. Além disso, procedeu-se à doação de equipamentos diversos para a melhoria da infraestrutura e da agricultura familiar, somando, essas ações, investimentos em torno de R$ 300 milhões. A Codevasf no Maranhão realiza, ainda, a recuperação e a pavimentação de vias, o que promove a ampliação da mobilidade entre a zona rural e a sede dos municípios e favorece tanto o escoamento da produção quanto o acesso a escolas e a serviços de saúde. Foram implantados quase 1.000 km de asfalto e recuperados mais de 5.000 km de estradas vicinais. Ainda como investimento em infraestrutura viária, tem-se a construção de uma ponte convencional mista em concreto armado e aço sobre o Rio Munim, no município de Nina Rodrigues, incluindo uma pista de rolamento com duas faixas e dois passeios de pedestres. A ponte possui extensão de 150,74 m e largura do tabuleiro de 11,20 m, com investimentos de mais de R$ 17 milhões. No que se refere à revitalização de rios e bacias hidrográficas, técnicos da Companhia elaboraram produtos como o Plano Nascentes Parnaíba, o Plano Nascentes Itapecuru e Mearim e o Diagnóstico da Situação dos Recursos Hídricos da Bacia Hidrográfica do Rio Parnaíba. Foram firmados dois convênios com a Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), que resultarão na elaboração do Plano de Recursos Hídricos da Bacia do Itapecuru e na construção e aquisição de equipamentos para uma Estação de Monitoramento de Águas.

9ª Superintendência Regional (9ª SR)

A 9ª SR foi criada em 2020 e vem se destacando pela exitosa execução de pontes modulares em Goiás, com o objetivo de garantir melhores condições de rodagem em diversas estradas estaduais que cortam municípios goianos. Já foram instaladas 56 pontes e 17 estão em fase de implementação. O valor das obras é superior a R$ 25 milhões, executadas com recursos de emendas parlamentares e do próprio orçamento da Codevasf. As pontes, que são de estrutura mista, concreto e aço, e possuem de seis a 24 metros, suportam peso de caminhões de até nove eixos e se destinam a garantir maior segurança na circulação das pessoas, facilitando o acesso a escolas e a serviços de saúde. As unidades já concluídas estão em diversas localidades, como nos municípios de Formosa e São João da Aliança, regiões cuja demanda por aperfeiçoar a estrutura viária é uma constante, em razão das intempéries climáticas e do fato de se tratar de área com imenso potencial para o desenvolvimento de diversas atividades econômicas, como o turismo, entre tantas outras. As novas pontes serão de grande contribuição para a malha viária da região, garantindo mais segurança nas estradas para milhares de pessoas que circulam diariamente nos trechos atendidos, além de trazer mais agilidade no escoamento da produção agrícola e pecuária, atividades de grande relevância para o estado de Goiás.

10ª Superintendência Regional (10ª SR)

A 10ª SR foi criada em 2020 e entre as suas principais ações, no estado do Tocantins, destaca-se a realização de obras de infraestrutura urbana e rural, envolvendo recuperação de estradas asfaltadas, construções de pontes modulares de concreto, pavimentações intertravadas de bloquetes pré-moldados, perfurações de poços, construções de barragens elevatórias, doações de veículos, maquinários e implementos para prefeituras e associações produtivas, além de incentivo à piscicultura e economia criativa, beneficiando 59 municípios e superando R$ 277 milhões de investimentos.

11ª Superintendência Regional (11ª SR)

A 11ª SR, no Amapá, teve a sua recente inauguração no ano de 2022, com a expedição da Ordem de Serviço para a construção de sua sede própria, em Macapá, neste ano de 2024. Serão iniciadas as pautas pela Bacia do Araguari e arredores, com doações de equipamentos e insumos para o extrativismo sustentável do açaí, desde a colheita artesanal, passando pelo manejo e processamento, a fim de conciliar as atividades de produção desse fruto, que tem importante e crescente demanda dos mercados nacional e internacional, com práticas de preservação ambiental.

12ª Superintendência Regional (12ª SR)

A Codevasf, nos termos da Lei nº 14.053, de 8 de setembro de 2020, teve autorização para atuar em todos os 167 municípios do estado do Rio Grande do Norte e as ações da Empresa na região se iniciaram, então, em 2021, ainda como Escritório de Apoio Técnico de Natal (RN), vinculado à sede, em Brasília. No ano de 2022, foi inaugurada a 12ª SR e, em 5 de setembro daquele mesmo exercício, foi expedida a Ordem de Serviço para implantação dos sistemas adutores na região do Seridó Potiguar (Eixo Norte), empreendimento que terá investimento total da ordem de R$ 600 milhões (Eixos Norte e Sul), na construção de uma infraestrutura hídrica que, quando concluída, levará água a cerca de 300 mil pessoas, em 22 municípios.

13ª Superintendência Regional (13ª SR)

A 13ª SR já beneficiou mais de 151 municípios na Paraíba desde o início da sua atuação no estado, em outubro de 2021. As ações envolvem recursos da ordem de R$ 400 milhões e visam ao desenvolvimento regional, com apoio na estruturação de atividades produtivas, por meio da entrega de tratores, máquinas pesadas e implementos agrícolas, perfuração de poços, construção de cisternas, módulos sanitários e obras de pavimentação de vias. Somente em 2023 foram entregues 75 máquinas pesadas, como retroescavadeiras, motoniveladoras e pás-carregadeiras, 30 caminhões, entre caminhões-pipa, compactadores de lixo e caçambas, 39 tratores agrícolas, além de 168 implementos agrícolas, entre grades aradoras, niveladoras, plantadeiras e carretas agrícolas. Os equipamentos pesados auxiliam a execução de serviços públicos, fortalecem empreendimentos locais e impulsionam o desenvolvimento socioeconômico das regiões atendidas, sendo utilizados na construção e manutenção de estradas, terraplenagem e escavações. Além dessas entregas, a Codevasf na Paraíba tem atuado em ações que visam à segurança hídrica de comunidades localizadas em áreas de difícil acesso à água, com investimentos de cerca de R$ 20 milhões em perfuração de poços e R$ 4,5 milhões em instalação de cisternas. Na área de desenvolvimento urbano e rural, destacam-se as obras de pavimentação em TSD, CBUQ e intertravado, além de recapeamento asfáltico, com investimentos na ordem de R$ 170 milhões.

14ª Superintendência Regional (14ª SR)

Criada em 2022, entre as principais ações da 14ª SR, destacam-se (i) a pavimentação de vias (intertravado, pavimentação asfáltica, TSD, recuperação de estradas vicinais), com um valor total investido de R$ 162.987.830,20, área executada de 474.391,60 m² e área a ser ainda executada de 698.899,18 m², abrangendo 45 municípios, a saber, Crateús, Independência, Poranga, Quiterianópolis, Maracanaú, Crato, Pedra Branca, Ibaretama, Aquiraz, Várzea Alegre, Icó, Tauá, Quixadá, Quixeramobim, Acopiara, Lavras

Peixamento, Projeto Amanhã - Divulgação/Codevasf

da Mangabeira, Arneiroz, Aiuaba, Catarina, Milhã, Barroquinha, Tianguá, Croatá, São Benedito, Jijoca de Jericoacoara, Camocim, Meruoca, Jati, Umirim, Maranguape, Icapuí, Morada Nova, Orós, Barbalha, Nova Olinda, Farias Brito, Acaraú, Novo Oriente, Russas, Salitre, Boa Viagem, Morrinhos, São Luís do Curu, Aracati, Potengi; (ii) o fornecimento de máquinas e equipamentos, no total de 21 de cada, alcançando o valor investido de R$ 11.523.295,15, com 18 municípios beneficiados entre os já citados; (iii) a realização de estudos e projetos, com destaque para o Sistema Adutor Arneiroz ll – Sertão dos Inhamuns, a Unidade de Beneficiamento de Pescado e os Centros Integrados de Recursos Pesqueiros e Aquicultura, com valor total investido de R$ 4.399.016,32; (iv) a realização de obras de saneamento, como reservatório de acumulação de água, perfuração de poços e módulos sanitários, com cerca de R$ 9.349.492,60 investidos em 242 cisternas, 116 poços e 117 módulos sanitários construídos, beneficiando 16 dos municípios já mencionados anteriormente.

15ª Superintendência Regional (15ª SR)

Criada em 7 de junho de 2023, a 15ª SR atua em 112 municípios pernambucanos, abrangendo área das bacias hidrográficas dos Rios Mundaú, Paraíba, São Francisco e Una e alcançando também outras bacias localizadas em Pernambuco, tais como as dos Rios Ipojuca e Capibaribe. Tem como missão apoiar a inclusão produtiva, por meio da estruturação de APL, obras de infraestruturas para escoamento de produção e fornecimento de máquinas e equipamentos agrícolas. Em quatro meses da sua criação, a 15ª SR investiu R$ 101.308.225,20 na execução de políticas de desenvolvimento regional, iniciando com investimentos em pavimentação e recuperação de asfalto, na missão de trazer mais desenvolvimento econômico para os municípios, demonstrando compromisso com o bem-estar de todos.

16ª Superintendência Regional (16ª SR)

Aprovada a sua criação em 7 de junho de 2023, a 16ª SR iniciou suas atividades em setembro do mesmo ano. Localizada em Belo Horizonte (MG), abrange a Serra da Canastra, região que vem recebendo especial atenção da Codevasf pelo seu nobre simbolismo. Uma das ações de destaque é a recuperação do acesso ao Parque Nacional, "berço" do Rio São Francisco. A pavimentação da via, além de facilitar a visitação turística ao local, também contribui para o combate a incêndios e o controle de erosão. Outra ação relevante foi a construção da primeira escola de Mestre Queijeiro do Brasil, especializada na produção com leite cru, que impulsiona a mais afamada vocação regional, o queijo canastra. Assim como a Serra da Canastra gera as primeiras águas do caudaloso São Francisco, a Codevasf, por meio das obras efetivadas na região e das ações no APL, faz agigantar a sua missão de levar desenvolvimento ao longo de todas as bacias hidrográficas em que atua.

Abastecendo o sertão, Frederico Celente - Divulgação/Codevasf

Prêmios e Reconhecimentos, Certificações e Selos

Ao longo de sua trajetória, a Codevasf tem sido uma referência em gestão pública, impactando positivamente a vida das pessoas e das comunidades onde atua. Juntamente com as suas Superintendências Regionais, acumula diversos prêmios, selos e certificações concedidos por instituições renomadas, frutos de sua expertise e da relevância dos efeitos benéficos e duradouros que gera na sociedade por meio de seu trabalho ativo nas áreas de Responsabilidade Socioambiental e Governança.

Tais reconhecimentos resultam de um compromisso firme e contínuo com a qualidade, a inovação, a sustentabilidade e a integração estratégica aos ODS/ONU em todas as áreas de atuação. Isso evidencia a importância do papel da Codevasf como empresa pública que transcende os compromissos habituais.

Entre os marcos de suas conquistas, destacam-se:

• Selo Empresa Limpa – recebido em 2023, está associado à adesão da Codevasf ao Pacto Empresarial pela Integridade e Contra a Corrupção. Concedido pelo Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social, é outorgado a empresas comprometidas com a probidade associada a compromissos de disseminação interna da legislação correspondente, assim como de vedação à prática de qualquer ilicitude, promovendo legalidade, transparência e colaboração de investigações;

• Selo Empresa Parceira da Juventude do DF – também auferido em 2023, é outorgado pela SEFJ a empresas que acreditam no potencial dos jovens entre 15 e 29 anos do Distrito Federal e assumem o compromisso de treiná-los e capacitá-los para um futuro profissional melhor, dando-lhes a oportunidade da primeira experiência profissional;

• Selo Social DF – é concedido pelo Instituto Abaçaí Brasil em reconhecimento às empresas, entidades sociais e órgãos públicos que promovem desenvolvimento social e impactos positivos nas comunidades onde atuam, fomentando e potencializando o desenvolvimento social e a qualidade de vida das comunidades locais. A certificação faz interface com os ODS/ONU. À Codevasf, foi concedido por cinco anos consecutivos, pelos Projetos adiante elencados:

- Ciclo 2023 - a outorga ocorreu em razão de a Empresa ter, em sua estrutura na sede, uma Sala de Coleta e Apoio à Amamentação, certificada pelo Ministério da Saúde (MS), para as mães que retornam da licença maternidade. Foi a primeira (e única) empresa pública a ter em sua estrutura a referida Sala, sendo referência nacional nesse quesito. Além dela, possui também fraldários instalados nos banheiros da sede da empresa e cartilha *on-line* de orientação à amamentação, disponível para *download;*

- Ciclo 2022 - a certificação ocorreu pelo quarto ano consecutivo e foi concedida em reconhecimento ao trabalho realizado pelo já citado programa social Projeto Amanhã, que possui grande alcance social e converge com oito dos 17 ODS/ONU;

- Ciclo 2021 - a certificação decorreu do Projeto Unidade Demonstrativa de Criação de Peixes, Integrada com Cultivo de Hortaliças – Aquaponia, na sede da Empresa, em Brasília. Com esse Projeto, a Companhia contribuiu com 4 dos 17 ODS/ONU;

- Ciclo 2020 - com o tema "Solidariedade", o Selo, nesse Ciclo, teve como objetivo reconhecer e valorizar as iniciativas de boas práticas no combate à pandemia da Covid-19, relacionadas aos ODS/ONU, visando incentivar o maior número de organizações e pessoas a se mobilizarem. A Companhia participou da certificação com dois Projetos, a saber, a Campanha solidária de arrecadação e doação de cestas básicas – Covid-19 e a Campanha interna de doação de máscaras solidárias – Covid-19;

- Ciclo 2019 – foi a primeira vez que a Codevasf foi contemplada com o Selo, participando da certificação com os Projetos Ecoponto e Bazar da Reutilização. O tema da campanha foi "Inovando e Integrando o Distrito Federal" e, entre os projetos de 33 instituições públicas, privadas e da sociedade civil organizada que demonstraram compromisso social, a Codevasf foi a única empresa pública federal que obteve a certificação no referido ano;

• Selo Empresa Amiga da Primeira Infância – de iniciativa da Procuradoria Especial da Mulher da Câmara Legislativa do Distrito Federal (PEM-CLDF), incentiva empresas públicas ou privadas da Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal a cumprirem a responsabilidade social de assegurar à criança o direito à educação, ao lazer, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. O Selo foi recebido por três anos consecutivos pelos seguintes Projetos:

- 2021 – a certificação ocorreu em razão da já citada Sala de Coleta e Apoio e à Amamentação, implantada em 2017 e institucionalizada em 2022. A Empresa foi reconhecida e apontada como modelo por suas iniciativas de proteção e apoio à maternidade, à amamentação, à primeira infância e, de modo mais abrangente, à família;

- 2020 – a certificação foi recebida pelo segundo ano consecutivo também em decorrência da estrutura de apoio ao aleitamento materno, A Companhia foi novamente a única empresa pública no referido ano a receber o Selo;

- 2019 – nesse ano, a Codevasf foi a única empresa a cumprir todos os requisitos necessários para obtenção do Selo por assumir a responsabilidade social de assegurar às mães gestantes e aos seus filhos o direito à amamentação, à educação e à saúde com dignidade e respeito;

• Selo Empresa Amiga da Família (SEAF) – concedido pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), por meio da Secretaria Nacional da Família (SNF), a certificação, com validade de dois anos, tem a finalidade de reconhecer publicamente as empresas estabelecidas em território nacional que se mostram comprometidas com o equilíbrio trabalho-família, tendo por finalidade "fomentar a adoção voluntária de práticas organizacionais familiarmente responsáveis pelas empresas brasileiras, por meio do reconhecimento público daquelas que se mostram comprometidas com o equilíbrio trabalho-família". Na Edição 2019/2020, foi a primeira vez que a Empresa foi contemplada com a certificação, tendo recebido a outorga na Edição 2021/2022 pela segunda vez consecutiva;

• Selo Verde da Agenda Ambiental na Administração Pública (A3P) – é concedido pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA), visando reconhecer o mérito de iniciativas dos órgãos e entidades do setor público que contribuem para a sustentabilidade ambiental das atividades públicas e estimular a implementação de ações inovadoras de gestão ambiental que instiguem a melhoria do ambiente organizacional e do meio ambiente. A Codevasf participou da certificação com o multicitado Projeto da Sala de Coleta e Apoio e à Amamentação, conquistando o 3º lugar na categoria Inovação na Gestão Pública, no 8° Prêmio Melhores Práticas A3P – 2020;

• Selo Sustentabilidade na Administração Pública – a Codevasf recebeu, em 2016, o Certificado de Adesão e o Selo Sustentabilidade na Administração Pública, na categoria Verde, concedido pelo MMA, após a assinatura do Termo de Adesão à A3P. A iniciativa reconhece e divulga práticas de gestão de órgãos parceiros do programa que se baseiam em conceitos de sustentabilidade;

• Selo Verde – Ecolmeia – a Codevasf/Sede recebeu, em 2010, a primeira certificação Selo Verde - Ouro da Organização Não Governamental Ecolmeia. A certificação, reconhecida nacional e internacionalmente, é concedida a instituições que são preocupadas com questões ambientais e promovem o desenvolvimento sustentável, reduzindo os impactos no solo, ar e água em toda sua cadeia produtiva. Sobrevieram, ainda, certificações nos anos seguintes:

- 2011 – a Codevasf foi a primeira empresa pública a receber o Selo Verde - Diamante, categoria máxima concedida pela Organização Ecolmeia. A Companhia conquistou essa categoria por ter sido caracterizada como uma rede de organizações na sua área de atuação com excelência nas ações socioambientais e compromisso com o desenvolvimento sustentável e a cidadania;

- 2018 - a certificação na categoria Diamante foi renovada até 2020. A Codevasf foi reconhecida por inserir em suas atividades e processos critérios de sustentabilidade, por promover a responsabilidade socioambiental e por ter sido identificada como uma rede de organizações que objetiva a excelência das ações socioambientais nas suas gestões e o compromisso com o desenvolvimento sustentável e a cidadania;

- 2019 - a Codevasf conquistou a certificação socioambiental Selo Verde – Solução Sustentável, pela implantação da Unidade Demonstrativa de Criação de Peixes Integrada com Cultivo de Hortaliças – Aquaponia, na sede da Empresa. O Projeto demonstra, na teoria e na prática, uma solução viável na eliminação, redução, reutilização ou reciclagem no contexto ambiental, social e econômico, ao integrar a criação de peixes com a produção de hortaliças;

- 2023 - a Codevasf, pela segunda vez, foi contemplada com a renovação da certificação na categoria máxima Diamante, ante o seu objetivo de conscientizar o público por meio da mudança de comportamento e da adoção de atitudes solidárias e ambientalmente corretas.

Em algumas Superintendências Regionais (SR), projetos e processos exitosos, que estão gerando transformações sociais, ambientais e econômicas significativas nas regiões onde estão localizados, foram também reconhecidos e certificados, dos quais se destacam os Certificados concedidos pela Ecolmeia, em 2023:

1ª SR

• Cooperativa dos Agriculturas Familiares e Agroextrativista Grande Sertão - Selo Verde - Categoria Ouro;

• Cooperativa de Apicultores e Agricultores Familiares do Norte de MG (COPEMAPI) - Selo Verde - Categoria Ouro;

• Associação dos Apicultores do Município de Guaraciama e Região (PIGUAR) - Selo Verde - Categoria Ouro;

5ª SR

• Associação Comunitária Rural Águas do Sertão (ACRAS) - Selo Verde - Categoria Ouro;

• Cooperativa dos Produtores de Mel, Insumos e Produtos da Agricultura Familiar (COOPEAPIS) – Selo Verde - Categoria Ouro;

• Associação dos Artesãos em Couro de Tilápia – Estação Cangaço, em Piranhas (AL) – Selo Verde - Categoria Ouro;

• Associação Indígena Xucuru Kariri – Selo Verde – Categoria Produção Natural;

• Povoado do Mangue – Selo Verde – Categoria Produção Natural;

6ª SR

• Cooperativa de Produção Agropecuária de Jiló e Região LTDA (COOPAG) - Selo Verde - Categoria Ouro;

• Cooperativa de Produtores Rurais e Agricultores Familiares de Miguel Calmon (BA) (COOPAL) - Selo Verde - Categoria Ouro;

• Cooperativa Agropecuária Familiar de Canudos, Uauá e Curaçá (COOPERCUC) - Selo Verde - Categoria Ouro;

• Projeto Público de Irrigação Maniçoba (DIM) - Selo Verde – Categoria Ouro, em 2018; Selo Verde – renovação Categoria Ouro, em 2023;

• Projeto Público de Irrigação Mandacaru (Dimand) - Selo Verde – Categoria Ouro, em 2011; Selo Verde – renovação Categoria Ouro, em 2023;

7ª SR

Obteve os seguintes Certificados concedidos pela Ecolmeia, em 2020:

• Associação dos Piscicultores de Caxingó - município de Caxingó - Selo Verde - Categoria Ouro;

• Associação das Marisqueiras e Filetadeiras de Luís Correia - Selo Verde - Categoria Produção Natural;

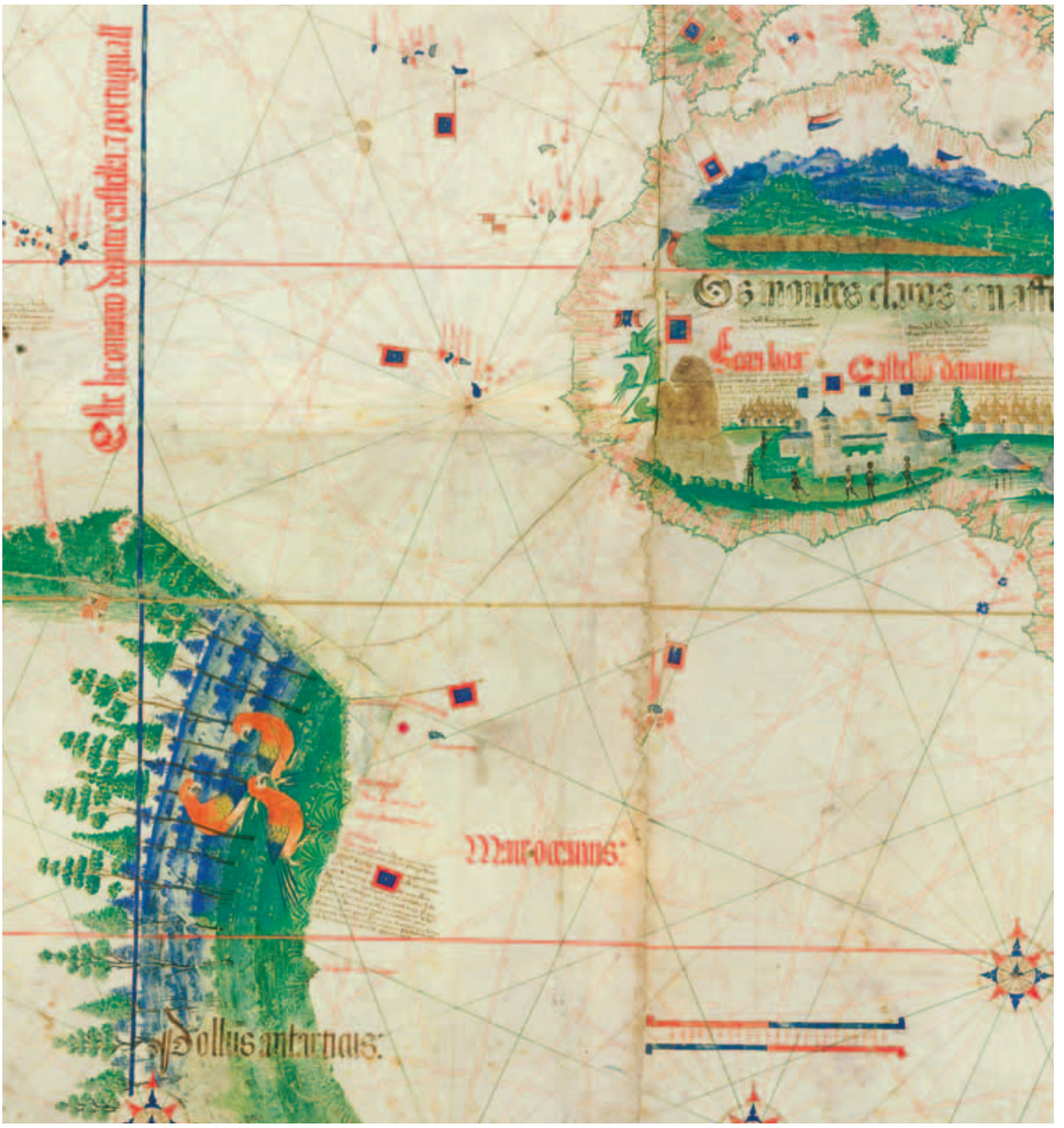
• Associação de catadores de Marisco de Ilha Grande (ACEMIG) - Selo Verde - Categoria Ouro.

Ao longo desse meio século, a Companhia, com uma administração eficiente e dedicada, promoveu o desenvolvimento das suas regiões e continuará produzindo os melhores efeitos nos âmbitos socioeconômico e ambiental para beneficiar milhões de brasileiros nessa grande empreitada em ampla seara fértil.

São muitos os motivos para festejar os seus 50 anos de fundação e serão imensos os desafios para as próximas décadas. A Codevasf se vale da maturidade alcançada no seu Jubileu de Ouro e se inspira nos importantes acontecimentos nacionais e no legado dos grandes nomes da nossa história, certa de que a maior conquista será sempre a integração das suas gentes com as suas terras e as suas águas...

Codevasf 50 Anos

Estação de Bombeamento Jaíba (MG) - Divulgação/Codevasf



Detalhe do mapa português Plenisfério Cantino, 1502

A Codevasf, nos seus 50 anos,
apresenta uma viagem ilustrada
e poética pelas suas bacias, rios
e vales, acompanhados
de sua gente...

Nascente do São Francisco, 80X120cm

Bacia do SÃO FRANCISCO

O SÃO FRANCISCO

Longe, bem longe, dos cantões bravios,
Abrindo em alas os barrancos fundos,
Dourando o colo aos perenais estios,
Que o sol atira nos modernos mundos;
Por entre a grita dos ferais gentios
Que acampam sob os palmeirais profundos
Do São Francisco a soberana vaga
Léguas e léguas triunfante alaga!

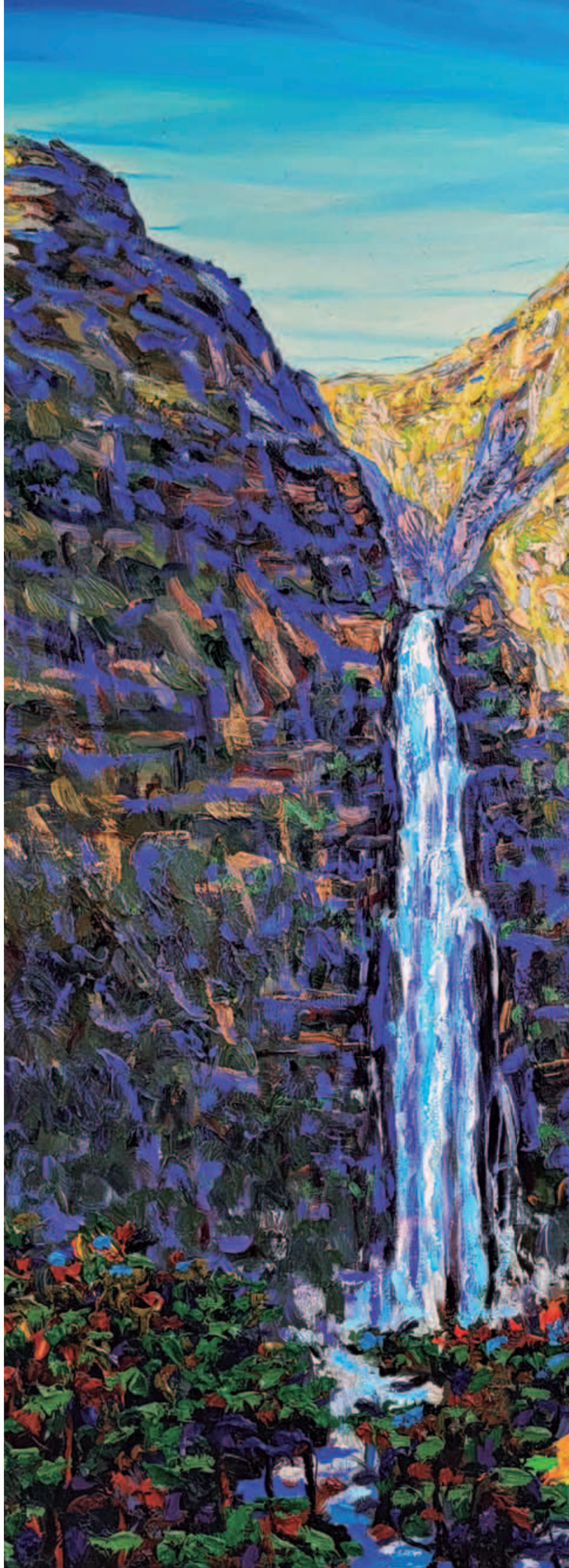
Antemanhã, sob o sendal da bruma,
Ele vagia na vertente ainda,
Linfa amorosa co'a nitente espuma
Orlava o seio da mineira linda;
Ao meio-dia, quando o solo fuma
Ao bafo morno de u'a calma infinda,
Viram-no aos beijos, delamber demente
As rijas formas da cabocla ardente.

Insano amante! Não lhe mata o fogo
O deleite da indígena lasciva...
Vem a busca talvez de desafogo
Bater à porta da baiana altiva.
Nas verdes canas o gemente rogo
Ouve-lhe à tarde a tabaroa esquiva...
E talvez por magia... À luz da lua
Mole a criança na caudal flutua.

Rio soberbo! Tuas águas turvas
Por isso descem lentas, peregrinas...
Adormeces ao pé das palmas curvas,
Ao músico chorar das casuarinas!
Os poldros soltos retesando as curvas,
Ao galope agitando as longas crinas,
Rasgam alegres relinchando aos ventos
De tua vaga os turbilhões barrentos.

E tu desces, ó Nilo Brasileiro,
As largas ipueiras alagando,
E das aves o coro alvissareiro
Vai nas balsas teu hino modilhando!
Como pontes aéreas do coqueiro
Os cipós escarlates se atirando,
De grinalda em flor tecendo a arcada
São arcos triunfais de tua estrada!...

Castro Alves



Cachoeira da Casca d'Anta e tucanos, óleo 100X120cm

Otoniel

Tripulação do Vapor Presidente Dantas, 1912 - Acervo Fiocruz

Versos populares

Lá vem o Curvello
Jogando água fora.
Correu com o Barão,
Pensando fosse o Pirapora.

Ai, ai, ai!
O vapô Antônio Moniz
Ai, ai, ai!
Não é como o povo diz.

Sou marinheiro, sou baiano
Também sou marinheiro
Do vapô Carinhanha.

O Barão de Cotegipe,
Iaiá, deixa de grito,
O Barão vai à festa
E eu não fico.

Iaiá, não chora
Nem vai chorar,
O Barão vai à Lapa.
Iaiá, não chora.

Nem vai chorar.
O Barão vai à Lapa
Pra depois vortá!

Pira, pira, Pirapora na terra onde nasci,
Mas o Barão é que me leva
Pra São Paulo eu quero ir.

Tava na beira do rio
Quando meu bem embarcô
Tanto chorava meus olhos
Como corria o vapô

Matta Machado
Que vem carregado
Ele évem na carrêra
Que évem danado.

O vapô Benjamim
Voltô a navegá
Que saudade do apito
A saudade vai acabá.

O vapô Benjamim
Desceu o São Francisco
Que saudade do vapô!
Que tanto arrisco.

O vapô da cachoeira
Não navega mais ao má,
Desanda a roda e toca o fuso
Nós queremos é navegá...
Ai, ai, ai!
Nós queremos é navegá...

Vapor Engenheiro Halfed, 1912 - Acervo Fiocruz

Ponte Mal. Hermes de Pirapora - MG, óleo 80X120cm

OTONIEL 2016

Barra do Guaicuí - MG, óleo 100X150cm

Larguei minha mãe
Por minha grande miséra
Minino de doze ano
Veja qui tamanho eu era

Larguei meu pai
Pensano qui já era ôme
Quando eu pus o pé na estrada
Quase qui a onça mi come

Vala mia Nossa Senhora,
Também Nosso Senhor,
Vala mia Virge Maria
Mãe do Nosso Senhor.

Cantiga Regional

Humaitá, eu vou de rôlo, minha rimã
Ando já c'as junta inchada
Só de comer matrinchã,

Matrinchã, tú óia Jinuíno
Que anda com a linha n'água
Somente te perseguino;
Comprou uma linha na Lapa
Pra dá de cumê aos minino.

Cantiga de Remeiros

Cachoeira de Pirapora, 1912 - Acervo Fiocruz

Porto de Januária, 1912 - Acervo Fiocruz

Januára é pinga bôa,
Cachaça de se tomá...
Lugá de juízo atôa,
É lá nos asilo das capitá...

Ôi, ôi, ôi...
Qui bom, Januára é...
Vamo jogá êsse abestaiádo bôi
Lá nas práia de Sento Sé...

Verso popular

Quando eu meto o remo n'água
E arranco areia do fundo,
Páu ferro! Pra que tu quebrou meu remo!?
As dama de Januára
Que trouxe os pilôto inganado
Uma era Luzia da Gama,
E a outra Maria Canára.
Di-ô-le-ô Juzêro cidade!

Cantiga de Remeiros

Posto Seriema, Itacarambi - MG, óleo 60X100cm

ERIEMA

VELHO CHICO
OTONIEL 99

No Alto da Lapa - BA, óleo 100X150cm

Canoeiro e Barca com Carranca, S.D. - Marcel Gautherot

Casa vremeia anda chorano;
Eu choro e tenho razão
O meu patrão me vendeu
Por farta de opinião!

Qui é qui tem casa vremeia?
Qui é qui tem qui tá chorano
Qui é qui tem casa vremeia
Qui é qui tem nu coração?
O meu dono mi vendeu
Cum toda carregação!
Ê... Ê...
Lê... lê diá...
Ê... êêê...

Cantiga de Remeiros

Pisa na canôa, canoeiro,
Pisa na canôa, devagá,
Pisa na canôa, canoeiro,
Deixa o meu bem passá.

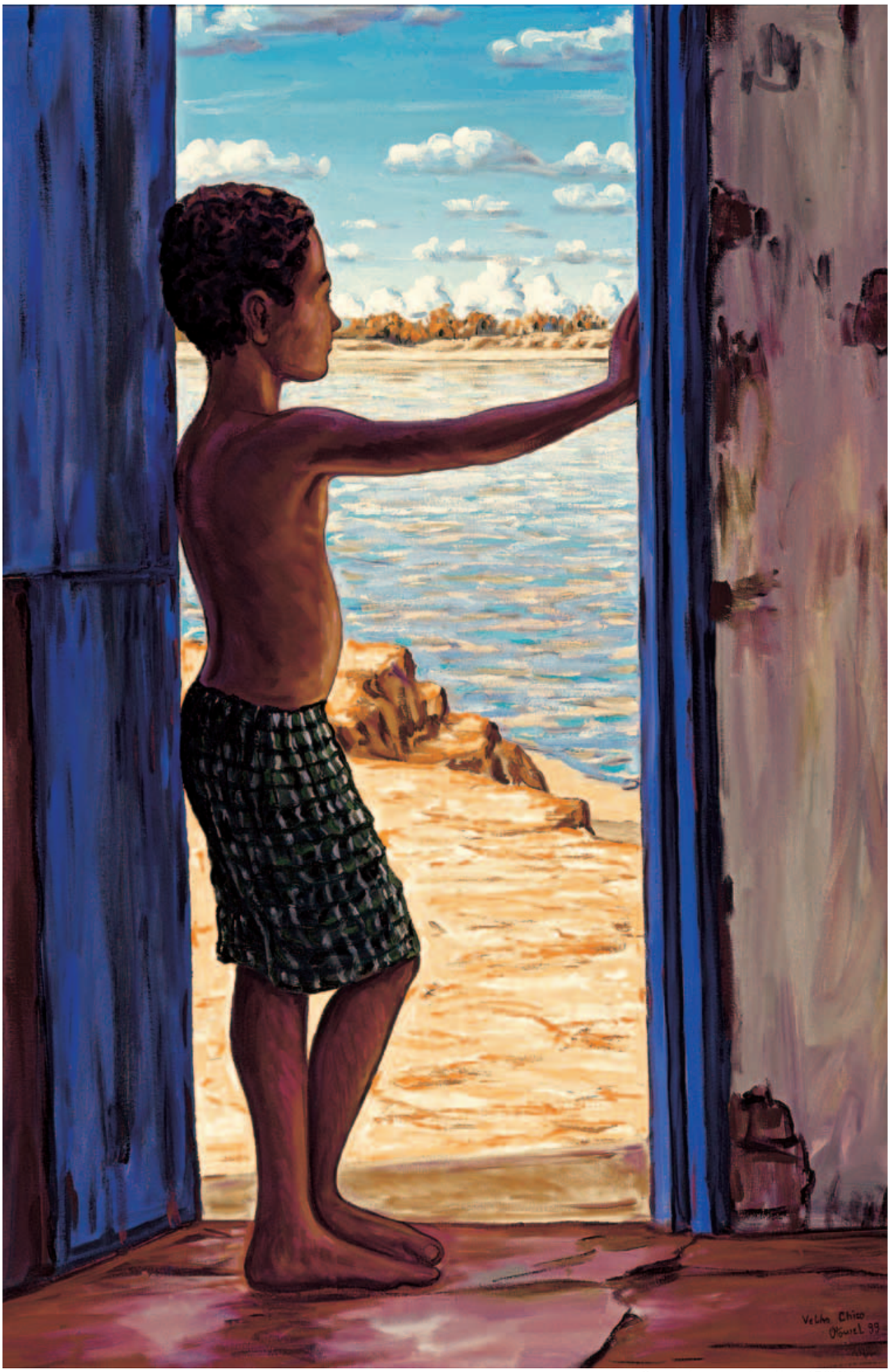
Menina tú vai-te embora
Bem podia me levá
Eu não sou tão pequenino
Que não possa caminhá.

Se cravo branco soubesse
O valor que o rôxo tem,
Panhava sol e sereno,
Ficava rôxo também.

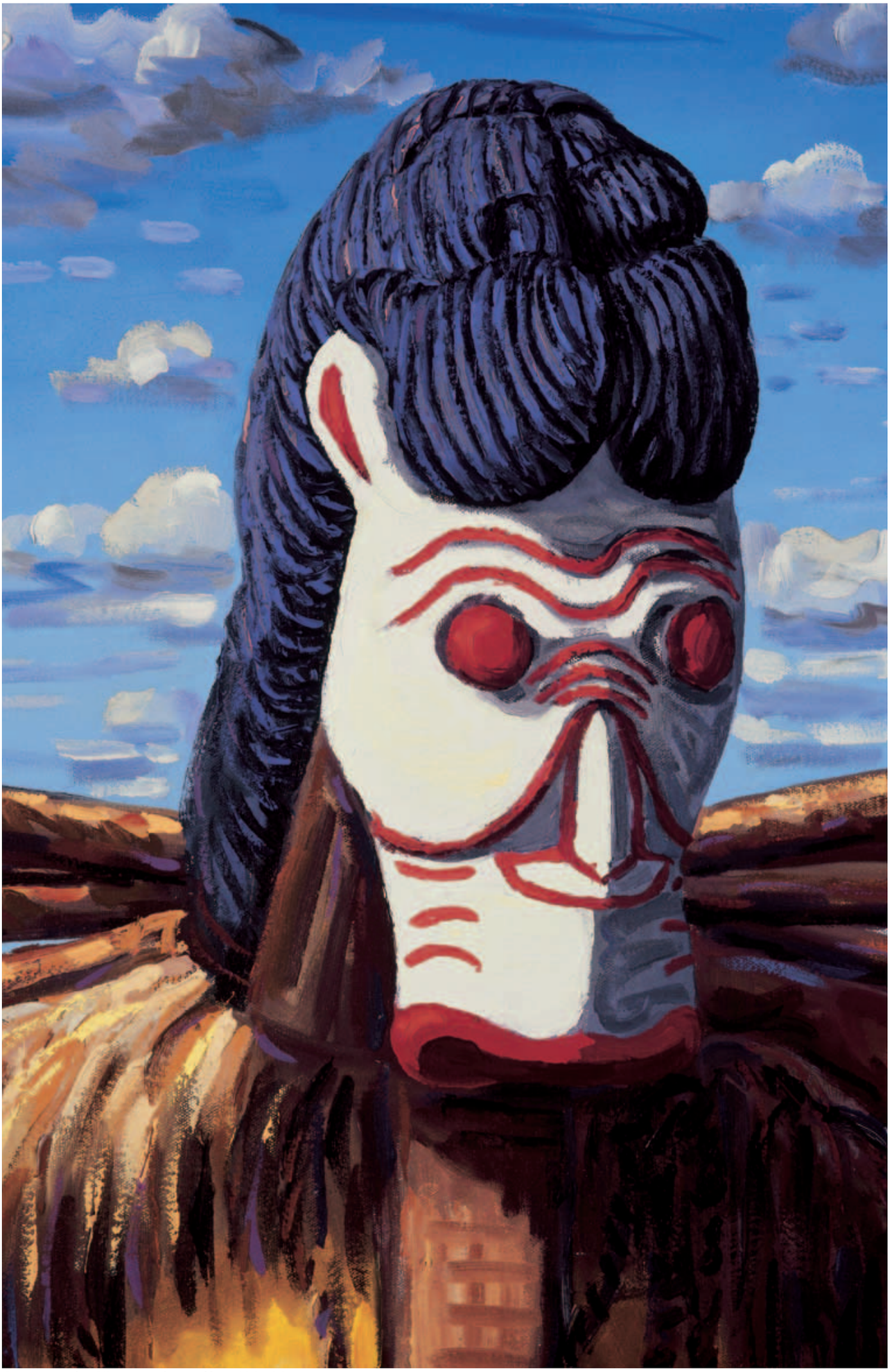
Cantiga de Remeiros

Barca com Carranca, 1912 - Acervo Fiocruz

Amanhecer no Porto da Barra - BA, óleo 60X120cm



O menino e o rio, óleo 150X100cm



Carranca do São Francisco, óleo 100X80cm

Margem de Xique-Xique - BA, 1912 - Acervo Fiocruz

Boqueirãozinho - BA, 1912 - Acervo Fiocruz

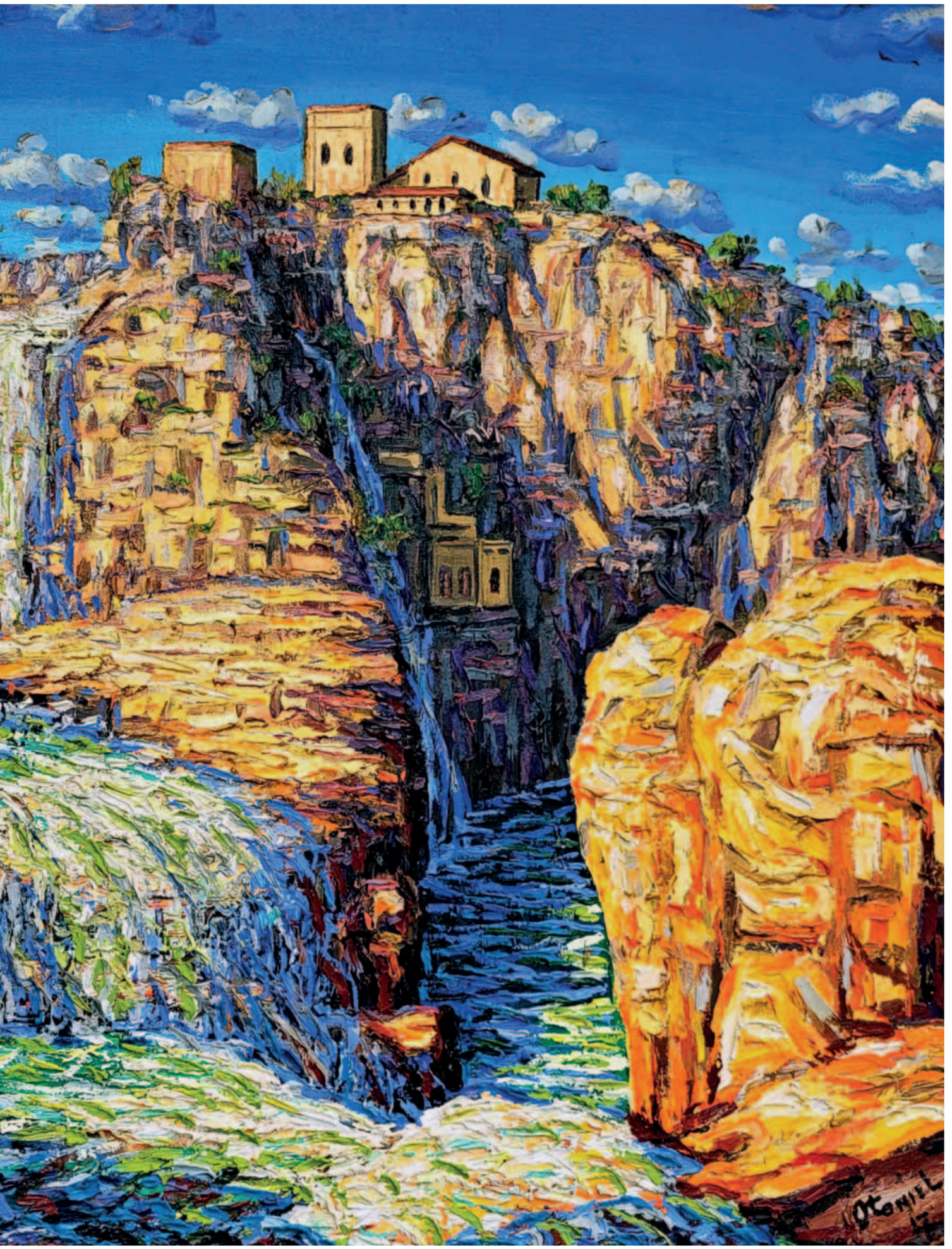
Vaqueiro do São Francisco, 1912 - Acervo Fiocruz

Abastecimento de água na Estrada de Ferro do São Francisco, 1912 - Acervo Fiocruz

Juazeiro e Petrolina - BA/PE, óleo 60X120cm

OTONIEL 19

Cachoeira de Paulo Afonso - AL/BA, óleo 80X120cm



A Cachoeira de Paulo Afonso, o famoso sumidouro dos antigos cronistas e viajantes, é de fato um dos espetáculos mais estupendos que se pode imaginar.

Não tento descrevê-lo, direi apenas o quanto baste para explicar as vistas fotográficas que aqui reproduzimos e que por si só dispensam qualquer descrição, sempre pálida, daquele prodígio e inesquecível quadro da natureza.

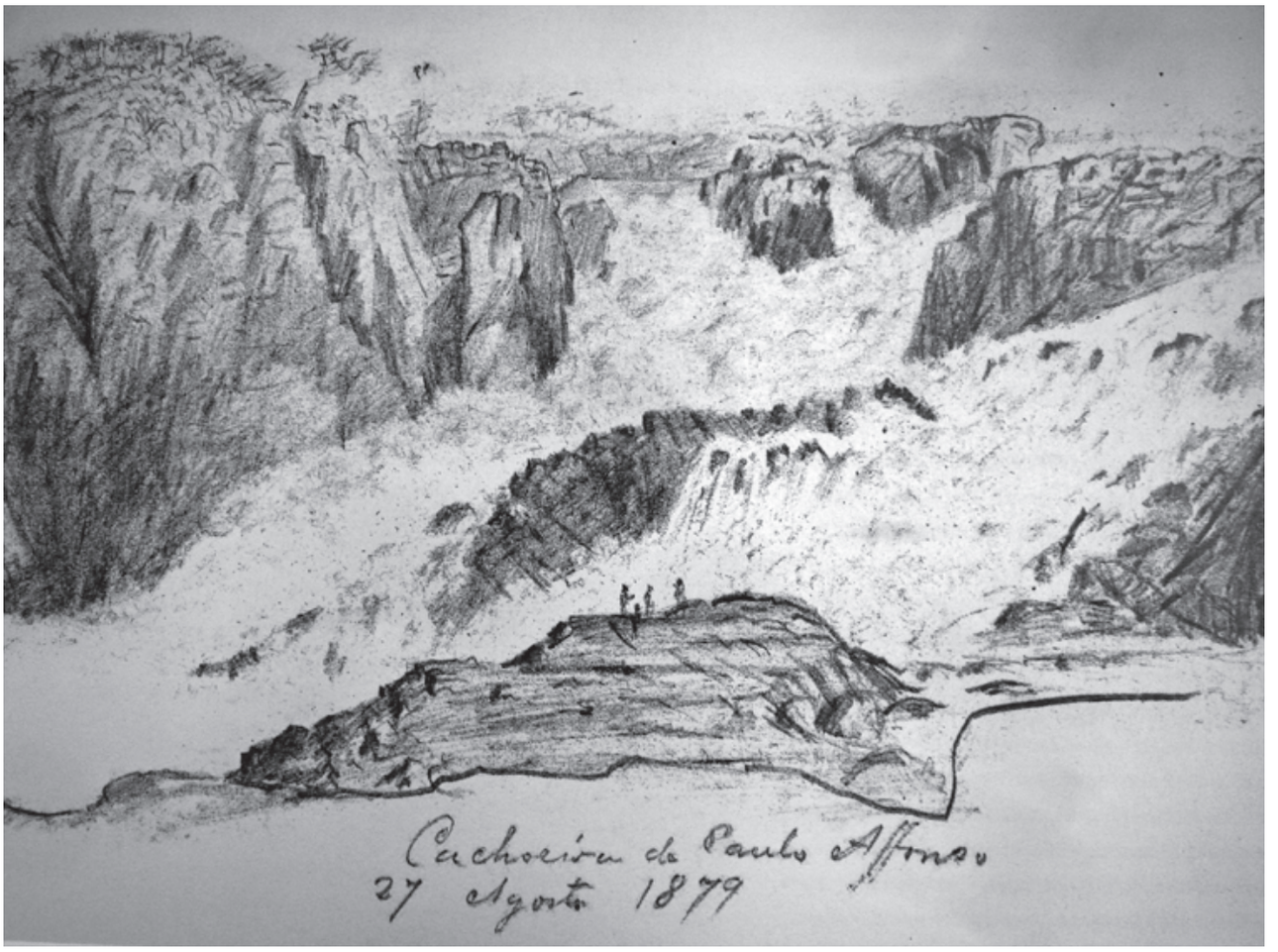
Na região não se veem montanhas senão dispersas ao longe. Tudo mais é uma vasta planície, monótona, coberta do manto cinzento das caatingas, e onde, a custo, se descobre, aqui e acolá, uma mancha prateada que se verifica assinalar o curso do rio. A planície prolonga-se para baixo sem a menor depressão ou desnivelamento sensível. No meio dela, porém, o rio que vinha descendo ou deslizando pela superfície do terreno, súbito despenha-se em sucessivas quedas, e por muitos braços engolfando-se num estreitíssimo corredor, verdadeiro canhão de paredes íngremes, escarpadas, inacessíveis.

O espetáculo é, deveras indescritível, tão vário, tão grande, tão estupendo ele se nos oferece, através dos mais belos efeitos de luz e coroando com o diadema fantástico, fugidio do íris, tantas vezes apagado quantas renovado ao embate da luz oblíqua e dos vapores ascendentes, que não me sinto com forças para pintá-lo.

Paulo Afonso vê-se, sente-se, não se descreve.

(Theodoro Sampaio, 1879)

Cachoeira de Paulo Afonso - AL/BA, desenho de Theodoro Sampaio, 27/08/1879 - Acervo IGHB



Cachoeira de Paulo Afonso, AL/BA - 1868, Augusto Riedel

A CACHOEIRA

Dilacerado o rio espadanando
Chama as águas da extrema do deserto...
Atropela-se, empina, espuma o bando...
E em massa rui no precipício aberto...
Das grutas nas cavernas estourando
O coro dos trovões travam concerto...
E ao vê-lo as águias tontas, eriçadas
Caem de horror no abismo estateladas...

A Cachoeira! Paulo Afonso! O abismo!
A briga colossal dos elementos!
As garras do Centauro em paroxismo
Raspando os flancos dos parcéis sangrentos.

Relutantes na dor do cataclismo
Os braços do gigante suarentos
Aguentando a ranger (espanto! assombro!)
O rio inteiro, que lhe cai do ombro.

Grupo enorme do fero Laocoonte
Viva a Grécia acolá e a luta estranha!...
Do sacerdote o punho e a roxa fronte...
E as serpentes de Tênedos em sanha!...
Por Hidra — um rio! Por Áugure — um monte!
Por Áras de Minerva — uma montanha!
E em torno ao pedestal laçados, tredos,
Como filhos, chorando-lhe, os penedos!!!...

Castro Alves

Velho Chico
Otoniel 99

Sol a pino em Penedo - AL, óleo 70X140cm

(...) Embarca. Todos nós embarcamos, é da natureza do homem embarcar em canoa furada. Tudo neste mundo é canoa furada, seu Firmino. E a gente embarca. Nascemos para embarcar. Um dia arreamos, entregamos o couro às varas e, como temos religião, vamos para o céu, que é talvez a última canoa, Deus me perdoe. Embarca, seu Firmino. (...)

Caminhei, caminhei, cheguei ao S. Francisco. Seu Firmino andou no S. Francisco? Não andou. É o maior rio do mundo. Não se sabe onde começa, nem onde acaba, mas, na opinião dos entendidos, tem umas cem léguas de comprimento. Quer dizer que, se em vez de correr por cima da terra, ele corresse para os ares, apagava o sol, não é verdade, mestre Gaudêncio? Nunca vi tanta água junta, meus amigos. É um mar: engole o Ipanema em tempo de cheia e pede mais. Está sempre com sede. Não há rio com semelhante largura. Vossemecês pisam na beira dele, olham para a outra banda, avistam um boi e pensam que é um cabrito. Por aí podem imaginar aquele despotismo. Pois eu ia morrendo afogado no S. Francisco, vinte anos atrás. Afogado não digo que morresse, porque enfim dou umas braçadas, mas, se não me afogasse, era certo estrepar-me no dente da piranha, o bicho mais infeliz que Deus fabricou.

Graciliano Ramos

Barca Sergipana - AL/SE, autor não identificado

Vendedor de coloral, Propriá - SE, óleo 100X100cm

— "Seu moço, perguntei ao remador, essa gangorra é segura?" E o homem respondeu, de cara enferrujada:

— "Segura ela é. Mas garantir que chegue ao outro lado não garanto. Se tem coragem de se arriscar, entre para dentro, que ainda cabe um." Fiquei embuchado, com uma resposta atravessada na goela, pois acho desaforo alguém pôr em dúvida a minha disposição. Que, para usar de franqueza, o que faço direito é correr boi no campo. Mergulhar e brigar com peixe não é ocupação de gente. Desarreei o animal, amarrei o cabresto na popa da canoa, arrumei os picuás e embarquei. O cavalo nadou, três mulheres velhas puxaram os rosários e navegamos em paz até o meio do rio. Aí, quando mal nos precatávamos, o diabo do cocho se furou e em poucos minutos os meus troços estavam boiando. Foi um deus nos acuda: os homens perde-

Regata ao luar, Neópolis - SE, óleo 50X100cm

ram a fala, as mulheres soltaram os rosários e botaram as mãos na cabeça, numa latomia, numa choradeira dos pecados. — "Então, seu mestre, perguntei ao canoeiro, o senhor não disse que esta geringonça era segura?" E o desgraçado respondeu: "Segura ela era. Mas, como o senhor está vendo, agora não é." — "Que é que vamos fazer?" gritei desadorado.

— "Sei lá, disse o homem. Quem tiver muque puxe por ele e veja se alcança terra, o que acho difícil." A minha vontade foi dar uns tabefes no sem-vergonha, mas não havia tempo, os amigos veem que não havia tempo. — "Está bem, tornei. Nós ajustaremos contas depois. Se escaparmos, será na banda alagoana. Se formos para o fundo, no céu ou no inferno a gente se encontra e você me contará isso direitinho, seu filho de uma égua."

Graciliano Ramos

Amanhecer no Farol do Cabeço - SE, óleo 50X80cm

Otoniel 21

Meu Deus! Que fartura! Quão próvido és!
Que boas branquinhas, que peixes gostosos,
piaus e corvinas, mandis, mandubés!
Aqui só tem fome quem vive na rede,
As mãos amarradas, atados os pés.

Não troco esta vida, pois outra mais bela
Não vejo no mundo, nem farta como ela.

José Coriolano Sousa Lima, 1870.

Bacia do PARNAÍBA

Pescaria ao luar, óleo 40X80cm

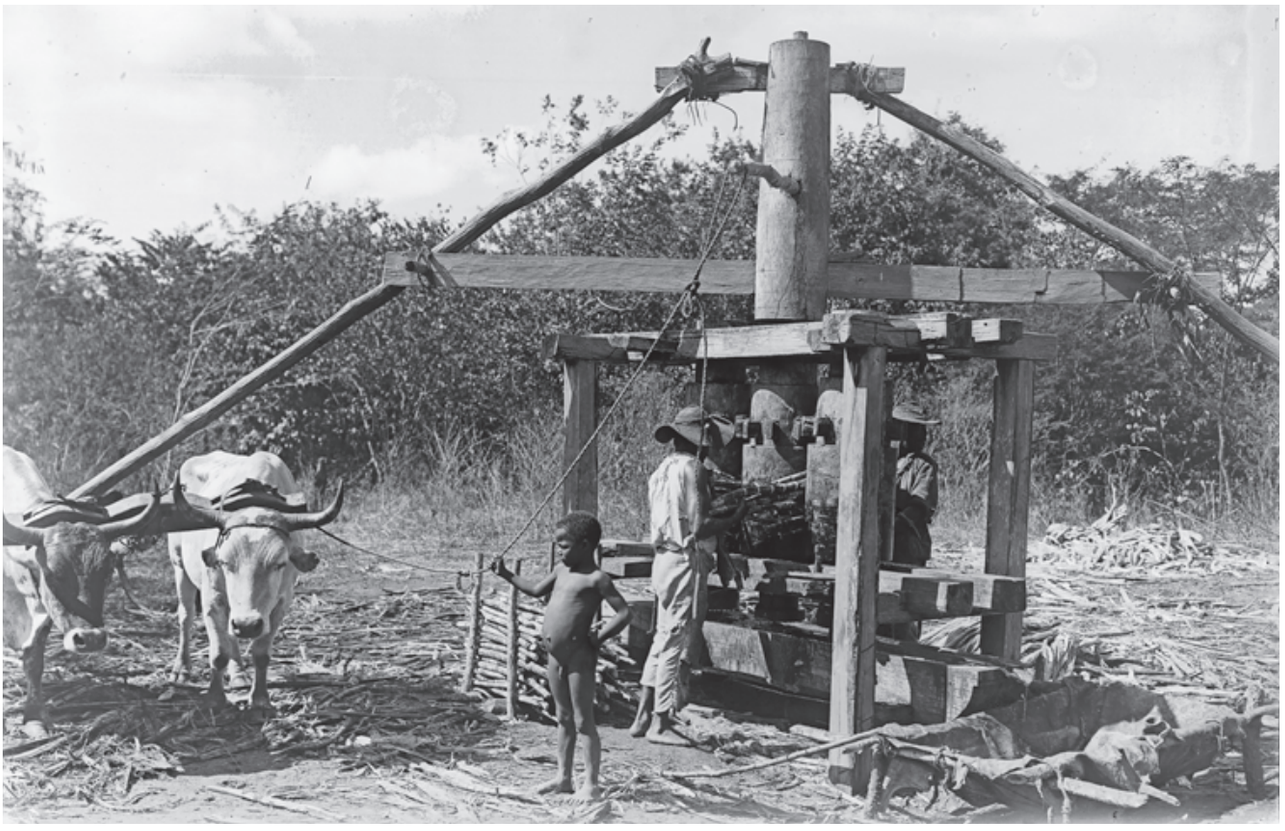
O Rio Parnaíba nasce de dois olhos d'água ao pé da Serra da Tabatinga, que também é denominada às vezes Tungatinga ou Mangabeira. (...) A mesma Serra da Tabatinga é o despenhadeiro íngreme da vasta chapada alta (platô) que divide as águas do Parnaíba das do S. Francisco e Tocantins.

Começa como um regato pequeno. Suas águas cristalinas correm com muita velocidade sobre um leito pedregoso, procurando seu caminho em mil voltas caprichosas. O volume de água que ele conduz, aumenta porém rapidamente, brotando esta em toda a parte do fundo e dos lados do leito.

Serra da Tabatinga ao Luar - MA/PI, óleo 40X80cm

A mesma maneira nota-se na fauna, que o guará (lobo brasileiro) só se encontra acima da barra do Parnaíba, e que a guariba ou macaco barbado é muito frequente da barra do Balsas para baixo; acima dela, porém, raro aparece. Também se encontra a araraúna só acima dessa barra; abaixo dela é substituída pela canindé, que de São Gonçalo para baixo se vê raras vezes; e a cigana não é encontrada senão abaixo de São Gonçalo.

Gustavo Dodt, 1871.



Moenda no sertão do Piauí, 1912 - Acervo Fiocruz

RIO DAS GARÇAS

Na verde catedral da floresta, num coro,
Triste de cantochão, pelas naves da mata,
Desce o rio a chorar o seu perpétuo choro...
E o amplo e fluido lençol das lágrimas desata...

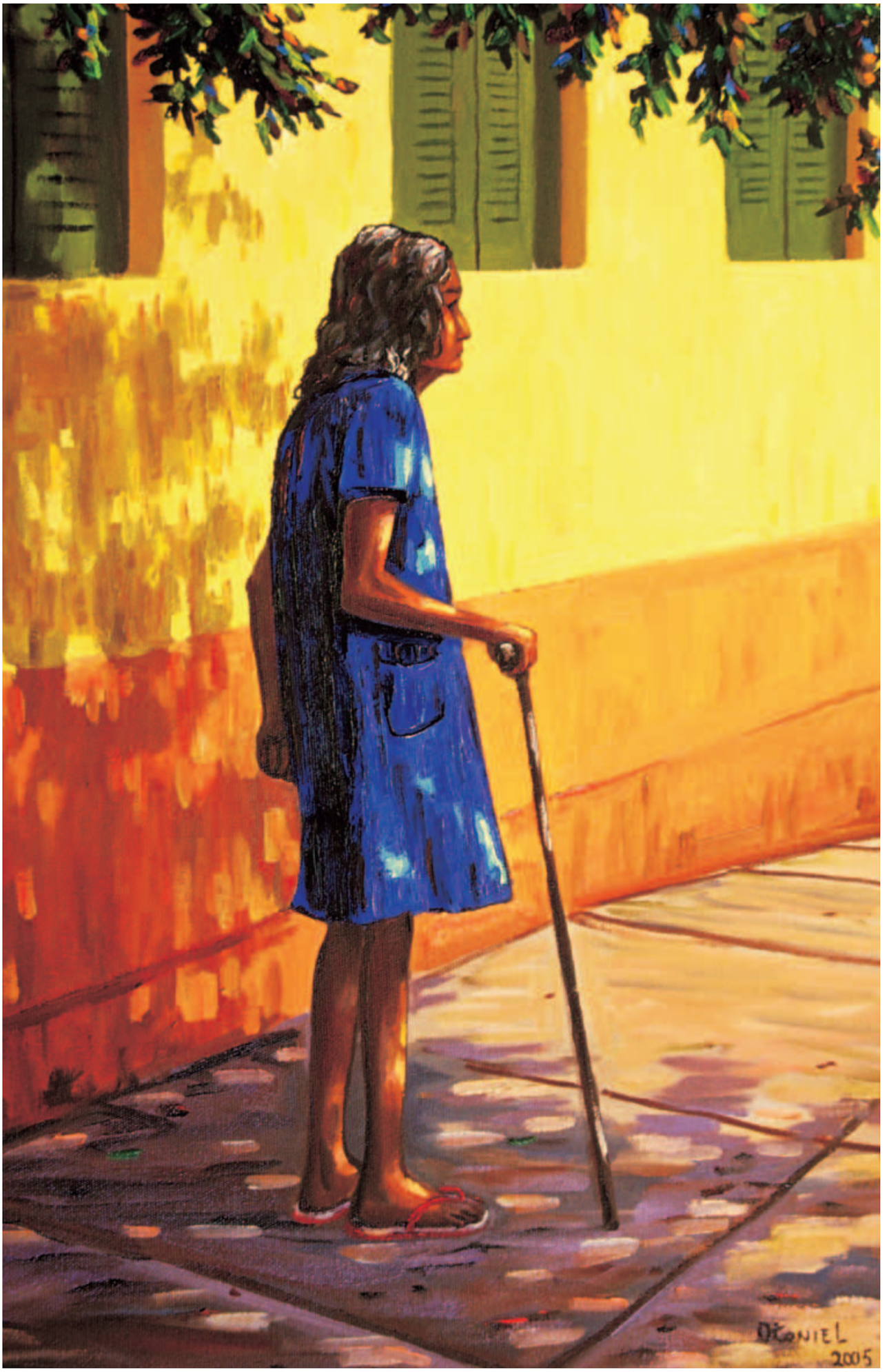
Caudaloso a rolar, desde o seu nascedouro,
Num rumor de orações no silêncio da oblata,
Ao sol – lembra um rocal todo irisado de ouro,
Ao luar – rendas de luz com vidrilhos de prata.

Alvas garças a piar, arrepiadas de frio,
Seguem de absorto olhar a vítrea correnteza.
Pendem ramos em flor sobre o espelho do rio...

É o Parnaíba, assim carpindo as suas mágoas,
– Rio da minha terra, ungido de tristeza,
– Refletindo o meu ser à flor móvel das águas.

Da Costa e Silva, 1908.

Nativa com arara canindé, óleo 80X70cm



Calçada da saudade, óleo 60X40cm

SAUDADE

Saudade! Olhar de minha mãe rezando,
E o pranto lento deslizando em fio...
Saudade! Amor da minha terra... O rio
Cantigas de águas claras soluçando.

Noites de junho... O caburé com frio,
Ao luar, sobre o arvoredo, piando, piando...
E, ao vento, as folhas lívidas cantando
A saudade imortal de um sol de estio.

Saudade! Asa de dor do pensamento!
Gemidos vãos de canaviais ao vento...
As mortalhas de névoa sobre a serra...

Saudade! O Parnaíba – velho monge
As barbas brancas alongando... E, ao longe,
O mugido dos bois da minha terra...

Da Costa e Silva, 1908.

Vista panorâmica de Amarante - PI, 1912, Acervo Fiocruz

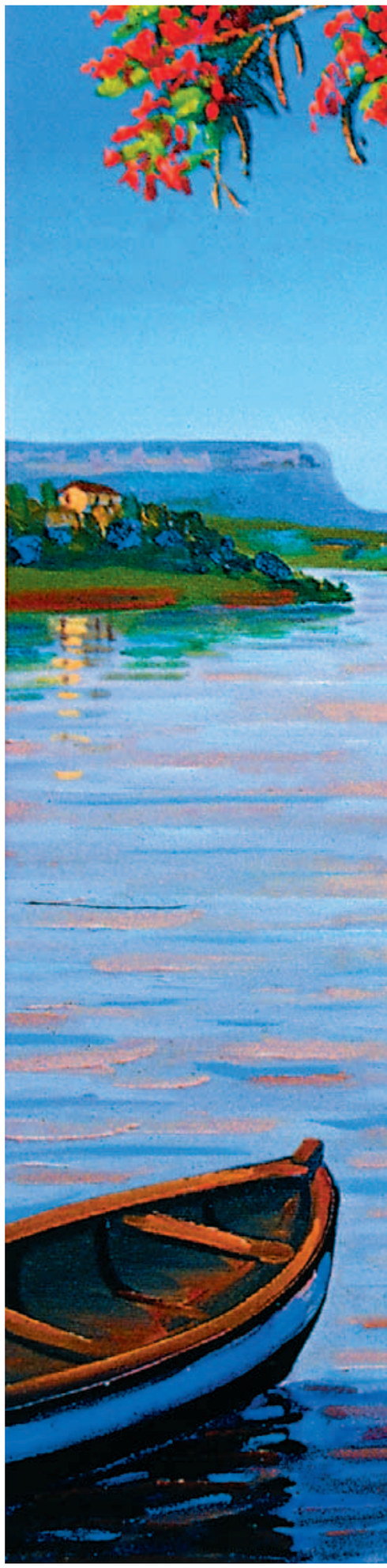
Alto, ardendo através das árvores ardentes,
O Sol requeima a terra e o céu acende em chamas...
Veloz, o vento vem, em vertigens veementes.
E áureo e veloz desfralda o estandarte das flamas.

As pedras têm, ao longe, o esplendor das escamas.
Brilham. Rebrilham. São corpos incandescentes.
E, ó Parnaíba, és tu, se à luz do Sol te inflamas.
A real exposição policroma dos poentes!...

Que dilúvio de Sol! Que orgia de esplendores!
Ó telas de Milet! Pesadelos de Rubens!
Rembrandt sorrindo à luz risos de sete cores!...

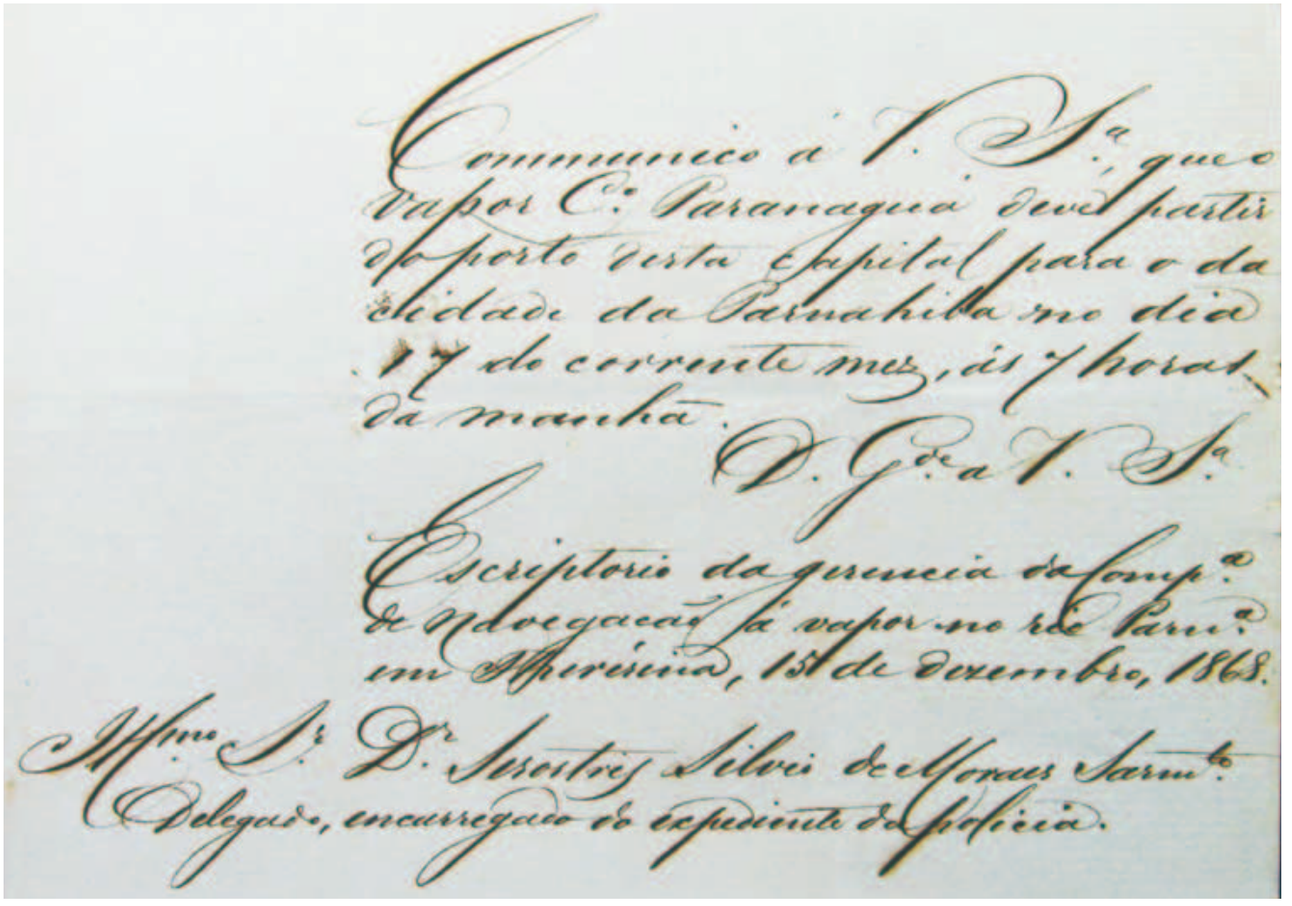
Paisagem tropical... vinho de luz fervendo...
E eu assisto, a cantar, todo o incêndio das nuvens.
E nas asas do Sol para as nuvens ascendo...

Lucídio Freitas, 1921.



Tarde no Rio Parnaíba, óleo 60X60cm

OTONIEL
2005



Ofício de 15/12/1868 - Arquivo Público do Piauí

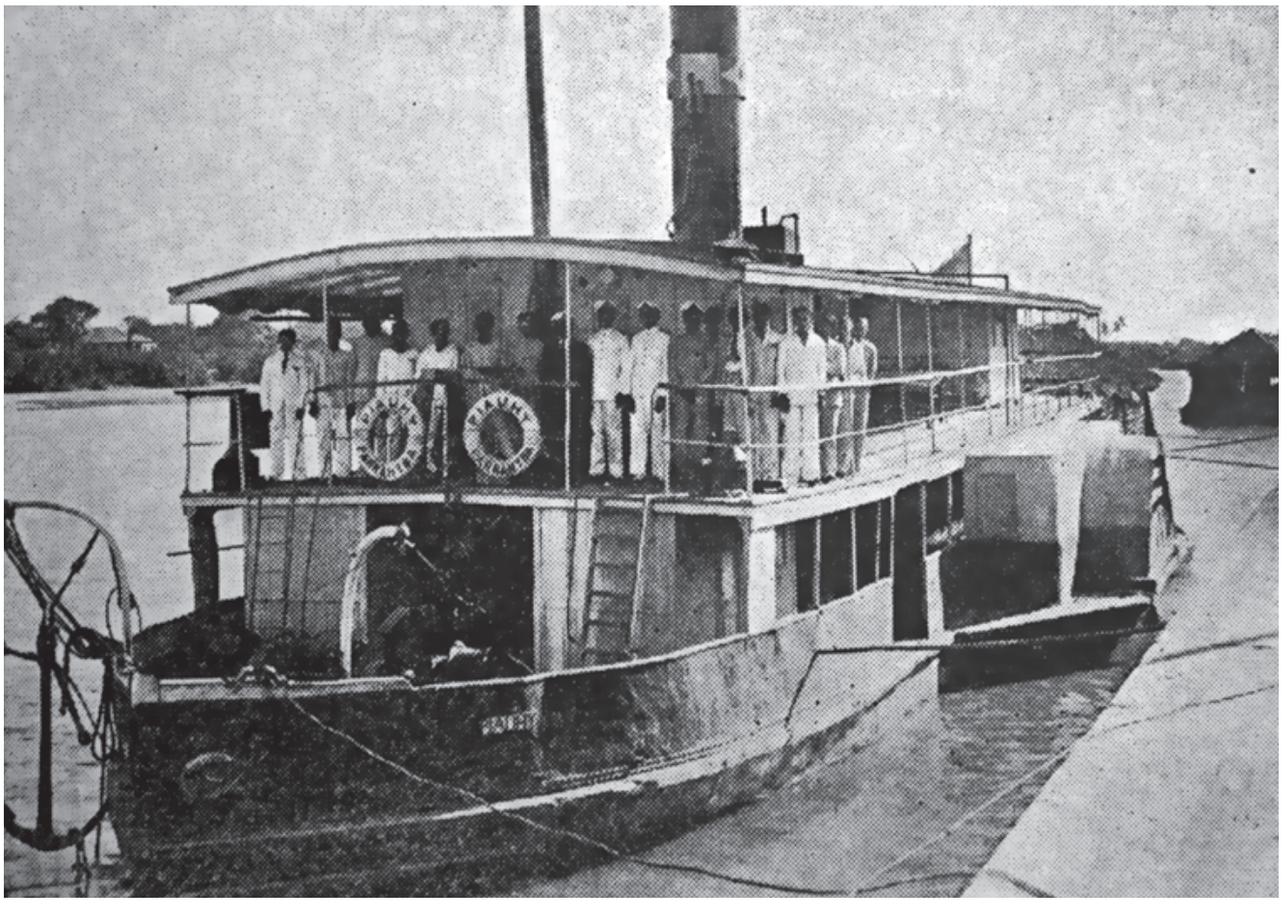
Transcrição do Ofício feita pelo organizador

Comunico a Vossa Senhoria que o Vapor Conselheiro Paranaguá deve partir do porto desta capital para o da cidade da Parnaíba no dia 17 do corrente mês, às 7 horas da manhã.

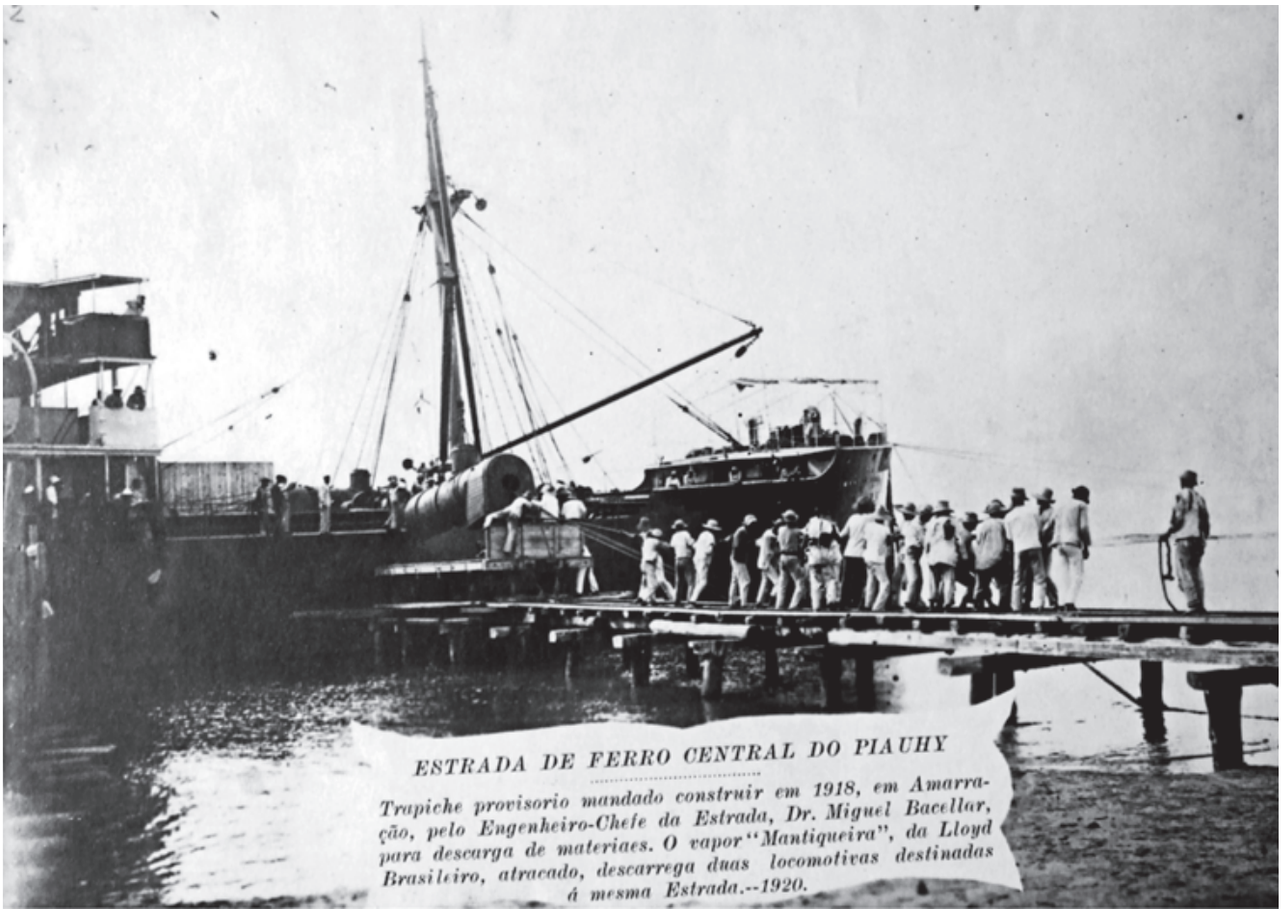
Deus Guarde a Vossa Senhoria.

Escritório da Gerência da Companhia de Navegação a Vapor no Rio Parnaíba, em Teresina, 15 de dezembro, 1868.

Ilustríssimo Senhor Doutor Sílvio de Moraes Sarmento.
Delegado, encarregado do expediente da polícia.



Vapor Piauhy, 1937 - Arquivo Público do Piauí



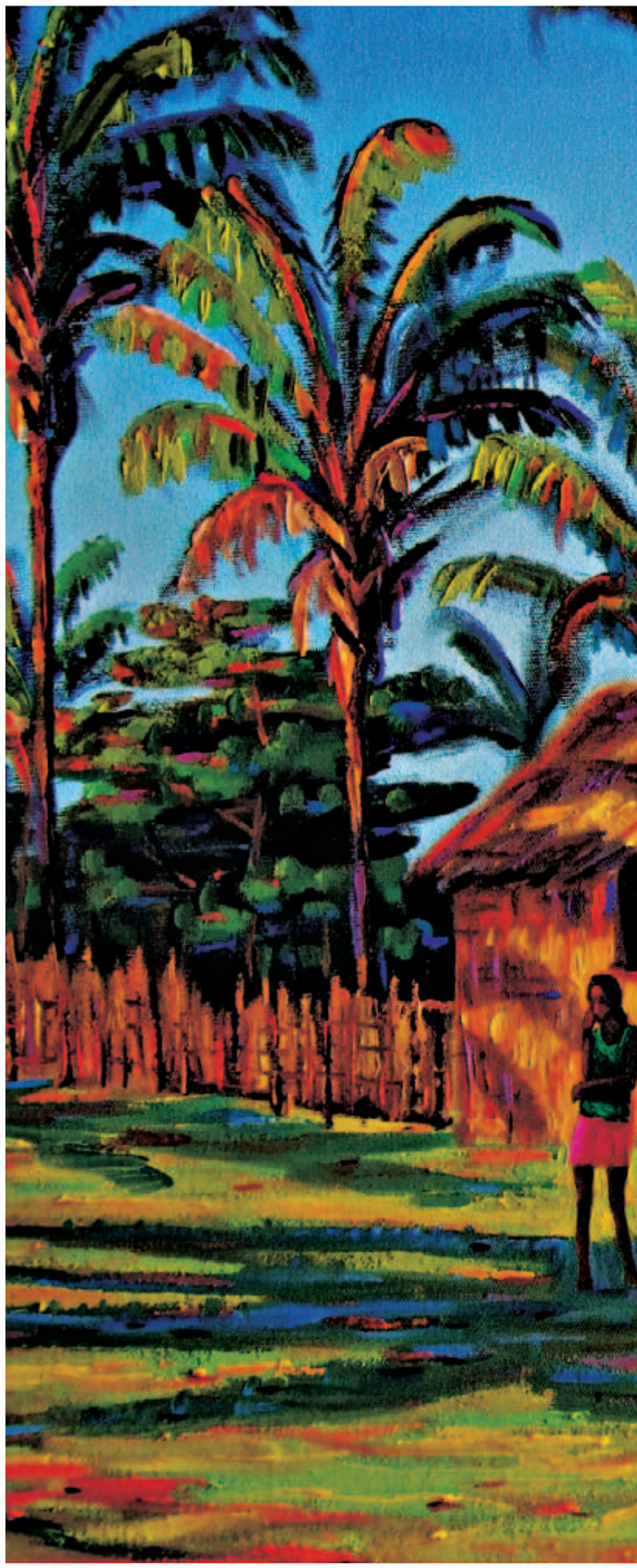
Desembarque de locomotiva, 1920, Acervo Fundação Dr. Raul Barcellar, Parnaíba - PI

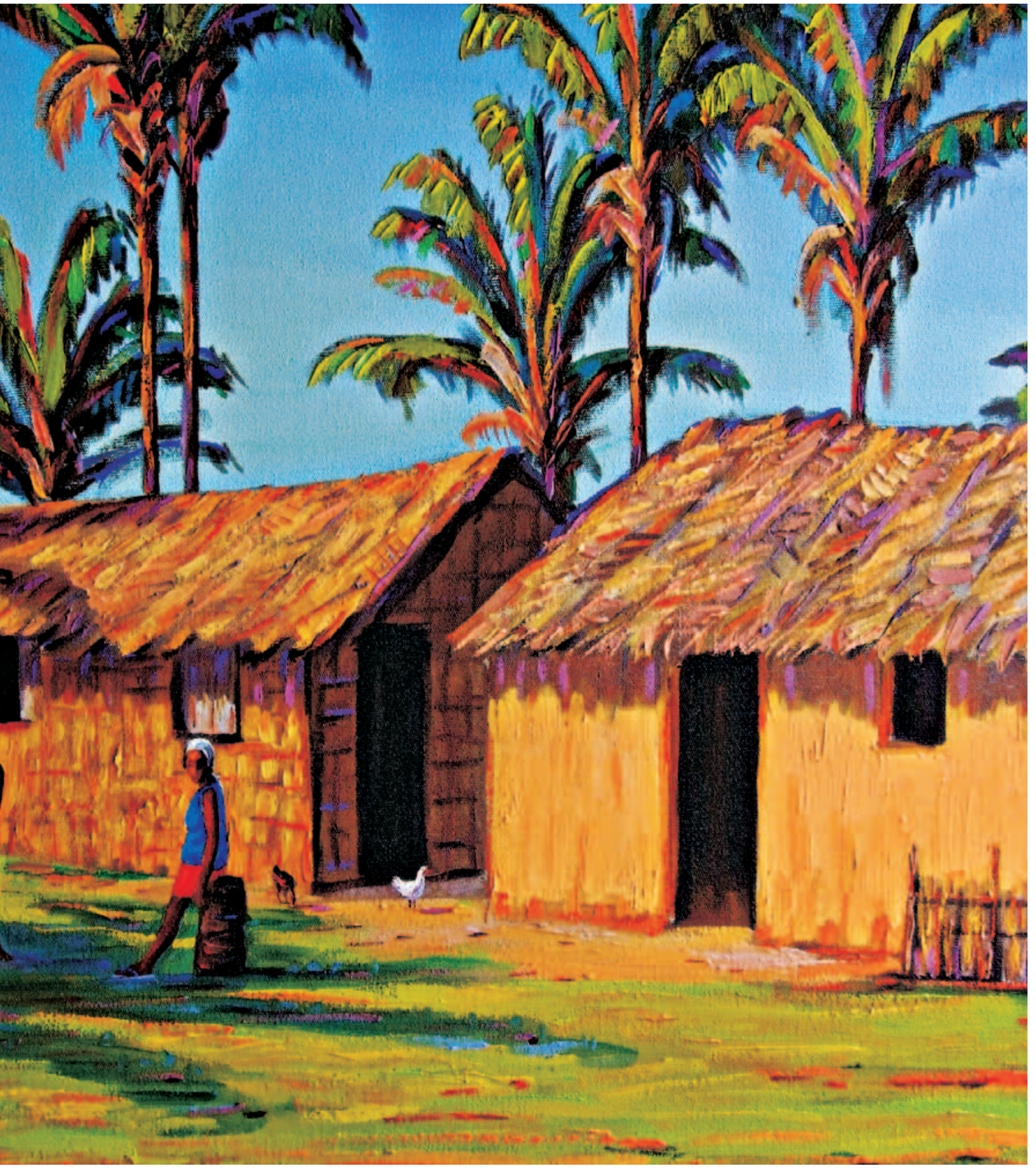
PALMEIRA DE BABAÇU

Palmeira de babaçu!
Quantos mistérios ocultas! Tu,
Que possuis todo o manancial
Da eterna evolução do reino vegetal!

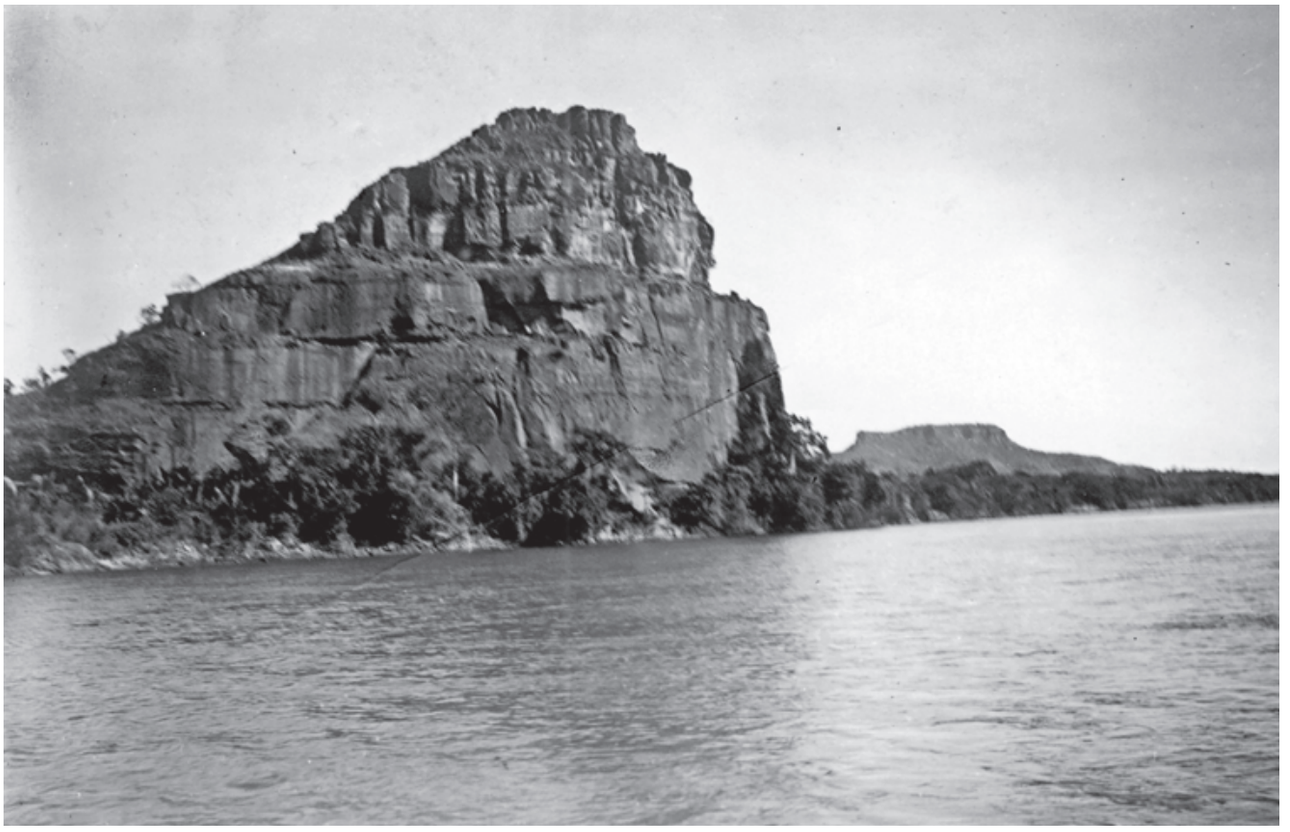
Palmeira modelar, edificante e nobre,
Que dás provento ao rico e dás sustento ao pobre;
Formosa e bela e generosa e amiga,
De cerne acolhedor, que docemente abriga
Seiva que amplia a vida e infunde alegria!
Da santa Natureza e mãe que te agracia,
És filha mais fecunda, em rútila expansão!
Deixa que exalte aqui o teu airoso porte.
Vegetação feliz desse rincão do Norte,
Palmeira do Piauí, palmeira do Maranhão!

Alarico da Cunha, 1917.





Palhoças cobertas com palhas de babaçu, óleo 50X80cm

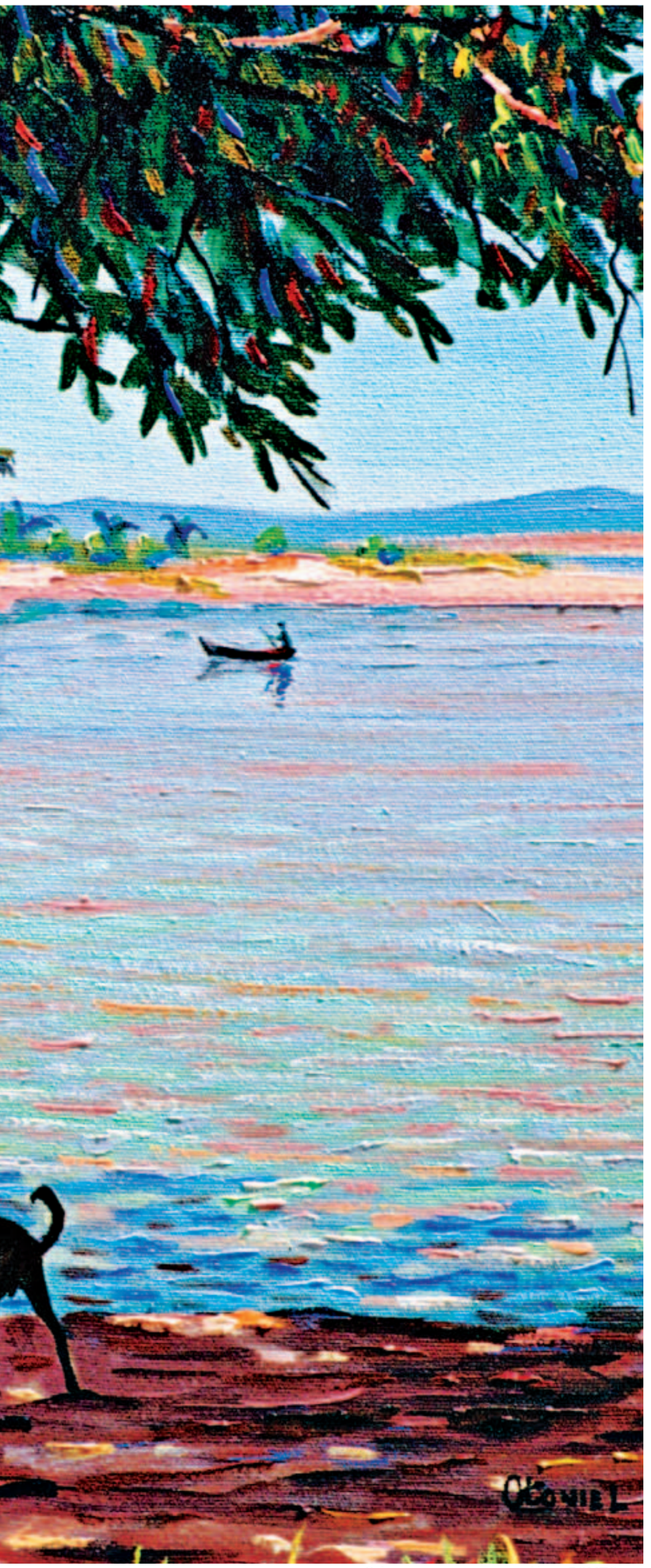


Morro da Arara, 1912
Acervo Fiocruz

Vista do alto do morro da Arara, 1912
Acervo Fiocruz

Cheia de 1926 em Teresina - PI - Arquivo Público do Piauí

Vareiros trasladando um automóvel, déc. de 30 - Arquivo Público do Piauí



Crianças na espera, óleo 50X70cm

DESCENDO O PARNAÍBA

Nas águas, vê que límpidas bonanças...
Que verde o destas árvores florindo!
Parece o verde dessas esperanças
Que em nossos corações brotam sorrindo.

Como as almas sonâmbulas e mansas
Dos lírios virginais que estão dormindo,
Quantas almas de cândidas crianças
Há nas estrelas que já vêm surgindo!

Parnaíba, tu és um quadro da Natureza!
Minha alma, ao ver em ti tanta beleza,
De ti somente se tornou cativa.

Sem a flor sucumbe, morre à planta...
Dá que eu sinta, ó minha Santa,
O sol do teu amor! Faze que eu viva!

Antônio Chaves, 1916.

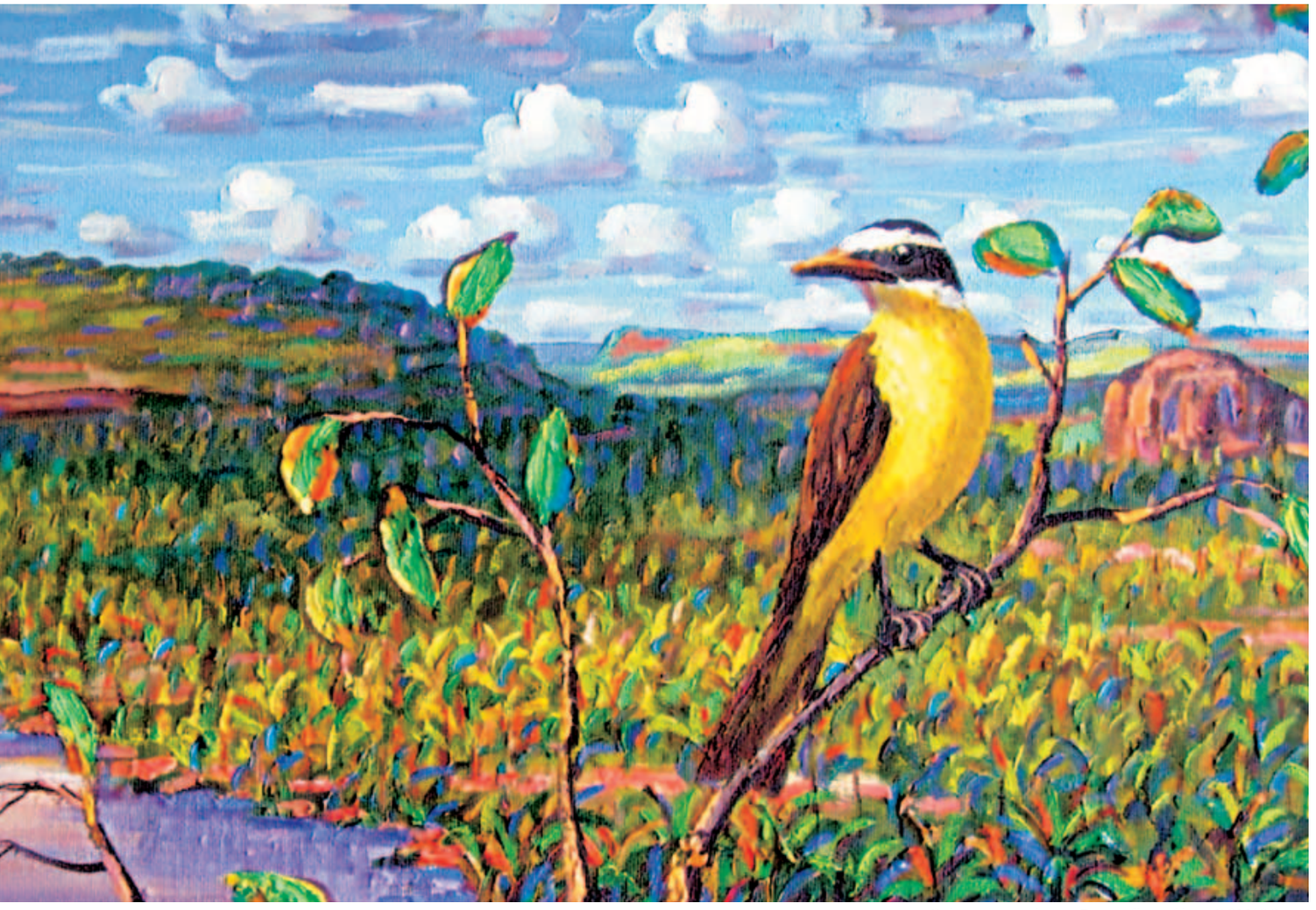
Eu sou tal qual o Parnaíba: existe
Dentro em meu ser uma tristeza inata,
Igual, talvez, a que no rio assiste
Ao refletir as árvores, na mata...

O seu destino em retratar consiste,
Porém o rio tudo o que retrata,
De alegre que era, vai tornando triste,
No fluido espelho móvel de ouro e prata...

Parece até que o rio tem saudade
Como eu, que também sou desta maneira,
Saudoso e triste em plena mocidade.

Dá-se em mim o fenômeno sombrio
Da refração das árvores da beira
Na superfície trêmula do rio...

Da Costa e Silva, 1919.



O bem-te-vi e o Parnaíba, óleo 30X100cm

Apertado da Hora, 1912 - Acervo Fiocruz

O MARRUÊRO

(...)
Chegando na incruziada
Despois do dia rompê
Sipurtei o meu segredo
N'um véio tronco de ipê!

Dênde essa hora, inté hoje
Eu conto as hora, a pená!
Eu vórto a sê marruêro!
Vou vivê cum os marruá!

Eu tinha o corpo fechado
Pra tudo o que é marvadez!
Só de surucucutinga
Eu fui murdido três vez!

Tândo cum o corpo fechado
Prás feitiçage do Amô
Pensei que eu tava curado!

Dos marruá mais bravio
Que nos grotão derribei
Munta chifrada penosa
Munta marrada eu levei!!

Pra riba de mim, Deus pode
Mandá o que ele quisé!
O mundo é grande, marruêro!
Grande é o Amô! Grande é a Fé!

Grande é o pudê de Maria
Isposa de São José!
O Diabo, o Anjo mardito
Foi grande! Cumo inda é!

Mas porém, nada é mais grande
Mais grande que Deus inté
Que uma chifrada, marruêro
Dos óio d'uma muié! (...)

Catulo da Paixão Cearense

Vaquejada em Coelho Neto - MA, óleo 100X100cm

Guarás no manguezal do Delta, óleo 40X60cm

O PARNAÍBA

Do Amazonas lembra um grande trecho
No Piauí, o rio Parnaíba,
Onde a flor d'água a ipequapara deixo,
E ao fundo escuro dorme a piraíba.

Da verde canarana um pouco anexo
Entre o pau-d'água em flor vê-se a ciriba,
Canta a gaivota e além geme a guariba,
Talvez sentindo a dor, da qual me queixo.

"Velho monge" deixando seu convento
busca o mar, sem saber que mal deploro,
como pode entender o meu tormento?

Talvez que até sentisse minhas mágoas,
Se ele chorasse as lágrimas que choro,
Quando vou navegando em suas águas.

Lili Peri, 1928.

O encontro no Delta do Parnaíba - MA/PI, óleo 60X60cm

Violeiro no Lago Serra da Mesa, óleo 40X80cm

Bacia do TOCANTINS

TESTAMENTO

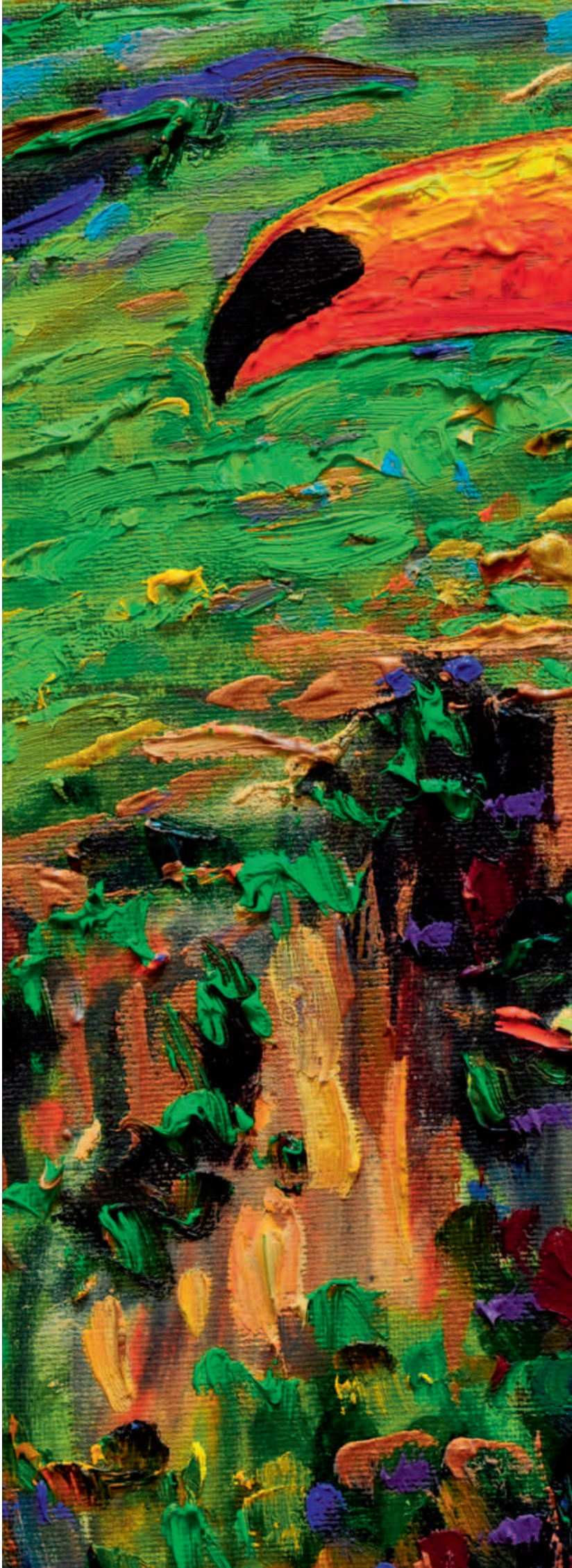
Testemunhei
Os pincéis do pôr do sol
Nas tuas águas
E as cores do teu corpo
Ao fim do dia:
Hora cheia de silêncios
Em que mais me enternecias

As canoas todas
Que quisera minhas
Para aprender
A ser simples e grave
Despojada e útil.

E os poemas de Pedro Tierra
Inventário do teu corpo
E seus mistérios

Com esta música
Permanecerás eterno.

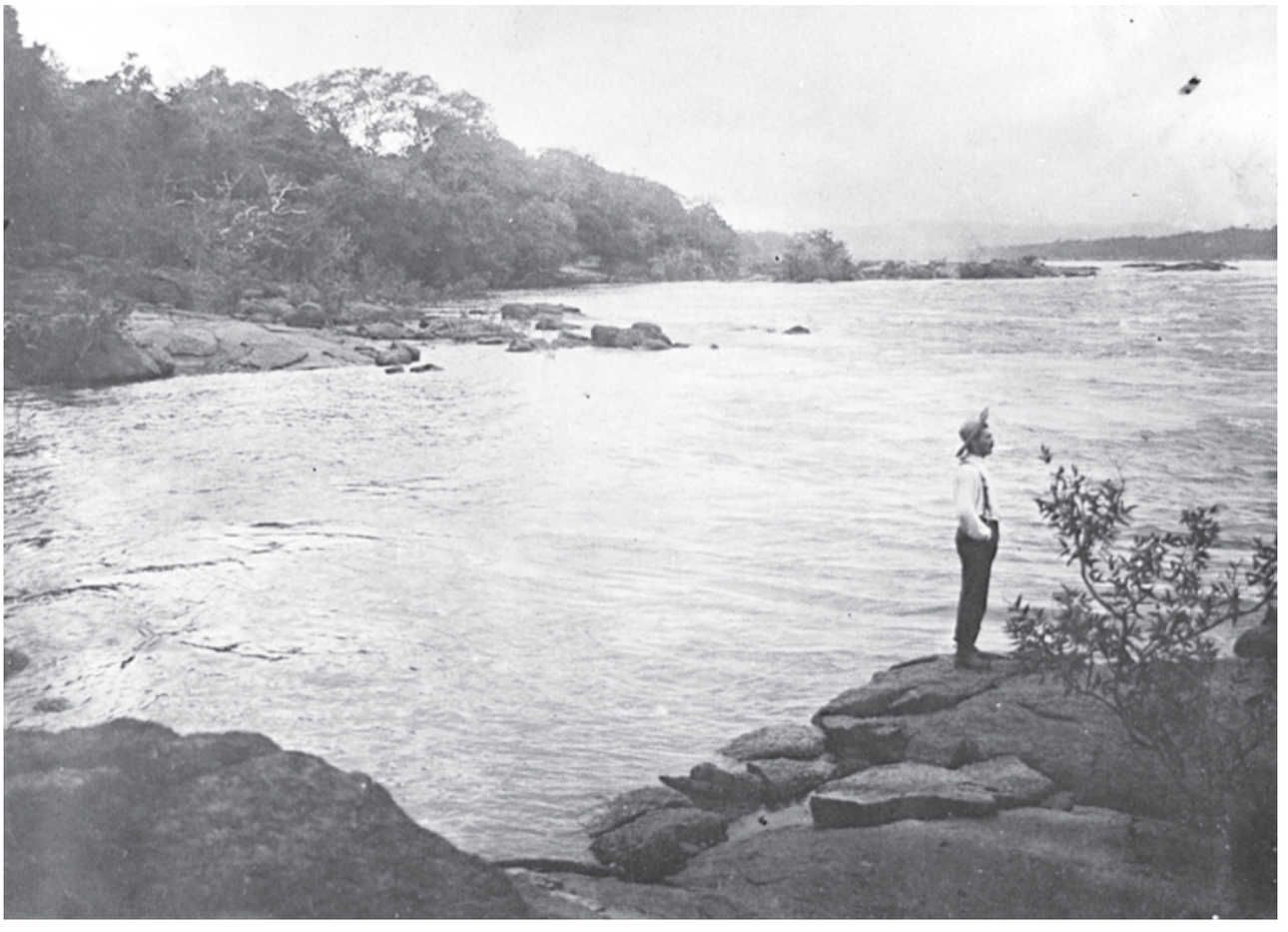
Marinalva Barros

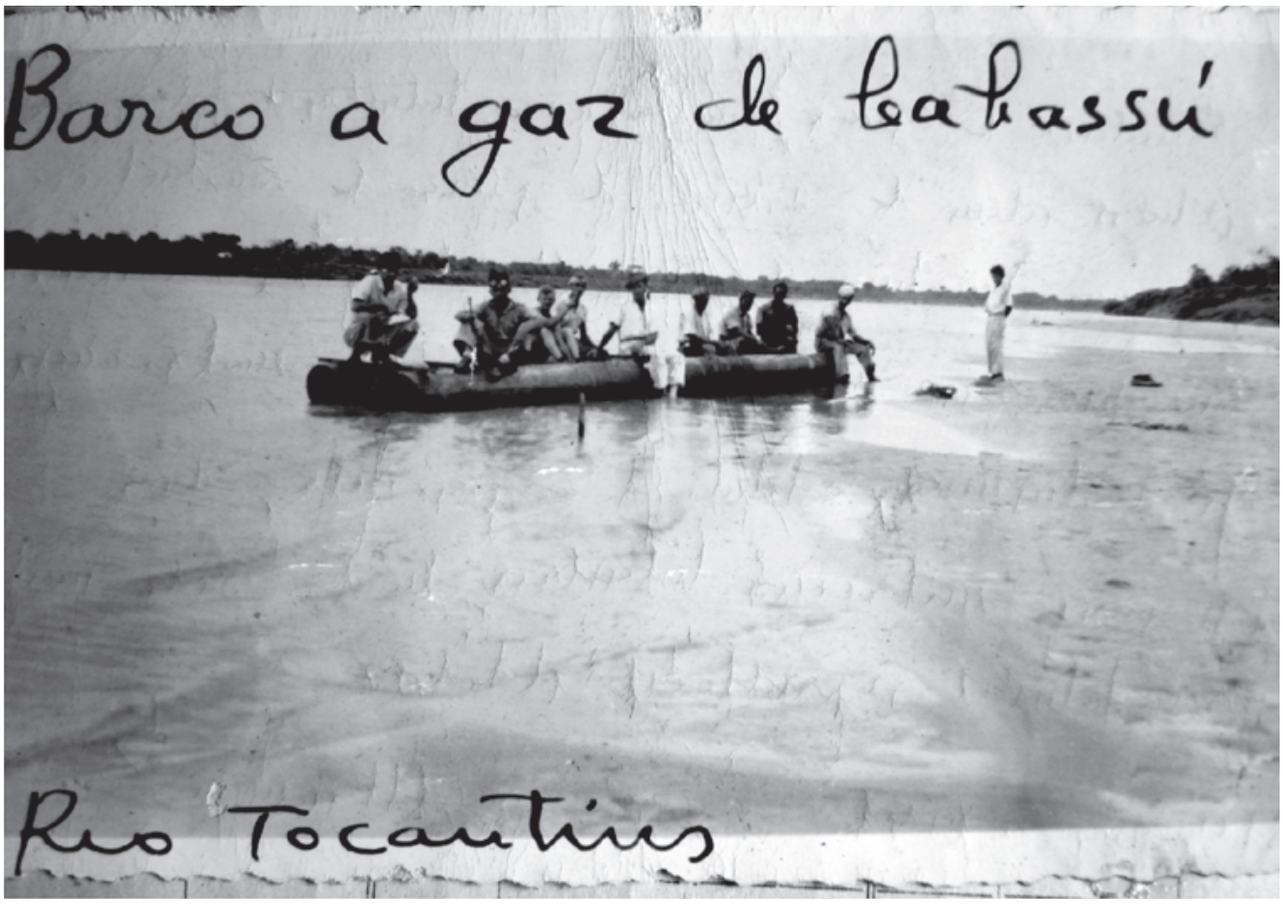


Tucano do Tocantins, detalhe - óleo sobre tela

Expedição de Manguinhos no Rio Tocantins, 1911 - Acervo Fiocruz

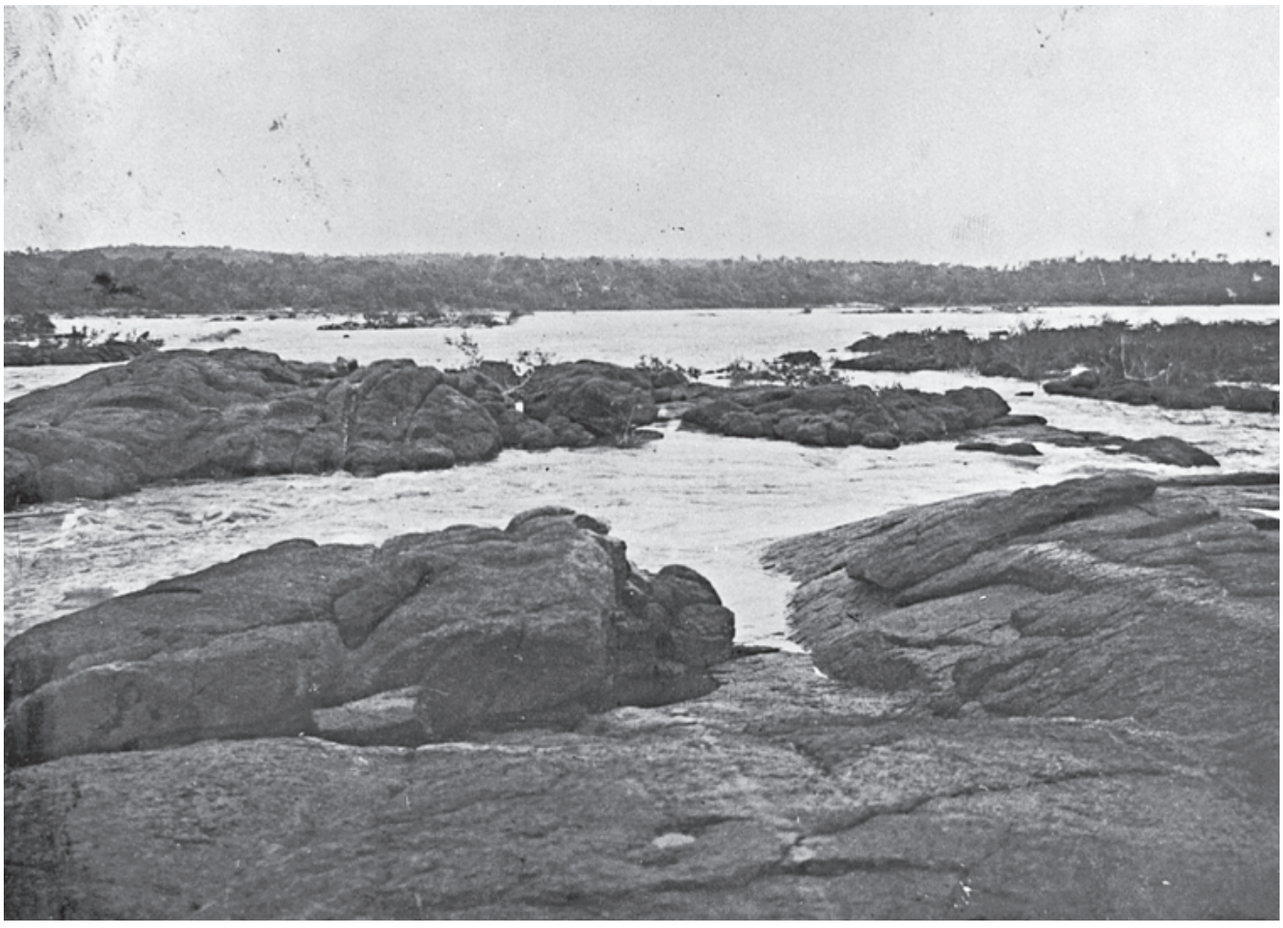
Cientista de Manguinhos na margem do Tocantins, 1911 - Acervo Fiocruz





Barco a gás de babaçu, S.D. - Arquivo Museu das Bandeiras - GO

Corredeiras de Tocantinópolis, 1911 - Acervo Fiocruz



O SERTÃO E O RIO

Trago a alma atravessada
Por dois territórios:
O sertão e o rio.

Alma de sertão
Se compraz com o miúdo da vida
Com sabores eternos
Saberes sagrados

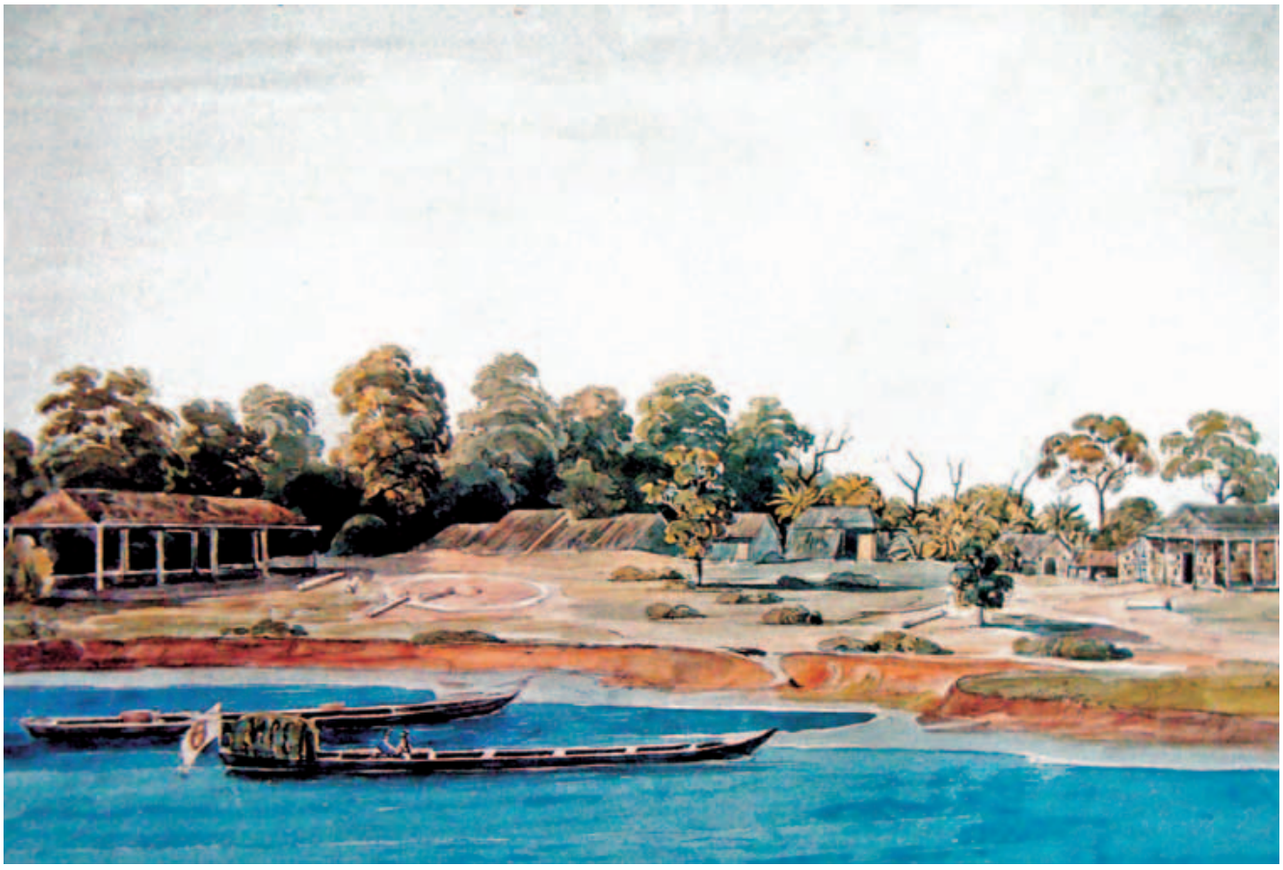
Pôr do sol no Tropeço, óleo 30X80cm

Benditos de encantamento.
Alma de rio
Veste-se de canoas
De paredões
De pedregulhos
De corredeiras
De entardeceres.

Que atravessem – me.
Que me guardem.

Marinalva Barros

Margem do Rio Tocantins - aquarela de Thomas Ender, Séc. XIX

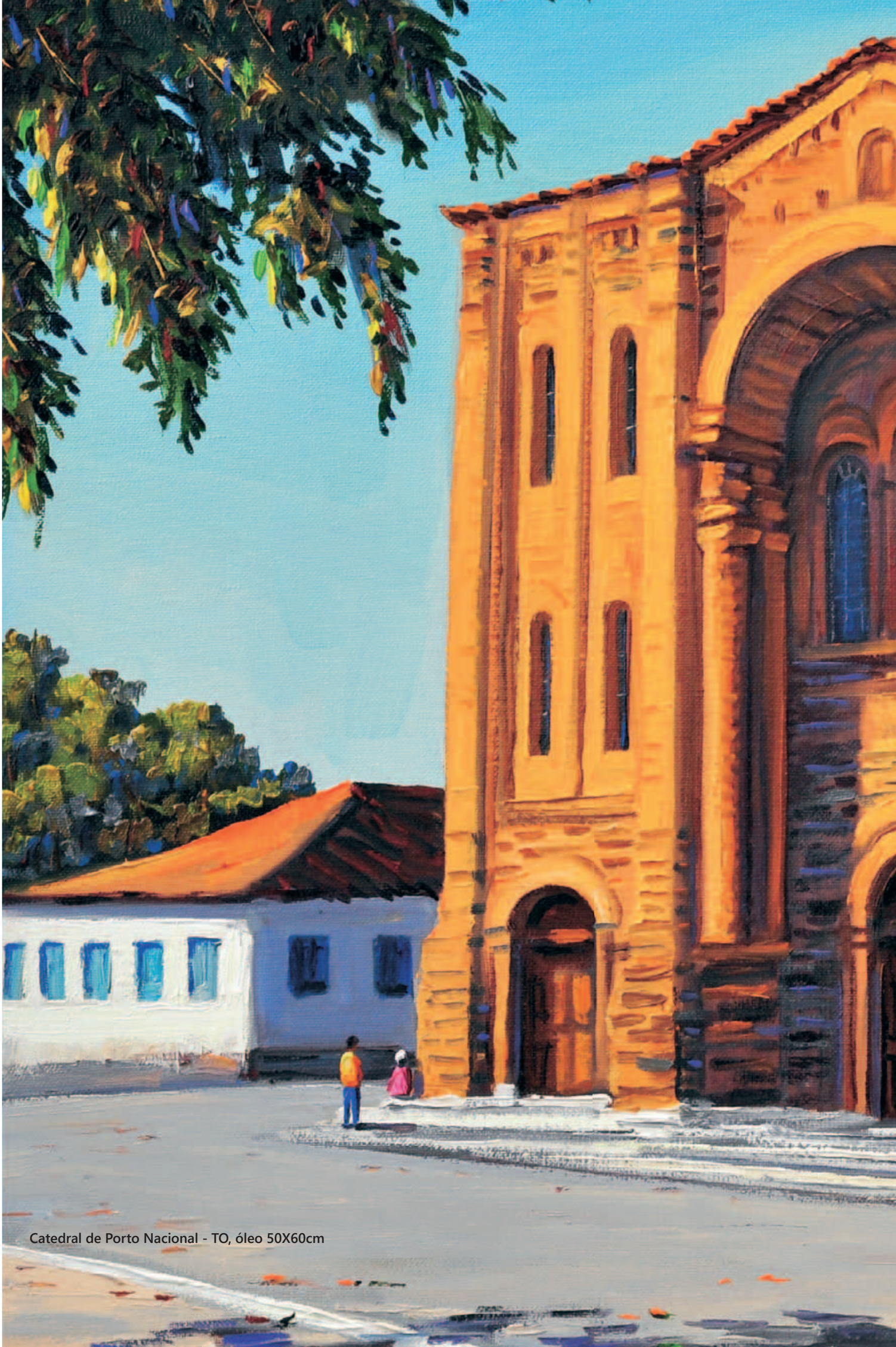


— Eh! baliá!
De galinha é minha cabeça,
A memória é de cocá.
— Eh! baliá!
Meu juízo é como vento.
Espalha e torna a ajuntá.
— Eh! baliá!
Daqui para a beira do rio
Quantas quedas quer levar?
— Eh! baliá!
Dê-lhe uma, dê-lhe duas,
Dê-lhe quantas puder dar.

— Eh! baliá!
Sou negro que não procuro,
Também não posso enjeitar.
— Eh! baliá!
Mas se você não me agüenta
É asneira pelejar.
— Eh! baliá!
Se você não me deixar
Vai acabar já maluco.
— Eh! baliá!
Sua carta é pr'eu pisar
Tarraco-traco, truco-truco.

(Folclore colhido por
Antonio Americano do Brasil)

Pescador com tarrafa - óleo 60X50cm



Catedral de Porto Nacional - TO, óleo 50X60cm

O'DONNELL
2011

Catedral de Porto Nacional - TO, 1911 - Acervo Fiocruz

UM QUINTAL DE PORTO

Ainda quero dar-te, meu amor,
Um quintal de Porto espiando o rio
Roubei da paisagem
E guardei em mim à tua espera

Verás, por isto, que sou mais terna
Que todas as mulheres
Que acaso conheceste

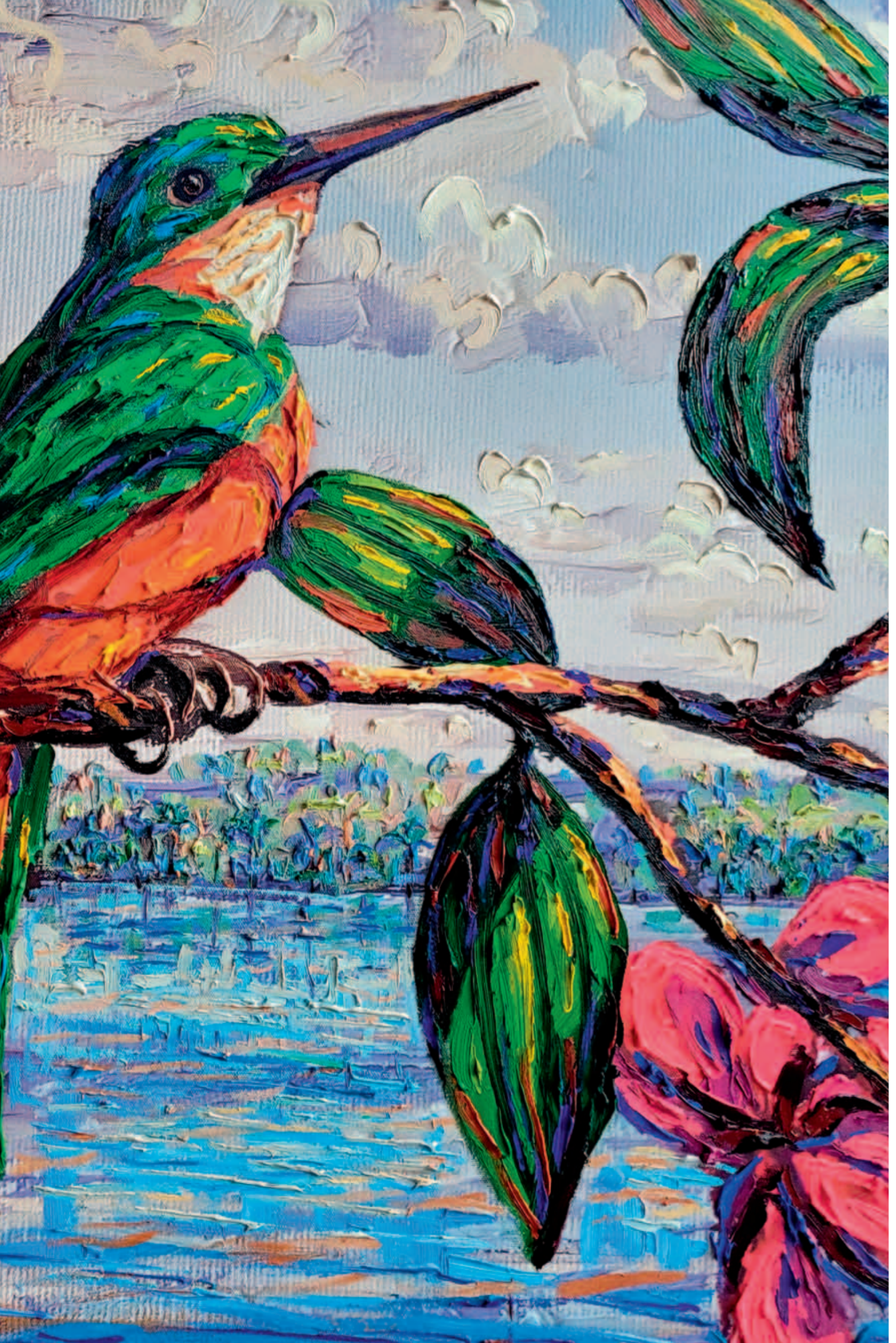
Só eu sei bordar colares de lua
E enredar-te em meus abismos.

Marinalva Barros

Jornal Norte de Goyaz, Porto Nacional - TO, 1911 - Acervo Fiocruz

Rodovia Santos-Belém, S.D. - Arquivo Museu das Bandeiras - GO

Ariramba e quaresmeira do Tocantins, óleo 70X100cm



Alvorada em Miracema do Norte - TO, óleo 30X100cm

AS ALMAS E O RIO

Dormem as almas
No fundo do rio...
Guardam o acervo
Do amor partilhado
Como os velhinhos
Seus bibelôs
E retratos antigos.

Penso em ti
Porque chove e sinto frio
Porque faz sol
E quero estar nua
Porque tua alma dorme
Abraçada a minha
Quieta, mansa, pura
No fundo das águas.

Faz rebojo não, rio
Que as almas estão dormindo

Faz rebojo, não...
Faz rebojo, não...

Marinalva Barros

INTIMIDADE

Evocar o rio é tecer poemas.
Nossa história se entrelaça
Como pernas de amantes,
Destilamos juntos segredos eternos:
O rio e seu itinerário
Eu e meus remansos.

Sobre nós
O pesar dos homens
E o manto da poesia.

Marinalva Barros

IDENTIDADE

As digitais de um rio
Tatuaram meu espírito

Sou por isso matizada
Povoada de estações
Afeita a cidades antigas
E ruas estreitas
Alinhavada de correntezas.

Marinalva Barros

A SAUDADE

Me pus a chorar saudade
No quintal de uma tapera,
Responderam as paredes:
"De uma ingrata é o que se espera".

Me pus a chorar saudade
Na beira de um ribeirão,
Responderam os peixinhos:
"Por que chora mandrião?"

Eu fui pra beira do rio
Para ver a água correr,

Luar na Capelinha, Pedro Afonso - TO, óleo 30X80cm

Para ver como é tão triste
O querer e não poder.

Naquela viola eu toco,
Mas nesta outra eu aprendi,
Quando eu me for desta terra
O meu bem também há-de ir.

Viola tem 5 cordas,
5 cordas, mais não tem,
Em 5 infernos se veja
Quem me apartou de meu bem.

Antonio Americano do Brasil

Rio Tocantíns e a Chapada das Mesas - aquarela de Thomas Ender, Séc. XIX

Rio Tocantins - aquarela de Thomas Ender, Séc. XIX

Encontro do Tocantins e do Araguaia, óleo 30X100cm

SE EU FOSSE

Se eu fosse noite
Seria sempre enluarada
E cúmplice
De todo deslize de amor

Se fosse dia
Seria sempre de sol
Que dias nublados
Sugerem saudade
E lembranças tristes

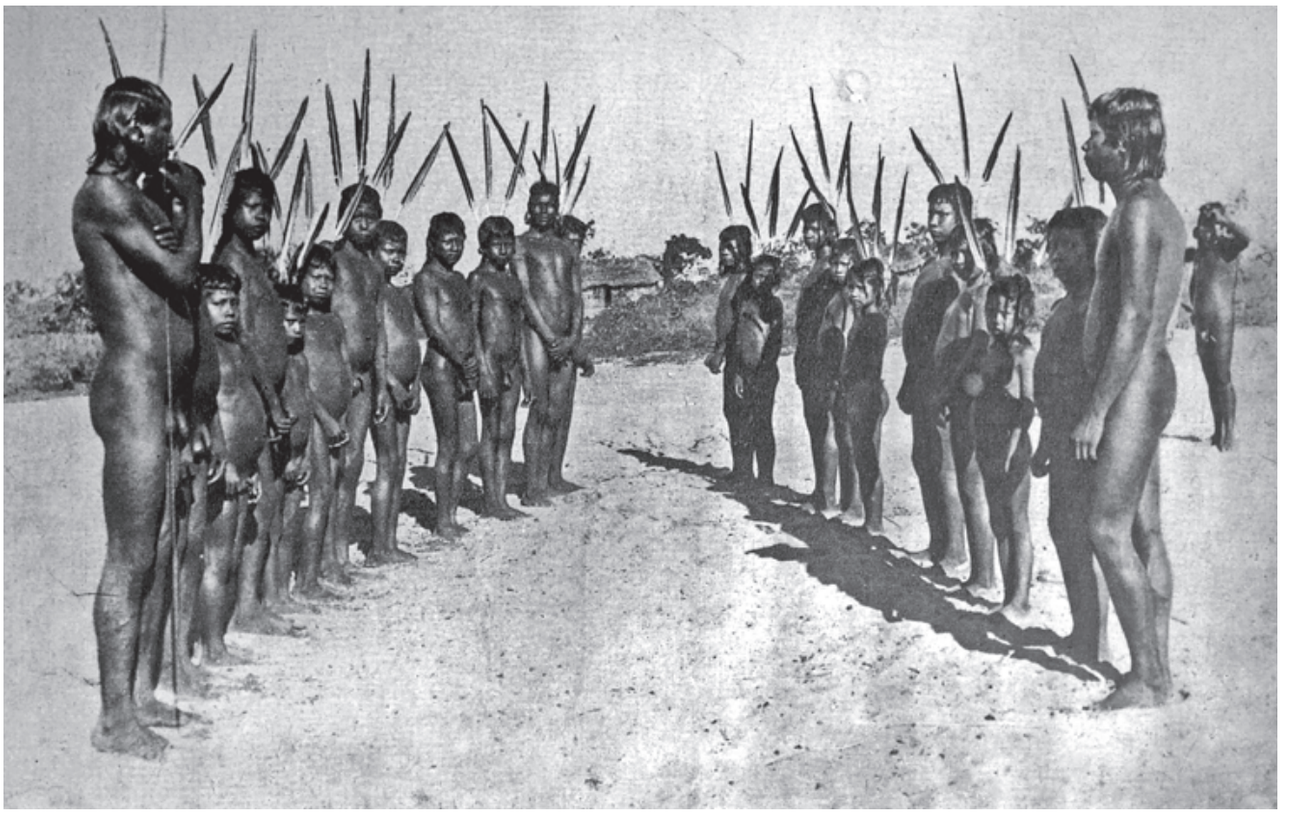
Se fosse chuva
Só seria mansa
De sussurros e acalanto

Se fosse relva
Estaria sempre
Fresca e macia
Que os namorados
São tão exigentes!

Mas, se fosse rio,
Ah! Se fosse rio...
Eu seria Tocantins!

Marinalva Barros

Nativa com um filhote, óleo 50X50cm



Etnia Canela, Rio Tocantins, déc. 40 - Comissão Rondon

Etnia Gavião, Rio Tocantins, déc. 40 - Comissão Rondon

Cozinheira do Tocantins, óleo 80X60cm

CONVITE

Convido você
A saltar paredões
E atravessar redemoinhos.
O salto e o mergulho
Nos darão asas
Com sua mão segurando a minha

Seu corpo e o meu
Reconhecer-se-ão
No acolhimento generoso
Do mundo das águas
Voltar à tona será tão somente
Uma peripécia de amor.

Estaremos de volta antes do pôr do sol.
Prometo.

Marinalva Barros

Chegada noturna em Belém do Pará, óleo 30X80cm

O ÚLTIMO RETRATO

Gravo-te em mim
Vestido de pôr de sol.
Do paredão contemplo-te
E minh'alma derrete-se...

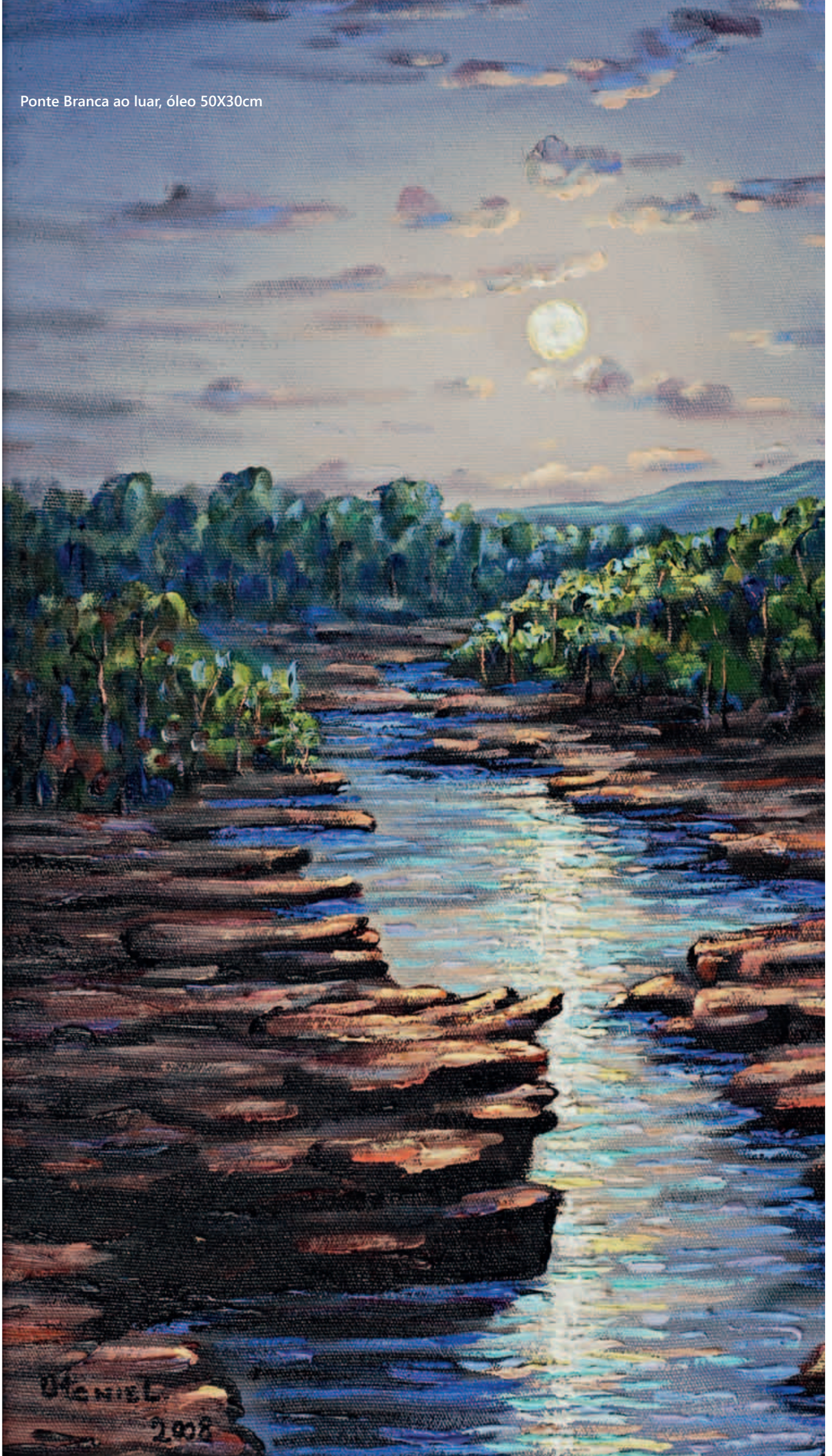
Que oráculo buscarei
Na inquietude?
Que águas e corredeiras
Lavarão as aflições?

Imaginava-te eterno
Na paisagem de Porto
E estarei nua
Com meus segredos e a poesia.

Marinalva Barros

A revoada e a borrasca, óleo 30X60cm

Bacia do ARAGUAIA



Ponte Branca ao luar, óleo 50X30cm

Araras do Araguaia, óleo 50X30cm

SANTA LEOPOLDINA

Adeus Santa Leopoldina,
Araguaia e Porto Franco,
Adeus minha Conceição,
Descoberto e Rio Branco.

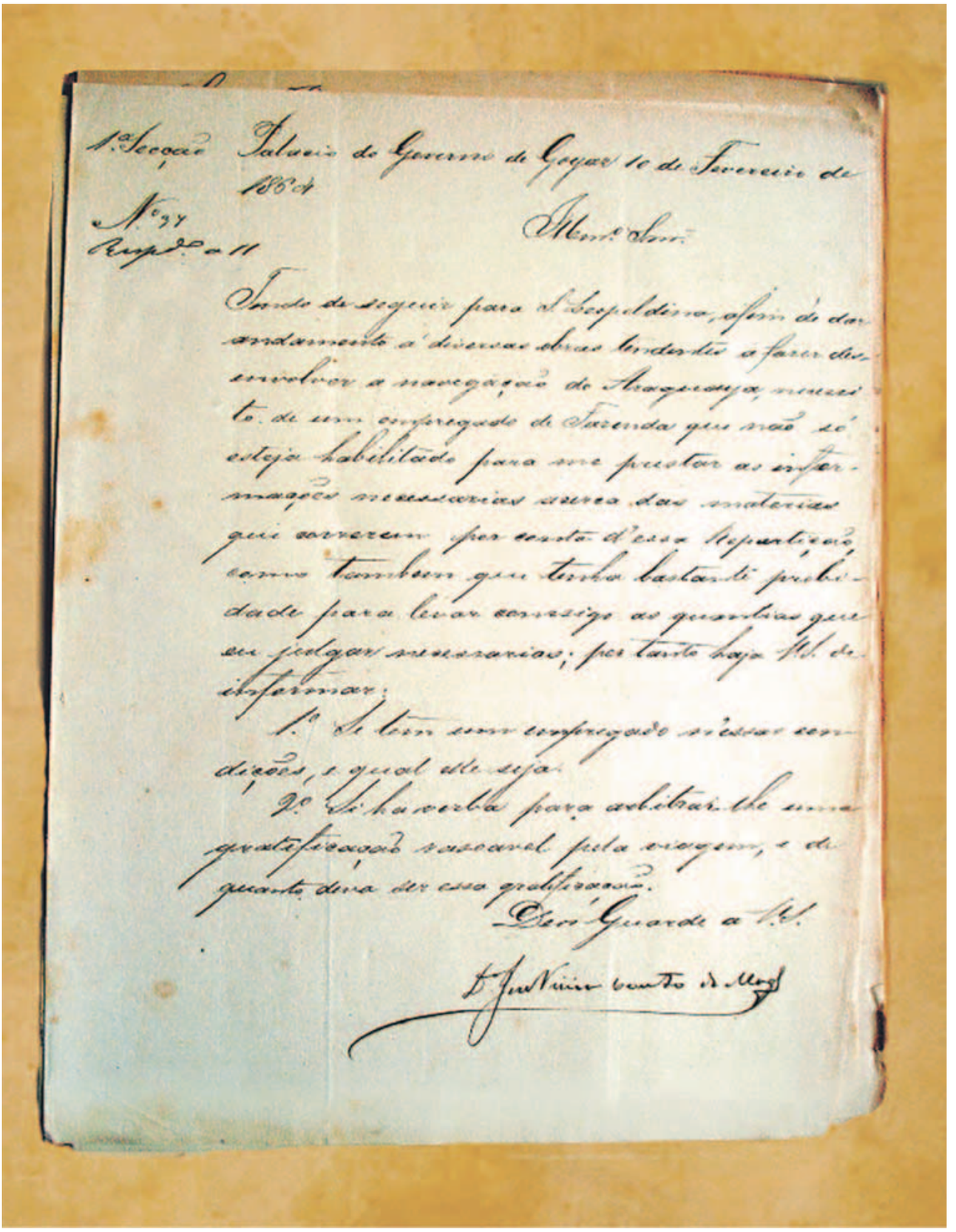
O povo do Rio Branco
Está deixando Conceição,
Na beirada do Araguaia
Fica esta povoação,
E nas matas tem seringa,
Bem no meio do sertão.

Pôr do Sol na Baliza - GO, óleo 40X80cm

Lá nas matas do sertão,
Lá nas matas da seringa,
Aonde dinheiro corre,
Aonde dinheiro mina,
Eu também vou residir
E cumprir a minha sina.

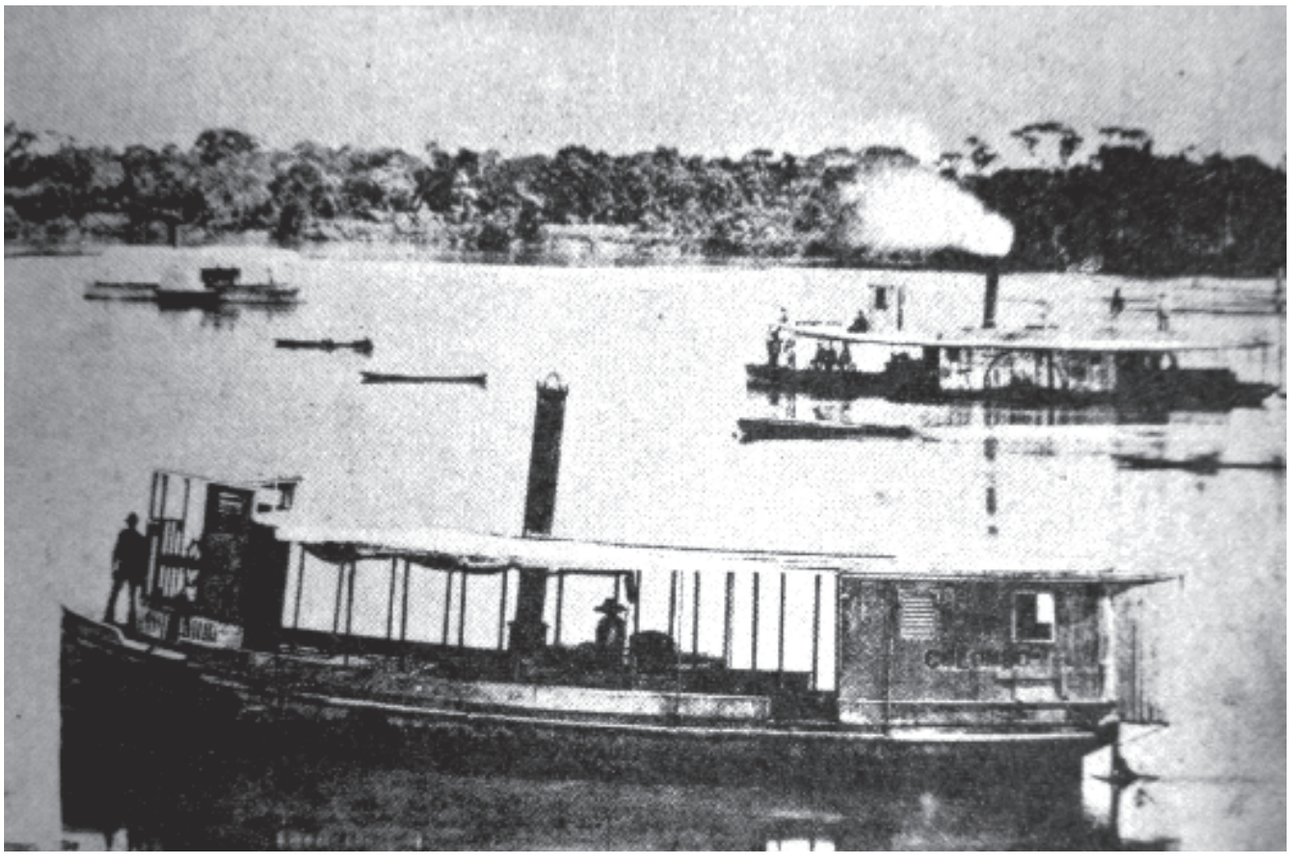
Aonde o dinheiro mina,
Aonde o dinheiro é grosso,
Um camarada de lá
Seja velho ou seja moço
Carrega sempre consigo
Seis contos de réis no bolso.

Antonio Americano do Brasil



Ofício de Couto de Magalhães, 1864 - Arquivo Museu das Bandeiras - GO

Vapores do Araguaia, 1870 - Acervo Elder Camargo de Passos



Bilhete da navegação a vapor do Araguaia, 1874 - Arquivo Museu das Bandeiras - GO

Luar no Araguaia, óleo 30X60cm

"Não posso esquecer-me da agradável impressão que me deixou esta primeira noite do Araguaya. O céo tinha estado nublado até essas horas; de quando em quando, o vento mugia nas praias e as nuvens largavam gottas raras, mas grossas, de uma chuva gelada; na hora; porém, em que eu me deitava, as nuvens rarefizeram-se e foram pouco a pouco se dissipando, até que o céo se tornou limpido e puro com um espelho infinito de saphiras; então, no oriente, que se avistava muito ao longe, porque naquellas planícies não há morros, nem outeiros, nem serras, a lua desenhou-se calma e revestida desse encanto melancholico que tem sempre esse astro da noite em nossas solidões, despertando no coração vagas saudades e incertas esperanças de um futuro

ideal, que nunca realizaremos na terra, e que é, talvez, uma aspiração de nossa alma para a immortalidade. (...) Despontou a lua, e eu não poderei descrever, nem ao menos de longe, a beleza melancholica de toda aquella paizagem, tão deserta, tão grandiosa, e ao mesmo tempo tão serena e tão calma, em tão absoluto silêncio, que se ouviam as pancadas do coração. Aquelle leito immenso do rio, o lago, a orla de florestas negras que se estendiam em arco, à minha esquerda; aquelle reflectir da lua nas águas e na areia branca eram de uma belleza tão melancholica, que, ao mesmo tempo que eu me extasiava contemplando tanta grandeza, meu coração se apertava, como se eu estivesse sob pressão de uma dôr pungente..."

Couto de Magalhães, 1863.

Piloteiro, óleo 70X60cm

Pescadoras nativas, óleo 60X50cm

OTONIEL 2008

Garça e jaburu, óleo 40X60cm

Certo dia
Um jaburu-moleque
Tal qual uma asa-delta
Sobrevoou
Vagaroso que só
O Araguaia
No cair de uma tarde
De verão.

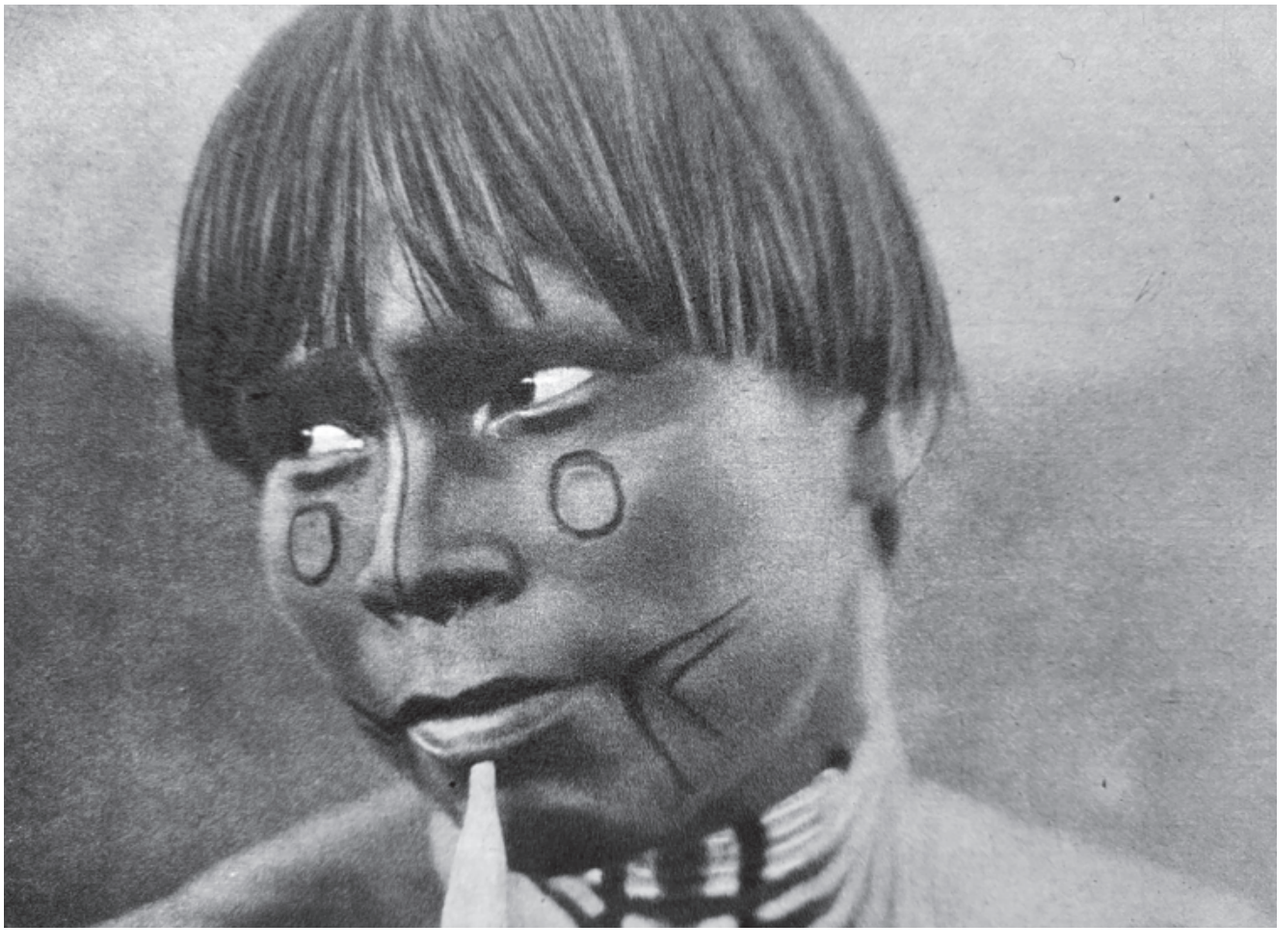
Na paisagem
Esquisitamente triste
Havia apenas
Ausência e silêncio
Como se a vida
Parasse de súbito
Para o encontro
Dos que morreram de amor.

E quem sabe
Se o solitário jaburu
Cumprindo a sua saga
Procurava
Num alento derradeiro
O roteiro do seu amor perdido?

Antônio Maranhão

Jovem carajá, Rio Araguaia, déc. 40 - Comissão Rondon

Menino carajá, Rio Araguaia, déc. 40 - Comissão Rondon



Chefe carajá, Rio Araguaia, déc. 40 - Comissão Rondon

Meninas carajá, Rio Araguaia, déc. 40 - Comissão Rondon

Pesca do tucunaré, óleo 70X60cm

ARAGUAIA...

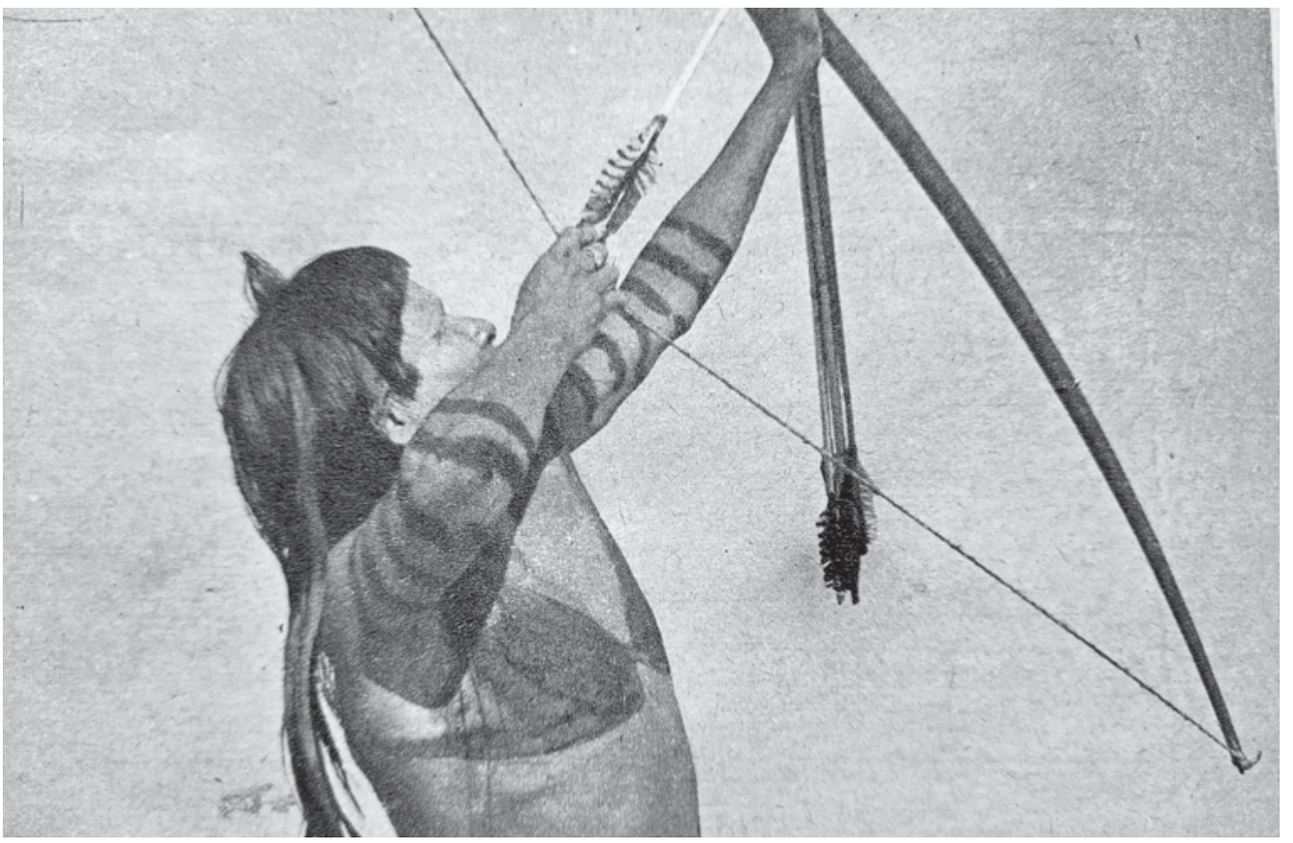
rio índio carajá
imenso e rico colar
fugindo a caminho do mar.
água doce
doce água
verso ensinando a gente
o que ninguém sabe ensinar.

ARAGUAIA...
rio índio caiapó
leva tua alma pro mar
leva o olhar amendoado
da cabocla carajá
leva o ouro do teu sol
e a prata do teu luar.

ARAGUAIA...
rio índio javahé
leva o teu amor para o mar
leva tudo
leva tudo para lá
mas uma coisa te peço
deixa a saudade ficar:
é dor que faz bem a gente
e parece que o mal espanta
é raio de sol no poente
é o hino que a gente canta
na hora do despertar.

ARAGUAIA...
rio índio xavante
e também tapirapés
se de ti eu me despeço
é necessário lembrar:
é tragado pelo mar:
recebe o sal
desmancha a trama
toda trama vem de lá
Mar vivo
mar morto
lobo mar.

Antônio Maranhão



Arco e flecha carajá, Rio Araguaia, déc. 40 - Comissão Rondon

Orla de Conceição do Araguaia - PA, óleo 50X70cm
OTONIEL 2008

Nativo com uma boia, óleo 60X50cm

EU ME BATIZO

remoçando o meu corpo cansado
nas cálidas águas do Araguaia
sacramentos noturnos batismos
quando missionários de além-mar
viajando frágeis ubás
derramaram
ao longo rosário
de alvas praias
a reza primeira
de bandeirantes da cruz.

Eu me batizo
na alegria incontida
de traquinos curumins
esculpindo na areia úmida
ingênuas fantasias
lembradas de lendas avoengas.

Eu me batizo
no convulto amor carajá
incensado pela brisa que vem de longe
murmurando palavras lânguidas
entrecortadas de gemidos
e suspiros
de outros amores
caiapós
tapirapés.

Eu me batizo
no dorso dos ventos gerais
fustigando fantasmas
chegantes em rastros novos
aventureiros
inquietantes.

Eu me batizo
na estrela maior
refletida nas águas
e no olhar amendoado
de cunhãs sorridentes
cheirando a fumaça
de tucunarés na brasa
quando a noite veste
suavemente
a nudez do rio.

Eu me batizo
No risco divergente das ubás
passeando compridas
em ritmos lerdos
de remos cadenciadamente
de som improvisado.

Eu me batizo
no cobrear dos igarapés
cantantes
murmurantes
sonhando águas novas
no encontro do rio grande
carregando mensagens
para o mar.

Eu me batizo
no respingo das gaivotas
malabaristas
e acrobatas
ensaiando festa
no espelho
das águas deslizantes.
Eu me batizo
na reverência índia
ao cair da tarde
quando o último bando de araras
escandalosamente estridentes
anuncia a chegada da noite
povoadas de estrelas
faiscando prata
e saudade distante. (...)

Antônio Maranhão

O Araguaia, nestes tempos maravilhosos de estio, desdobra-se em cenários de belezas inimagináveis. A limpidez do azul puríssimo do firmamento casa-se com a cor das mansas águas, distendidas entre orlas de infinitas e alvas praias de areia. Extasiam-se as nossas vistas na serena majestade dos panoramas hieráticos. (...) A solidão acentua-se e revive as grandes, queridas saudades. Nas ramas da matéria escondem-se, medrosos os sussurros das pombas, nos

Praia com jaburus, óleo 30X50cm

saranzais esvoaçam, tímidos, os jacus ciganos, os mergulhões, os manguaris, os colhereiros de penas cor de rosa. (...) Nuvens negras toldam o firmamento, ameaçando enormes borrascas. Debandam, todavia, tangidas pelas variações instantâneas dos ventos, de volubilidade que causa pasmo. Portanto não me tenho precavido com a intimidações das intempéries, na expectativa de que as iras tardarão a despenhar-se. (...)

Hermano Ribeiro da Silva, 1938.

Conceição do Lago Açu, acrílica 40X60cm, sobre fotografia de Eduardo Motta

Bacias do Itapecuru e Mearim

Rio Itapecuru em Caxias, 1957 - Acervo IBGE

Margens do Itapecuru em Caxias, 1957 - Acervo IBGE

Ponte da Estrada de Ferro sobre o Rio Itapecuru em Caxias, 1957 - Acervo IBGE

CAXIAS

Quanto és bela, ó Caxias! - no deserto,
Entre montanhas, derramada em vale
De flores perenais,
És qual tênue vapor que a brisa espalha
No frescor da manhã meiga soprando
À flor de manso lago.

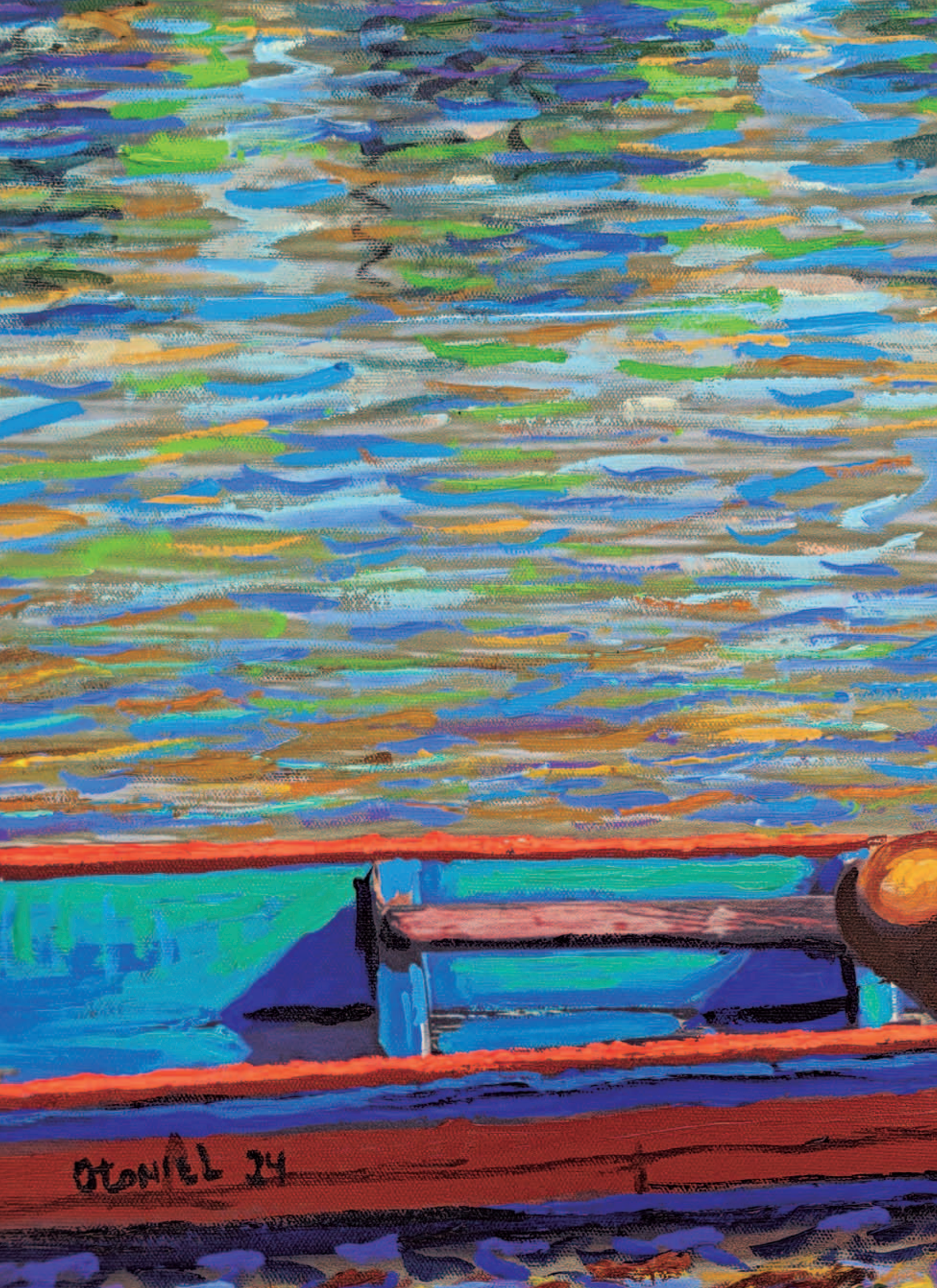
Tu és a flor que despontaste livre
Por entre os troncos de robustos cedros,
Forte - em gleba inculta;
És qual gazela, que o deserto educa,
No ardor da sesta debruçada exangue
À margem da corrente.

Em mole seda as graças não escondes,
Não cinges d'oiro a fronte que descansas
Na base da montanha;
És bela como a virgem das florestas,
Que no espelho das águas se contempla,
Firmada em tronco anoso.

Mas dia inda virá, em que te pejes
Dos, que ora trajas, símplices ornatos
E amável desalinho:
Da pompa e luxo amiga, hão de cair-te
Aos pés então - da poesia a c'roa
E da inocência o cinto.

Gonçalves Dias

Barra do Corda no Mearim, acrílica 40X60cm, sobre fotografia de Eduardo Motta



Menina canoeira, acrílica 40X60cm, sobre fotografia de Eduardo Motta

"Teu rosto chêra,
cum'um gáio de alicrim!
Tu é facêra!...
Tu qué dá cabo de mim!...

Tu é mimosa,
cabôca, meu bem!
Frô mais chêrosa
no mundo não tem!!...
Vem! Amachúca!... Amachúca
no chão, meu coração!

Eu sou juruti perdida,
gemendo de amô,
cá no meu sertão!!

Minh'arma ficou firida,
pruquê tu firiu
este meu coração!

Chora a viola,
como chora a ribaçã
quando consola
a tristeza da manhã!

Tu é mimosa,
cabôca, meu bem!
Frô mais chêrosa
no mundo não tem!...
Vem! amachúca!... Amachúca
no chão,
meu coração!" (...)

Catulo da Paixão Cearense

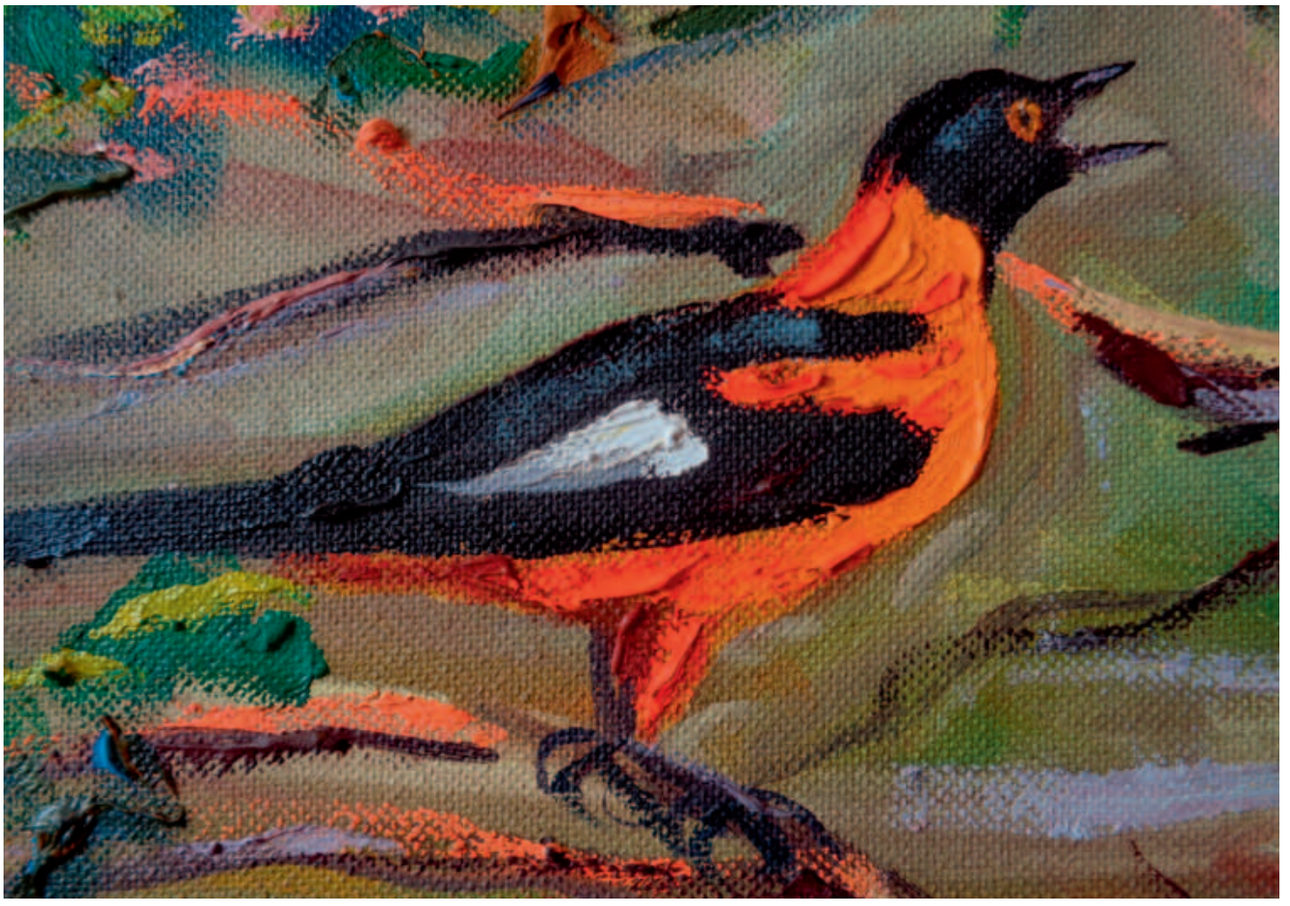
Colhedora de babaçu, 1957, Caxias - Acervo IBGE

Colhedoras de babaçu, 1957, Caxias - Acervo IBGE

Lavadeiras do Itapecuru, Colinas, S.D. - Acervo IBGE

Galo de campina, detalhe - óleo sobre tela

Sofreu, detalhe - óleo sobre tela

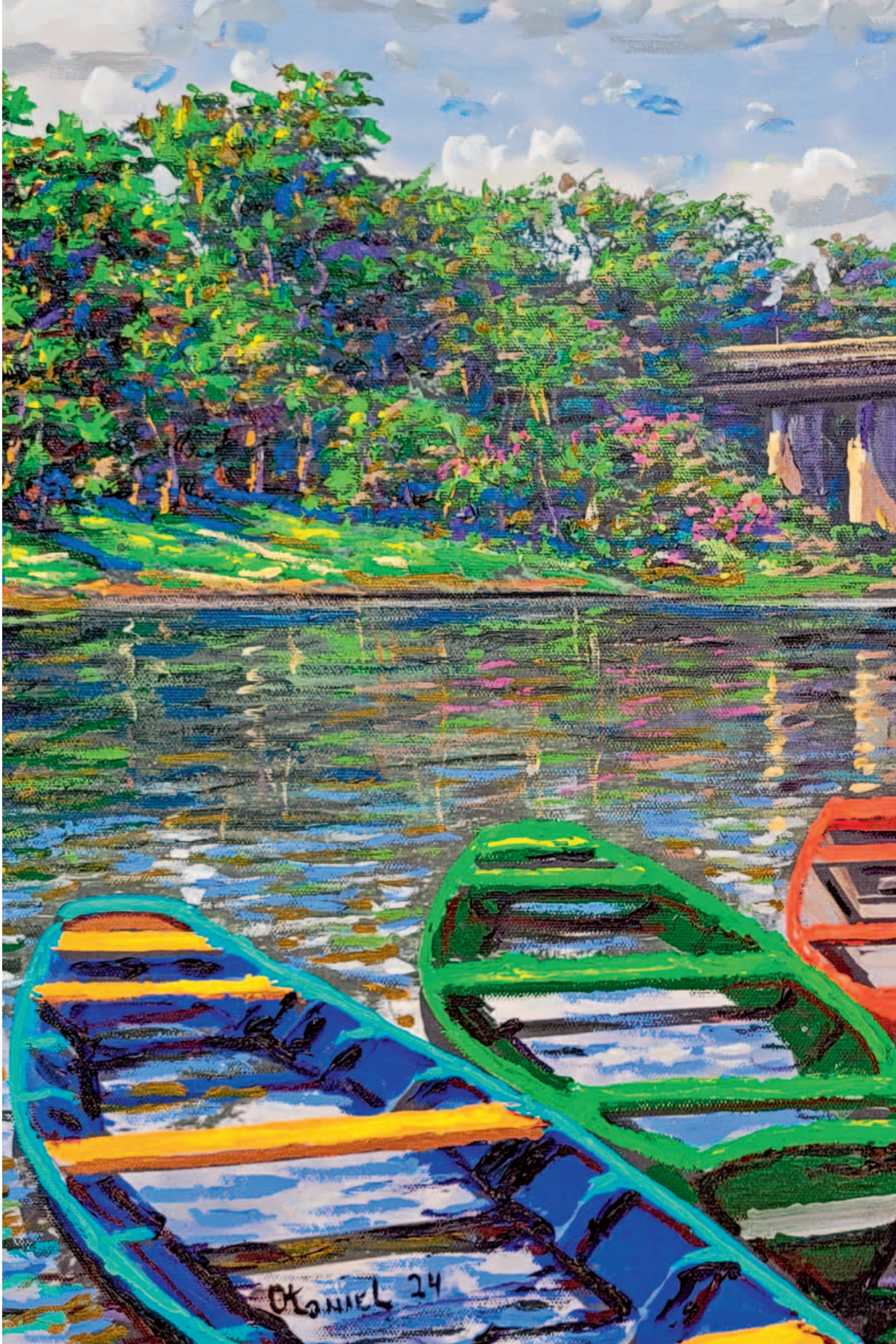


Vim-vim, detalhe - óleo sobre tela

"Quando um home do sertão, passando, vê uma frô, não panha a frô cum a mão!... Apara e, depois, siguindo, leva a frô no pensamento e o ôrôma no coração! Era impussive, despois, dizê às vez que nós dois tinha aparado prá vê: duas rolinha dengosa pulas pedrinha a corrê... Uma graúna!... um xenxéu! Um azulão, que parece que tinha manchado as pena nas nuve azú lá do céu!! Um cancão!... Um guanumbil... Um bando de juruti!... Um tiê-sangue!... Uma choca!... As inhambu!... As piaçóca!... Um sofreu!... Mais um vim-vim!... Um cara-suja, bebendo o sereno do capim!... Mais um galo de campina!... E tanta coisa divina!... Toma cuidado!... Dêxa o capim, beja frô!... E outras tanta maravia daquele nacê do dia!... Daquela manhã de amô!!!

Pulas areia da istrada, cum as cara toda impuêrada de toda a noite samba, um dispotismo de gente, cum os tapiruca na frente, vinha imbolando, a cantá!" (...)

Catulo da Paixão Cearense


O'DANIEL 24

Canoas no Rio Itapecuru, acrílica 50X60cm, sobre fotografia de Eduardo Motta

Porto de Trizidela do Vale, Rio Mearim, S.D. – Acervo IBGE

Rio Mearim em Bacabal, S.D. – Acervo IBGE

Ponte sobre o Rio Mearim em Bacabal, S.D. – Acervo IBGE

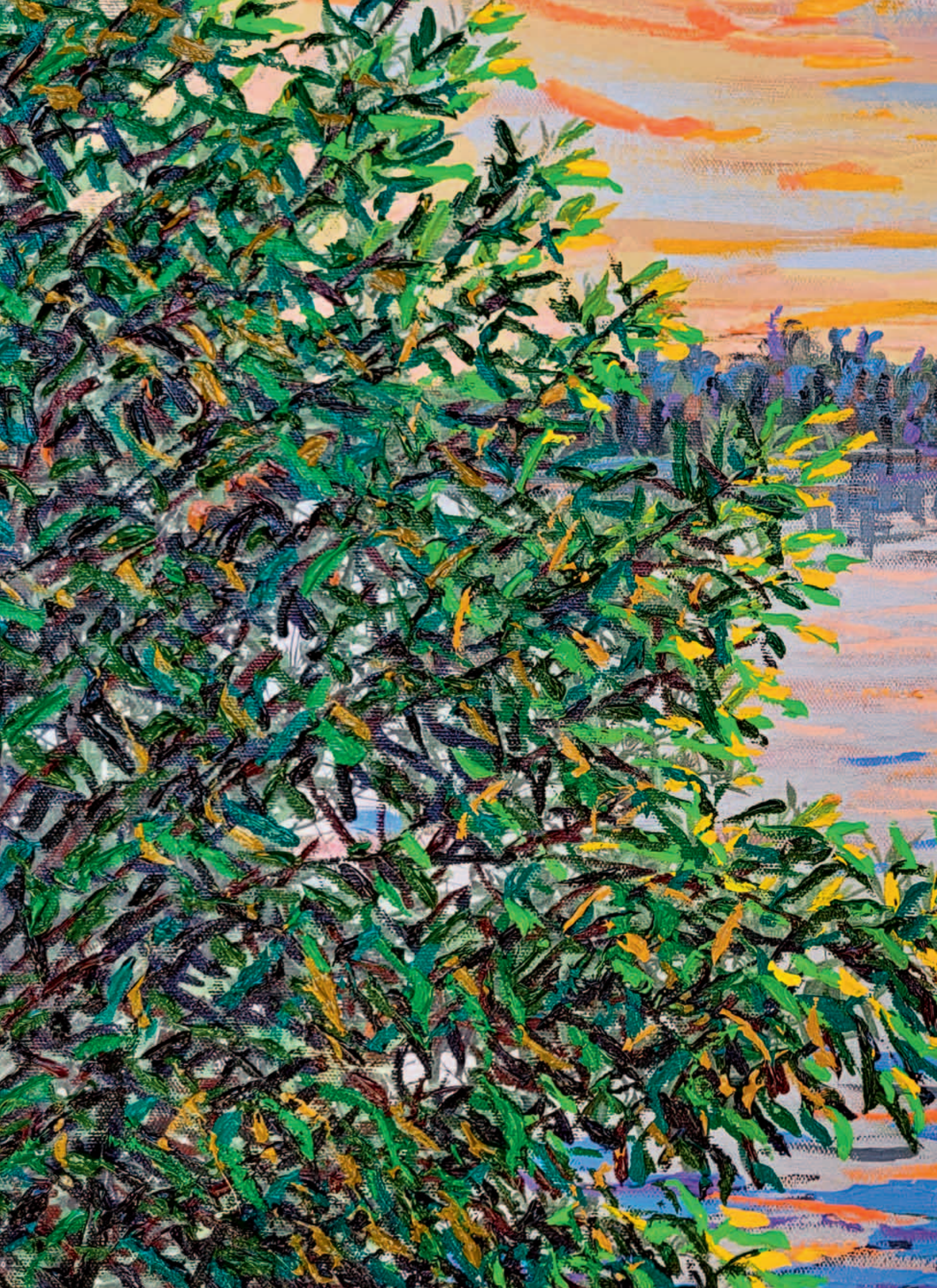
Porto de Bacabal no Rio Mearim, 1957 – Acervo IBGE

E o rio lá rola eterno nas suas águas, sempre soberbo e cantando, e nós começamos a envelhecer, vergando, com a cabeça cheia de cabelos brancos e rugas nas faces. Bom tempo!

Vivíamos discutindo o futuro, que tão diferente nos saiu dos planos que esboçávamos. (...) Falavas dos homens d'armas espalhados pelos adarves, com lanças e buzinas, de uma sentinela vigiando a ponte, de roldas e sobre roldas caminhando lentamente a espiar, por entre as ameias, o campo e o rio. E nas salas imensas, abobadadas, com panos e armas pelas paredes fortes, ao jorrar dos vinhos e ao som das músicas dos menestréis.

Assim, os que, d'aqui a quinhentos anos, vierem gozar as manhãs ou as tardes à beira deste rio, contido, então, por muros de granito lavrado, cintado de pontes, com barcos de recreio cruzando-o abaixo e acima, com um pouco de poesia n'alma, hão de ainda ouvir, no perene murmúrio da corrente, o eco das cantigas dos exploradores ousados e a triste lamentação dos Índios prisioneiros, cruzando-se, pairando sob as águas. As primeiras impressões subsistem eternamente. Demais, este rio é violento, caprichoso, insubmisso: de tempos a tempos cresce assoberbado, transborda, derrama-se pelos campos e... Seria um incomodo ter de aparelhar faluas para mandar ao mercado a carne e a fruta. Não tenho suzerânia, mas não estou triste com o meu destino — se não é dos mais belos é, pelo menos, tranquilo. (...) E aqui estamos nós, à margem do rio, à sombra das árvores, que tantas vezes nos viram chegar, com as névoas de junho ou com os luares de outubro...

Coelho Neto



Estuário do Rio Itapecuru, acrílica 40X60cm, sobre fotografia de Eduardo Motta

Rio Mearim, usina de algodão em São Luís Gonzaga, S.D. - Acervo IBGE

Pontilhão de madeira sobre o Itapecuru, Codó, S.D. - Acervo IBGE

Palmeiras de babaçu nas margens do Rio Itapecuru, Codó, 1957 - Acervo IBGE

CANÇÃO DO EXÍLIO

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas tem mais flores,
Nossos bosques tem mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar - sozinho, à noite -
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Gonçalves Dias, 1843.

Carnaúbas no Estuário do Rio Mearim, acrílica 40X60cm, sobre fotografia de Eduardo Motta

DESCENDO O JAGUARIBE (MANHÃ)

Canta, no galho agreste, o passaredo... Canta...
Em flor o cajueiral farfalha; o vento açoita...
E vai, de fronde em fronde, e vai, de moita em moita,
Áurea, a luz da manhã que a sombra abate e espanta.

Alto, côncavo, azul, escampo, o céu! Levanta
O vôo uma ave, além, que o bamburral acoita.
Não mais a verde mata, a treva espessa enoita.
E tudo brilha, e esplende, e exulta, e arpeja, e encanta!

Claro, ao sol refulgindo, o Jaguaribe, lento
Coleia, estuante, a arfar, os mangues alagando.
E, à praia, o coqueiral, move e fustiga o vento...

Ao longe passa, a voar, de marrecas um bando...
O rio, ansiando mais, lança-se ao mar violento:
E o hino triunfal da luz, ei-lo que vai cantando!...

Beni Carvalho.

Foz do Jaguaribe, CE - óleo 30X80cm

Outras Bacias da Codevasf

Rio Jaguaribe no Fortim, CE - óleo 30X50cm

Barra do Maxaranguape, RN - fotografia de Alex Uchôa

Pico do Cabuji, RN - fotografia de Alex Uchôa

É este... Pensava ele,
O meu rio mais querido;
Aqui tenho às margens suas
Doces prazeres fruído...
Aqui, mais tarde trazendo
Na alma triste, acerba dor,
Vim chorar as praias minhas
Na posse de usurpador!
Que de invadi-las
Não satisfeito,
Vinha nas matas
Ferir-me o peito!
Ferros nos trouxe,
Fogo, trovões,
E de cristãos
Os corações
E sobre nós
Tudo lançou!
De nossa terra
Nos despojou!
Tudo roubou-nos,
Esse tirano,
Que do povo diz-se
Livre e humano! (...)

Fragmento (A Lágrima de um Caeté)

Nísia Floresta, 1849.

Salina artesanal em Mossoró, RN - óleo 40X60cm

Lajedo do Pai Mateus, PB - fotografia de André Dib

Pedra do Ingá, PB - fotografia de André Dib

Macapá

Hoje... Lá jaz o colosso
Quase em total abandono,
Formando quase um destroço
Na triste mudez do sono
Do desprezo mais cruel.
É correção de soldados,
É presídio de forçados,
É terror de condenados
De criminosos, quartel.

Hoje o bronze já não salva
Da galharda bateria,
Quer assome a Estrela d'Alva,
Quer venha a findar o dia.
Não fosse a luta feral
Do Rio-mar com a procela,
Ou os brados da sentinela
Quando, acaso, a noite vela,
Fora tudo em paz mortal...
(...)

Arrabaldes de Macapá, AP - óleo 40X80cm

Dorme, cidade, e em teu sono
Sonha os fulgores de outrora...
Veneza já teve um trono,
Já foi dos mares senhora
E as nações já leis ditou:
Mas, hoje... ei-la: descansa,
Rememorando a pujança
Do fastígio, que a mudança
Dos tempos lhe arrebatou...

Dorme!... Tens aos teus pés prostrado
O Rio-mar, bardo eterno,
Que entoa sempre inspirado
Ora, o canto mais galerno,
Ora, os hinos do tufão...
Dorme aos sons das cavatinas
Das aves entre as cortinas
Dessas florestas divinas.
De teu risonho sertão!

Alexandre Vaz Tavares, agosto de 1889.

Costa dos Guarás, AP - óleo 60X90cm

Rio Araguari e vitórias régias, AP - óleo 80X60cm

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS (Brasil). **Polos nacionais de agricultura irrigada**: mapeamento de áreas irrigadas com imagens de satélite. Brasília, DF: ANA, 2020. Disponível em: https://metadados.snirh.gov.br/geonetwork/srv/api/records/6057fee-7-b827-42c8-b7b7-dc14c6e7a66e. Acesso em: 23 abr. 2024.

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS E SANEAMENTO BÁSICO (Brasil). **Atlas Irrigação**: uso da água na agricultura irrigada. 2. ed. Brasília: ANA, 2021. Disponível em: https://portal1.snirh.gov.br/ana/apps/storymaps/stories/a874e62f27544c6a986da1702a-911c6b. Acesso em: 30 abr. 2024.

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS E SANEAMENTO BÁSICO (Brasil). **Tocantins-Araguaia**: plano estratégico de recursos hídricos da bacia hidrográfica dos rios Tocantins-Araguaia. Brasília: ANA, 2021. Disponível em: https://www.gov.br/ana/pt-br/assuntos/gestao-das-aguas/planos-de-recursos-hidricos/planos-de-recursos-hidricos-de-bacias-hidrograficas/planos-de-bacias-hidrograficas-interfederativas/tocantins-araguaia. Acesso em: 27 abr. 2024.

AIRES, Félix. **Antologia de sonetos piauienses**. Teresina: Companhia Editora do Piauí, 1972.

ALENCASTRE, José Martins Pereira de. **Anais da Província de Goiás**. [*S. l.: s. n.*]. 1863.

ALMANACK da Parnahyba. Parnaíba: [*S. n.*], ano 5, 1928. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B-uKLH1YmxZGWTVEbTJtcHh5SXc/view?resourcekey=0-gGYdE5qTOrcQhIKX6y74cQ. Acesso em: 07 maio 2024.

ALMANAQUE da Parnaíba. Parnaíba, PI: [*s.n.*], 1928, 1929, 1932, 1936, 1938, 1940, 1942.

ALMEIDA, Thiago Franklin Santos de *et al*. Análise das precipitações totais anuais no alto e médio São Francisco e sua correlação com a vazão natural. SIMPÓSIO DAS PRECIPITAÇÕES TOTAIS ANUAIS NO ALTO E MÉDIO SÃO FRANCISCO E SUA CORRELAÇÃO COM A VAZÃO NATURAL, 1., 2016, Juazeiro. **Anais [...]**. Juazeiro: SBHSF, 2016, p. 1-8. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/322020453_Analise_das_precipitacoes_totais_anuais_no_alto_e_medio_Sao_Francisco_e_sua_correlacao_com_a_vazao_natural. Acesso em: 24 abr. 2024.

ALVES, Castro. **A cachoeira de Paulo-Affonso**: poemas. Salvador: Conselho Estadual de Cultura, 1976. 122 p. Poemas *Rio São Francisco e Cachoeira de Paulo Afonso.*

ALTAVILA, Jayme de. **História da civilização das Alagoas**. 6. ed. Maceió: Serviços Gráficos de Alagoas, 1975.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Discurso de primavera e algumas sombras**. São Paulo: Círculo do Livro, 1994. Poema *Águas e Mágoas do São Francisco*.

ARTIAGA, Zoroastro. **História de Goiás**: relato de acontecimentos históricos goianos de 1592 a 1946. Goiânia: [*s.n.*], 1961. t .2

AUDRIM, José Maria. **Entre os sertanejos e índios do norte**. Editora Púgil, 1947.

BACIA do Mearim é a maior do Maranhão. Brasília, DF: Codevasf, 2023. Disponível em: https://www.codevasf.gov.br/noticias/2014/bacia-do-mearim-e-a-maior-do-maranhao. Acesso em: 1 maio 2024.

BAENA, Antonio Landislau Monteiro. **Compêndio das eras das províncias do Pará**. Belém: UFPA, 1969. (Coleção Amazônia)

BAPTISTA, João Gabriel. A via crucis do Parnaíba. **Cadernos de Teresina**, ano 8, n. 16, Teresina, abr. 1994, p. 31-36.

BATISTA, Alcelides. A (in)viabilidade da navegação comercial pelo Araguaia: um século de desafios. **Revista Margens Interdisciplinar**, Abaetetuba, v. 11, n. 16, p. 161-173, 2017. Disponível em: http://novoperiodicos.ufpa.br/periodicos/index.php/revistamargens/issue/archive. Acesso em: 19 abr. 2024.

BARBOSA, Édson Gayoso Castelo Branco. **O Parnaíba**: contribuição à história de sua navegação. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1986.

BARBOSA TERCEIRO, José Gil. **O vareiro do Parnaíba**. Teresina: [*S. n.*], 2019. Disponível em:

https://causosassustadoresdopiaui.wordpress.com/2019/05/27/o-vareiro-do-rio-parnaiba/. Acesso em: 30 abr. 2024.

BERREDO, Bernardo Pereira de. **Annaes historicos do estado do Maranhão** ... desde o ano que foi descoberto até o de 1718. Lisboa: JC, 1749.

BARROS, Jesualdo Cavalcante. **Memória dos confins:** a saga de vaqueiros, heróis e jagunços nos ermos sertões onde começou o Piauí. Teresina: Gráfica do Povo, 2005.

BARROS, Judson. **Encontros ribeirinhos**: crônicas de uma aventura no rio Parnaíba. Teresina: [*s.n.*], 2001.

BARROSO, Gustavo. **O Brasil na lenda e na cartografia antiga**. São Paulo: Editora Nacional, 1941. (Biblioteca Pedagógica Brasileira; 5. Série Brasiliana, 199)

BERNARDES, Carmo. **Jângala**: complexo Araguaia. Goiânia: [*S. n.*], 1994.

BERTRAN, Paulo. **Uma Introdução à história econômica do Centro-Oeste do Brasil**. Brasília, DF: Codeplan; [Goiânia]: UCG, 1988.

BORGES, Durval Rosa. **Rio Araguaia: corpo e alma**. São Paulo: EDUSP, 1987.

BRASIL, Americano do. **Pela História de Goiás**. Goiânia: UFG. 1980.

BRASIL. Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional. **Irrigação**. Brasília: MIDR, 2023. Disponível em: https://www.gov.br/mdr/pt-br/acesso-a-informacao/perguntas-frequentes/seguranca-hidrica/irrigacao. Acesso em 27 abr. 2024.

BRAZ, Brasiliano. **São Francisco nos caminhos da história**. Belo Horizonte: Lemi, 1977.

BURTON, Richard Francis, Sir. **Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1977.

CAIADO, Leolídio. **Araguaia**: o rio da vida. Goiânia: Ed. Kelps, 1999.

CAJANGO, José Ferreira. **Ligeiro histórico de Santa Rita do Araguaia**. Santa Rita do Araguaia: Pref. Mun. de Sta. Rita do Araguaia, 1988.

CALDAS, José. **Oparapitinga**: rio São Francisco, [*S. l.: S.n.*], 2002.

CÂMARA, Antonio Alves, Almirante. **Ensaios sobre as construcções navaes indígenas do Brasil [1888]**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

CAMPOS, Humberto de. Os "vareiros" do rio Parnaíba. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo: AGB-SP, n. 5, p. 49-52, jul. 1950. Disponível em: https://publicacoes.agb.org.br/index.php/boletim-paulista/article/view/1400/1258. Acesso em: 29 abr. 2024.

CANOA Furada, Uma. **Vermelho**: a esquerda bem informada. Brasília, DF, 28 ago. 2015. Disponível em: https://vermelho.org.br/2015/08/21/uma-canoa-furada/. Acesso em: 10 maio 2024.

CARRANCAS do Rio São Francisco, As. Direção de Júlio Heilbron. [*S. l.: s. n.*], 1974. Documentário (10 min). Disponível em: https://youtu.be/l-LOk4_PqOY?si=Z601thmDWiji5Qul. Acesso em: 2 maio 2024.

CARVALHO, Beni. Chama extinta. Rio de Janeiro: Pongeiti, 1937. Poemas. *In*: MARTINS. José Murilo. **Poetas da Academia Cearense de Letras (1894 – 2009**): antologia. Ceará: Academia Cearense de Letras, 2009. Poema *Descendo o Jaguaribe.* Disponível em: https://www.academiacearensedeletras.org.br/revista/Colecao_Diversos/Poetas_Academia/ACL_Poetas_da_Academia_20_Beni_Carvalho.pdf. Acesso em: 20 abr.2024.

CARVALHO, Francisquinha Laranjeira**. Fronteiras e conquistas pelo Araguaia**: século XIX. Goiânia: Kelps, 2006.

CARVALHO, Jenova de. Uma carranca chora em Santa Maria da Vitória. **Jornal A Tarde**, Salvador, 29 de junho 1985.

CASTRO, César Nunes de. **Sobre a agricultura irrigada no semiárido**: uma análise histórica e atual de diferentes opções de política. Rio de Janeiro: IPEA, 2018. (Texto para discussão, 2369). Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/8286. Acesso em: 20 abr. 2024.

CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. Tocantins: **O Movimento separatista do norte de Goiás**: 1821-1988. São Paulo: Anita Garibaldi, Goiânia: UCG, 1999.

CAVALCANTE, Neusa. **Codevasf 35 anos**: uma história de trabalho e desenvolvimento. Brasília, DF: Codevasf, 2010.

CEARENSE, Catulo da Paixão. **Meu Sertão**. Rio de Janeiro: A Casa do Livro. 1968.

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. 1. ed. São Paulo, SP: Global, 2012. Ebook. [170] p.

COSTA FILHO, Alcebíades. **A escola do sertão**: ensino e sociedade no Piauí, 1850-1889. Teresina: fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2006.

COUDREAU, Henri. **Viagem à Itabocas e ao Itacaiúnas**. Belo Horizonte: Itatiaia. 1980.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. [*S. l.*]: Laemmert, 1902.

CUNHA, João Fernandes da. **Memória histórica de Juazeiro.** [*S. l.: s.n.*], 1978.

COELHO NETO, Henrique Maximiano Coelho. **Sertão**. Porto: Livraria Chardron, 1926.

COELHO NETTO, Eloy. **História do sul do Maranhão**: terra, vida, homens e acontecimentos. Belo Horizonte: Ed. São Vicente, 1979.

COSTA E SILVA, Antônio Francisco da. **Antologia**. Teresina: [*s.n.*]. 1982. Projeto Petrônio Portella.

DANTAS, Audálio. **O país do São Francisco.** [*S. l.: s. n.*], 1972.

DIAS, Antônio Gonçalves. **Primeiros Cantos**. Rio de Janeiro: [*S. n*.], 1846.

DIAS, Cid de Castro. **Os caminhos do rio Parnaíba**. Teresina: Alínea Publicações, 2004.

DINIZ, Domingos e Mariângela; MOTA, Ivan Passos Bandeira da. **Rio São Francisco:** vapores e vaporzeiros. Pirapora – MG, 2009.

DOBAL. H. **Poesia reunida**. Teresina: Corisco, 2005.

DODT, Gustavo. **Descrições dos rios Parnaíba e Gurupi**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

DOLES, Dalísia Elizabeth Martins. **As Comunicações fluviais pelo Tocantins e Araguaia no século XIX**. Goiânia: Editora Oriente, 1974.

DUMONT, Sávia. **ABC do rio São Francisco**, Belo Horizonte: Dimensão, 2007.

ENDER, Thomas. **Viagem ao Brasil nas aquarelas de Thomas Ender**: 1817-1818. Petrópolis: Kapa Editorial, 2000.

FERREIRA, Manoel Rodrigues. **As Bandeiras do Paraupava**. São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo, 1977.

FERREIRA, Manoel Rodrigues. **O mistério do ouro dos Martírios**: desvendando o grande segredo das bandeiras paulistas. São Paulo: Biblos, 1960.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. CASA DE OSWALDO CRUZ. **A ciência a caminho da roça:** imagens das expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz ao interior do Brasil entre 1911 e 1913. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1992.

FLORES, Kátia Maia. **Caminhos que andam**: Rio Tocantins e a navegação fluvial nos sertões do Brasil. Goiânia: Editora da UCG, 2009.

[FLORESTA, Nísia]. **A lagrima de um caheté**. Rio de Janeiro: Typographia de L. A. F. de Menezes, 1849. 32-33. p. Disponível em: https://archive.org/details/DELTA53690FA/page/n37/mode/2up?view=theater. Acesso em: 20 abr. 2024.

FRANCO, Francisco de Assis Carvalho**. Dicionário de bandeirantes e sertanistas do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

FUNDAMENTOS. São Raimundo Nonato, PI: FUMDHAM, 2006. V. 1, n. 5, 2006. Na capa consta janeiro/2007. Disponível em: https://fumdham.org.br/wp-content/uploads/2018/08/fumdham-fumdhamentos-v-2007-_599037.pdf. Acesso em: 24 abr. 2024.

FURTADO, Júnia Ferreira. Metamorfoses da colonização: o rio Tocantins e a expansão para o oeste em mapas e relatos (século XVIII). **Tempo**, Niterói, v. 22, n. 40, p. 369-401, maio-ago. 2016. https://doi.org/10.20509/TEM-1980-542X2016v224009. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tem/a/CWbJT5Vjw7jmdJWPSWth7CD/#. Acesso em: 3 maio 2024

GAUTHEROT, Marcel. **Bahia**: rio São Francisco, Recôncavo e Salvador. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

GONÇALVES, Wilson Carvalho. **Antologia da Academia Piauiense de Letras**. Teresina: Ed. Jr., 2000.

GONÇALVES, Wilson Carvalho. **Antologia dos poetas Piauienses**. Teresina: [*s.n.*], 2006.

GREGÓRIO, José (Irmão). **Contribuição indígena ao Brasil**: lendas e tradições, usos e costumes, fauna, flora, língua, raízes, toponímia, vocabulário. Belo Horizonte: União Brasileira de Educação e Ensino, 1980.

GUIMARÃES, Humberto. **Nas pegadas do rio**. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2001. 2. ed.

GUITARRARA, Paloma. **Rio Araguaia**. Goiânia: Brasil Escola, 2024. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/brasil/rio-araguaia.htm. Acesso em: 10 maio de 2024.

HALFELD, Henrique Guilherme Fernando. **Atlas e relatorio concernente a exploração do Rio de S. Francisco desde a Cachoeira da Pirapora até ao Oceano Atlantico.** Rio de Janeiro: [Typographia Moderna de Georges Bertrand], 1860.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **A visão do paraíso**. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

LIMA FILHO, Manuel Ferreira. **Hetohok um rito Karajá**. Goiânia: Ed. UCG, 1994.

LINS, Wilson. **O médio São Francisco**: uma sociedade de pastores e guerreiros, 1960.

LOFRANO, Isabella. **O governo "intervencionista" americano desenhou o vale do rio Tennessee**. [*S. l.*]: Paulo Gala, 2020. Disponível em: https://www.paulogala.com.br/o-estado-mericano-desenhou-o-vale-do-rio-tennessee/. Acesso em: 30 abr. 2024.

LOPES, Accioly. **Remeiros e romeiros do São Francisco**. Rio de Janeiro: Ed. Cátedra, 1978.

MAGALHÃES, José Vieira Couto de. **Viagem ao Araguaia**. 4. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1938.

MARANHÃO, Antonio. **Batismo sem sal**. Poesias. Conceição do Araguaia – PA: 1997.

MARTINHO de Nantes, Pe. **Relação de uma missão no Rio São Francisco**. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

MATTOS, Joaquim Francisco de. **Os caminhos de Goiás**. São Paulo: Ed. Comercial Safady. 1980.

MATTOS, Raymundo José da Cunha. Chorographia histórica da província de Goiáz. **Revista Trimestral do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brasil**. Arraial de Trahiras, t. 37, 2. trimestre, 1874.

MENDES, Maria Cecília. **O Rio Parnaíba**: as manifestações culturais e a formação do Imaginário Piauiense. Teresina: [*s.n.*], 2005.

MIRANDA, Agenor Augusto de. O Rio São Francisco: como base do desenvolvimento econômico do nosso vasto interior. 2. ed. ilustrada. São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional, 1941. (Brasiliana: Bibliotbeca Pedagógjca Brasileira, série 5, v. 62). Disponível em: https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/144/1/62%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf. Acesso em: 11 jun. 2024.

MIRANDA, Reginaldo. **São Gonçalo da Regeneração**: marchas e contramarchas de uma comunidade sertaneja. Teresina: [*S. n.*], 2004.

LEITE MORAES, Herculano. **Visão histórica da literatura piauiense**. 6. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2018. (Coleção Centenário n. 71).

MORAES, J. A. Almeida Leite: **Apontamentos de viagem**: introdução, cronologia e notas Antônio Cândido. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MOTTA, Eduardo Jorge de Oliveira; GONÇALVES, Ney E. Wanderley (org.). **Plano nascente do São Francisco**: plano de preservação e recuperação de nascentes da bacia do rio São Francisco. Brasília, DF: IABS, 2015. 124 p.

MOTTA, Eduardo Jorge de Oliveira; GONÇALVES, Ney E. Wanderley (org.). **Plano nascente Parnaíba**: plano de preservação e recuperação de nascentes da bacia do rio Parnaíba. Brasília, DF: IABS, 2016. 174 p.

NASCIMENTO, Renan Loureiro Xavier. **São Francisco**. Brasília: Codevasf, 2023. Disponível em: https://www.codevasf.gov.br/area-de-atuacao/bacia-hidrografica/sao-francisco. Acesso em: 30 abr. 2024.

NEVES, Zanoni. Os remeiros do São Francisco na literatura. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 155-210, 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ra/a/tyjtkXVzvcFDqw87tH4qznQ/. Acesso em: 25 abr. 2024.

NOVAES, Manoel Cavalcanti de. **Memórias do São Francisco**. Brasília: Codevasf. 1989.

NUNES, Odilon. **Pesquisa para história do Piauí**. Rio de Janeiro: Artenova, 1972.

NUNES, Manoel Paulo. **Tradição e invenção III**: discursos acadêmicos. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2001.

OLIVEIRA, Carlos Hermínio de Aguiar. **Luzes do Farol de Cordouan para o Rio São Francisco**: um promissor diálogo técnico-científico entre o Brasil e França na área de gestão de recursos hídricos - uma homenagem aos 46 anos da Codevasf. Aracaju: Segrase, 2020. 405 p.

PADILHA, Antônio de Santana. **Petrolina no tempo, no espaço, na vez**. Recife: Centro de Estudos de História Municipal, 1982.

PALACIN, Luiz, Pe.; Maria Augusta Sant'Anna Moraes**. História de Goiás**, 3. ed. Goiânia: UCG, 1981.

PARDAL, Paulo. **Carrancas do São Francisco**. Rio de Janeiro: Funarte, 1979. Disponível em: https://buscaintegrada.ufrj.br/Record/aleph-UFR01-000287504/Details. Acesso em: 11 de jun. 2024.

PARENTE, Temes Gomes. **Fundamentos históricos do estado do Tocantins**. Goiânia: UFG, 1999.

PAULA, Dilma Andrade de. A Comissão do Vale do São Francisco como experimento de desenvolvimento e planejamento regional no Brasil, 1946-1950. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: ANPUH, 2011. p. 1-14. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548855456_c4ab4d5cce1641596c9fb6504bc810f7.pdf. Acesso em 20 abr. 2024.

PAULA, Dilma Andrade de. A Comissão do Vale do São Francisco: planejamento e política pública nas décadas de 1940-1950. *In*: Simpósio Nacional Estado e Poder: Cultura, 6. 2010. **Anais** [...]. São Cristóvão: UFS, 2010. Disponível em: https://www.historia.uff.br/estadoepoder/files/UFS2010Dilma.pdf. Acesso em: 29 abr. 2024.

PEIXOTO, Elane Ribeiro; PALAZZO, Pedro P.; DERNTL, Maria Fernanda; TREVISAN, Ricardo. Tempos e escalas da cidade e do urbanismo. *In*: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 13., 2014, Brasília. [**Anais**]. Brasília: Editora FAU–UnB, 2014. Disponível em: https://shcu2014.com.br/poster/393.html#fnref:3. Acesso em: 29 abr. 2024.

PENEDO: história e fotos. Penedo: Prefeitura de Penedo, 2015. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/penedo/historico. Acesso em: 6 maio 2024.

PENSO, Cândido; Orlandini, Reginaldo. **Bispo e Fotógrafo**. Goiânia: Líder. 1996.

PESSIS, Anne-Marie. **Imagens da pré-história** = Images de la préhistoire = Images from pre-history. [São Raimundo Nonato, PI]: FUMDHAM, c2003. 307 p.

PESSOA, André. **Piauí**: terra querida, filha do sol do Equador. 1. ed. Teresina: Halley Gráfica e Editora, 2022.

PIERSON, Donald. **O homem no vale do São Francisco**, Rio de Janeiro: SUVALE, 1972.

POHL, Johann Emanuel. **Viagem no interior do Brasil**: empreendida nos anos de 1817 a 1821. Rio de Janeiro: MEC-INL. 1951.

PORTELA, Eloi. **O corredor de transporte do Piauí**. Brasília: Gráfica do Senado, 1998.

PORTO, Leila Lopes da Mota Alves; MOTTA, Eduardo Jorge de Oliveira; SOUZA, Camilo Cavalcante de (org.). **Plano Nascente Itapecuru**: plano de preservação e recuperação de nascentes da bacia do rio Itapecuru. 2 ed. Brasília, DF: Codevasf, 2019. 180 p. Disponível em: https://www.codevasf.gov.br/acesso-a-informacao/institucional/biblioteca-geraldo-rocha/publicacoes. Acesso em: 6 maio 2024.

PORTO, Leila Lopes da Mota Alves; MOTTA, Eduardo Jorge de Oliveira; SOUZA, Camilo Cavalcante de (org.). **Plano Nascente Mearim**: plano de preservação e recuperação de nascentes da

bacia do rio Mearim. 2 ed. Brasília, DF: Codevasf, 2019. 188 p. Disponível em: https://www.codevasf.gov.br/acesso-a-informacao/institucional/biblioteca-geraldo-rocha/publicacoes. Acesso em: 6 maio 2024.

QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. 119. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2023.

RAMOS, Graciliano. **Alexandre e outros heróis**. 44. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. 238 p.

RIBEIRO, Delony de Queiroz *et al*. Demandas hídricas consuntivas na unidade de planejamento hídrico do rio Itapecuru – Maranhão. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, Sobral, v. 21, n. 2, p. 348-362, 2019. DOI: https://doi.org/10.35701/rcgs.v21n2.498. Disponível em: https://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/498. Acesso em: 25 abr. 2024.

ROCHA, Geraldo. **O Rio São Francisco**: fator precípuo da existência do Brasil. São Paulo: Nacional, 1983.

ROCHA, Leandro Mendes. **O Estado e os índios**: 1850-1889. Goiânia: Ed. UFG, 1998.

ROCHA, Marlam. **Geraldo Rocha**: perfil de um patrono, [*S. l.: s. n.*], 1994.

RODRIGUES, Lysias. **O rio dos Tocantins**. Goiânia: UNIGRAF, 1978.

RODRIGUES, Lysias Augusto. **Roteiro do Tocantins**. Rio de Janeiro: José Olympio. 1943.

RONDON, Cândido Mariano da Silva. **Índios do Brasil**: das cabeceiras do rio Xingu, rios Araguaia e Oiapoque. Rio de Janeiro: CNPI, v. 2, 1953.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: veredas, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SALLES, Gilka Vasconcelos Ferreira de. **Economia e escravidão na Capitania de Goiás**. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1992.

SAMPAIO, Theodoro Fernandes. **O Rio de S. Francisco e a Chapada Diamantina**: trechos de um diário de viagem: 1879-80. Salvador: IMAN, 1998.

SANTOS, Ademir Pereira dos. Theodoro Sampaio: nos sertões e nas cidades. Salvador: Fundação Odebrecht, 2010.

SANTOS, Cineas. **O Rio**: antologia poética. Teresina: Corisco, 1980.

SARNEY, José. **Norte das águas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1979.

SILVA, Athadeu Ferreira da. Contribuição técnica, social e econômica dos perímetros públicos de irrigação para otimização de recurso hídrico. *In*: PAOLINELLI, Alysson, DOURADO NETO, Durval, MANTOVANI, Everaldon Chartuni (org.). **Agricultura irrigada no Brasil:** políticas públicas. Piracicaba: ESALQ; Viçosa: ABID, 2022. cap. 11, p. 197-202. DOI: 10.11606/9786587391212. Disponível em: https://www.esalq.usp.br/biblioteca/pdf/2.Agricultura_Irrigada_no_Brasil-políticas_públicas-Versão_Digital.pdf. Acesso em: 28 abr. 2024.

SILVA, Hermano Ribeiro da. **Nos sertões do Araguaia**: narrativas da expedição as glebas bárbaras do Brasil Central. São Paulo: Edições Cultura Brasileira, 1935.

SILVA, Otávio Barros da. **Breve história do Tocantins e de sua gente**. Araguaína: Federação das Indústrias do Estado do Tocantins, 1996.

SILVA, Wilson Dias da. **Velho Chico**: sua vida, suas lendas e sua história. Brasília: Codevasf, 1985.

SIQUEIRA FILHO, José Alves de. **Flora das caatingas do Rio São Francisco**: história natural e conservação. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, [2012].

SOUSA, Rafaela. Rio São Francisco. *In*: BRASIL Escola. [*S. l.*: entre 2006 e 2024]. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/brasil/rio-sao-francisco.htm. Acesso em: 2 maio de 2024.

TAVARES, Alexandre Vaz Tavares. **Macapá.** [Belém], 1889. Poema. Disponível em: https://lenosc.blogspot.com/2015/08/avt-e-o-dia-estadual-da-poesia.html. Acesso em: 12 maio de 2024.

TAVARES, Elisângela. Vapores apitando e aportando: Teresina ao cais. **O Dia**, Teresina, 2002. Teresina 150 anos.

TAUNAY, Afonso de D'Escragnolle. **Relatos sertanistas**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1976. (Biblioteca histórica paulista, 7)

TIERRA, Pedro. **O porto submerso**. Poesias. Brasília, DF: Editora Brisa, 2005.

TRIGUEIROS, Edilberto. **A língua e o folclore da bacia do São Francisco**. Ilustrações de J. Paulino. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.

TVA e instituições de desenvolvimento regional: contribuições para a história das ideias. Markus E. Brose (org.). Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2015. Disponível em: https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/1780/1/TVA%20e%20institui%c3%a7%c3%b5es%20de%20desenvolvimento%20regional_contribui%c3%a7%c3%b5es%20para%20a%20hist%c3%b3ria%20das%20ideias.pdf. Acesso em 26 abr. 2024.

VALLADARES, Clarival do Prado; PARDAL, Paulo. **Guarany**: 80 anos de carrancas. Rio de Janeiro: Berlendis e Vertecchia, 1981.

VEIGA, José Alencastro. **Lembranças de Goyaz**. 2. ed. Goiânia: [*S. n.*], 1985.

VILLAS BOAS, Cláudio; VILLAS BOAS, Orlando. **Xingu**: os náufragos do rio das Mortes e outras histórias. Porto Alegre: Editora Kuarup, 1988.

Amanhecer no Açude Cocorobó, Vaza-Barris, Canudos - BA, óleo 80X120cm

Utoniel
2015

Este livro foi editado sob a orientação do organizador.
As fontes utilizadas foram Sagoe UI e Margot. Referências em Calibri.
Teve impressão e acabamento na Gráfica Coronário, miolo em couché matte 150g/m²;
Capa dura em papelão nº 18, sobrecapa em couché matte 210 g/m²;
4/4 cores; tiragem de 1000 exemplares.

50 Anos
Codevasf
Legado de Desenvolvimento

CODEVASF

MINISTÉRIO DA
INTEGRAÇÃO E DO
DESENVOLVIMENTO
REGIONAL

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO